

Para Roberts

*Tudo o que
ficou para trás*

Tradução de Isabel C. Penteadó



CHÁDASCINCO
Livros com sexto sentido

*Para Carolyn Nichols,
pelo apoio e pela amizade*

PARTE UM

O AMARGO

*Vossas mulheres são, para vós, campo lavrado.
Então, achegai-vos a vosso campo lavrado, como e quando quiserdes...*

— O ALCORÃO

Ele era o homem dela, mas procedeu mal.

— «FRANKIE AND JOHNNY»

Capítulo Um

Nova Iorque, 1989

STUART SPENCER ODIAVA desmedidamente o seu quarto de hotel. A única vantagem de estar em Nova Iorque era o facto de a sua mulher se encontrar em Londres e não poder controlar se estava a seguir a dieta. Ele tinha pedido uma tosta mista ao serviço de quartos e saboreava cada dentada.

Era um homem corpulento, já a ficar careca, e não tinha a boa disposição esperada de alguém com a sua aparência. Uma bolha no calcanhar atormentava-o, bem como uma persistente inflamação das vias aéreas superiores. Depois de ter bebido metade de uma chávena de chá, decidiu, com rabugento chauvinismo britânico, que os americanos não eram capazes de fazer um chá decente, por muito que tentassem.

Ele queria um banho quente, uma chávena de bom *Earl Grey* e uma hora de sossego, mas receava que o homem agitado que estava à janela fosse obrigá-lo a adiar tudo isso... talvez indefinidamente.

— Bem, estou aqui, que diabo. — De sobrolho carregado, viu Philip Chamberlain puxar a cortina.

— Bonita vista. — Philip olhava para a parede de outro edifício. — Dá uma sensação acolhedora a este sítio.

— Philip, sinto-me na obrigação de te lembrar que não gosto de sobrevoar o Atlântico no inverno. Mais, tenho papelada em atraso à minha espera em Londres e grande parte é por tua conta e pelos teus procedimentos irregulares. Por isso, se tens informação para mim, por favor passa-ma. Imediatamente, se não for pedir muito.

Philip continuou a olhar pela janela. Estava nervoso por causa do desfecho da reunião informal que tinha solicitado, mas nada na sua postura calma deixava transparecer a tensão que sentia.

— Tenho mesmo de te levar a um espetáculo enquanto estás aqui, Stuart. Um musical. Estás a ficar rígido com a idade.

— Vai ao que interessa.

Philip largou a cortina e avançou descontraidamente em direção ao homem a quem tinha estado subordinado nos últimos anos. A sua ocupação exigia uma graça atlética e confiante. Tinha trinta e cinco anos, mas já contava um quarto de século de experiência profissional atrás de si. Nascera nos bairros degradados de Londres, porém, ainda jovem, conseguira arranjar convites para as melhores festas da sociedade, o que não tinha sido façanha pequena nos tempos anteriores à rígida consciência de separação de classes britânica ter colapsado face à incursão dos

Mods e dos Rockers. Ele sabia o que era passar fome, tal como sabia o que era encher-se de beluga. Porque preferia caviar, tinha feito de tudo para viver uma vida que o incluísse. Era bom, muito bom, no que fazia, mas o sucesso não tinha sido fácil de alcançar.

— Tenho uma proposta hipotética para ti, Stuart. — Depois de se sentar, Philip serviu-se de chá. — Deixa-me perguntar-te se ao longo dos últimos anos tenho sido uma mais-valia para ti.

Spencer deu uma dentada na tosta e esperou que esta, e Philip, não lhe causassem nenhuma indigestão. — Queres um aumento de salário?

— É uma ideia, mas não exatamente o que tenho em mente. — Ele era capaz de fazer um sorriso particularmente encantador, que podia usar com grande eficácia quando queria. E decidiu fazê-lo naquele momento. — A questão é, tem valido a pena ter um ladrão na folha de pagamentos da Interpol?

Spencer fungou, tirou um lenço de bolso e assoou-se. — De vez em quando.

Philip reparou, indagando-se se Stuart teria também reparado, que desta vez não usara o adjetivo «retirado» depois de «ladrão», e que Stuart não tinha corrigido a omissão. — Tornaste-te completamente somítico com os teus elogios.

— Não estou aqui para te lisonjear, Philip, apenas para saber por que diabo pensaste que alguma coisa seria suficientemente importante para exigir que eu voasse para Nova Iorque a meio do maldito inverno.

— Estarias interessado em dois?

— Dois quê?

— Ladrões, Stuart. — Pegou num triângulo de tosta. — Devias mesmo experimentar isto com trigo integral.

— Onde queres chegar?

Muita coisa estava dependente dos instantes seguintes, mas Philip havia vivido a maior parte da vida com o seu futuro, com o próprio pescoço, dependente das suas ações numa questão de instantes. Tinha sido ladrão, e excelente por sinal, e arrastara o comandante Stuart Spencer, e homens como ele, através de vielas e becos sem saída, de Londres a Paris, de Paris a Marrocos, de Marrocos para onde quer que estivesse o prémio seguinte. Depois dera uma reviravolta completa à sua vida e começara a trabalhar para Spencer e para a Interpol, em vez de trabalhar contra eles.

Fora uma decisão de trabalho, relembrava Philip. Tinha sido uma questão de pesar as probabilidades e o lucro. O que ele estava prestes a propor era pessoal.

— Digamos, hipoteticamente, que eu conhecia um ladrão particularmente inteligente, que conseguiu escapar à Interpol durante uma dé-

cada e que decidiu retirar-se do ativo, disposto a oferecer os seus serviços em troca de clemência.

— Estás a falar do Sombra.

Philip sacudiu meticulosamente migalhas das pontas dos dedos. Era um homem limpo, por hábito e por necessidade. — Hipoteticamente.

O Sombra. Spencer esqueceu o calcanhar dorido e o *jet lag*. Milhões de dólares em joias haviam sido roubados pela figura sem rosto do ladrão conhecido apenas como Sombra. Durante dez anos, Spencer tinha seguido o seu rasto, tinha-o perseguido e falhado. Nos últimos dezoito meses, a Interpol intensificara as investigações, chegando ao ponto de mandar um ladrão apanhar outro ladrão — Philip Chamberlain, o único homem que Spencer conhecia cujas façanhas ultrapassavam as do Sombra. O homem em quem tinha confiado, pensou Spencer numa súbita onda de fúria.

— Sabes quem ele é, raios. Sempre soubeste quem ele é e onde podemos encontrá-lo. — Stuart apoiou as mãos sobre a mesa. — Dez anos. Andamos há dez anos atrás deste homem. E, diabos te levem, há meses que és pago para o encontrar e tens andado a enganar-nos. Sempre soubeste qual era a identidade dele e onde ele estava!

— Talvez sim. — Philip esticou os longos dedos de artista. — Talvez não.

— Tenho vontade de te enfiar numa cela e de atirar a chave ao Tamisa.

— Mas não vais fazer isso, porque eu sou como o filho que nunca tiveste.

— Eu tenho um filho, raios te partam.

— Não como eu. — Inclinando-se para trás na sua cadeira, Philip continuou: — O que estou a propor-te é o mesmo acordo que tu e eu fizemos há cinco anos. Nessa altura tiveste a visão para perceber que contratares o melhor tinha vantagens significativas sobre perseguir o melhor.

— Foste contratado para apanhar este homem, não para negociar por ele. Se tens um nome, eu quero um nome. Se tens uma descrição, eu quero-a. Factos, Philip, não propostas hipotéticas.

— Não tens nada — disse abruptamente Philip. — Absolutamente nada, passados dez anos. Se eu sair deste quarto, continuarás sem nada.

— Ter-te-ei a ti. — O tom de voz de Spencer não continha qualquer emoção e foi suficientemente determinado para fazer Philip semicerrar os olhos. — Um homem com o teu gosto iria achar a prisão muito desagradável.

— Ameaças? — Um arrepio, breve mas bastante real, percorreu a pele de Philip. Ele cruzou os braços e manteve o olhar firme, agarrando-se à certeza de que Spencer estava a fazer *bluff*. Philip não estava. — Eu tenho imunidade, lembra-te? Foi esse o acordo.

— Foste tu quem mudou as regras. Dá-me o nome, Philip, e deixa-me fazer o meu trabalho.

— Tu pensas pequeno, Stuart. Foi por isso que recuperaste apenas alguns diamantes, enquanto eu roubei muitos. Se pões o Sombra na cadeia, terás apenas um ladrão na cadeia. Pensas mesmo que irás recuperar alguma coisa do que foi roubado ao longo da última década?

— É uma questão de justiça.

— Sim.

O tom de Philip tinha mudado, constatou Spencer, e pela primeira vez naquela conversa, ele baixou os olhos. Mas não por vergonha. Spencer conhecia demasiado bem Philip para acreditar por um instante que o sujeito estava minimamente envergonhado.

— É uma questão de justiça e já lá chegaremos. — Philip levantou-se de novo, demasiado inquieto para estar sentado. — Quando me entregaste este caso, aceitei-o porque este ladrão em particular interessava-me. Isso não mudou. Na verdade, pode-se dizer que o meu interesse aumentou consideravelmente. — Não serviria de nada pressionar demasiado Spencer. Era verdade que tinham desenvolvido uma admiração relutante um pelo outro ao longo dos anos, mas Spencer sempre se tinha regido, e continuaria a reger-se, pelas regras. — Digamos, ainda hipoteticamente, claro, que eu conheço a identidade do Sombra. Digamos que tivemos conversas que me levaram a acreditar que podias utilizar os talentos deste indivíduo em troca da pequena compensação de ter a ficha limpa.

— *Pequena* compensação? O filho da mãe roubou mais do que tu.

As sobrancelhas de Philip ergueram-se subitamente. De sobrolho levemente franzido, sacudiu uma migalha da manga. — Não me parece que seja necessário insultares-me. Ninguém roubou joias de valor superior às que eu roubei durante a minha carreira.

— Estás orgulhoso de ti, é? — O rosto de Spencer ruborizou assustadoramente. — Eu não me gabaria de levar vida de ladrão.

— Aí está a diferença entre nós.

— A esgueirar-me por janelas, a fazer negócios em becos escuros...

— Por favor, assim vais emocionar-me. Não, é melhor contares até dez, Stuart. Não quero ser responsável por uma subida alarmante da tua pressão arterial. — Pegou de novo no bule de chá. — Talvez esta seja uma boa altura para te dizer que enquanto andava a arrombar fechaduras, de-

envolvi um enorme respeito por ti. Calculo que ainda andasse a roubar, se não te tivesses aproximado mais cada vez que eu fazia um trabalho. Não me arrependo de como vivia, do mesmo modo que não me arrependo de ter mudado de lado.

Stuart acalmou-se o suficiente para beber o chá que Philip lhe tinha servido. — Isso é irrelevante. — Mas era capaz de reconhecer que a admissão de Philip lhe agradava. — O facto é que agora estás a trabalhar para mim.

— Eu não me esqueci. — Virou a cabeça para olhar pela janela. Estava um dia gélido e limpo que o fazia ansiar pela primavera. — Bem, continuando, — disse ele, virando-se subitamente para lançar um olhar intenso a Stuart, — enquanto fiel empregado, sinto-me na obrigação de recrutar pessoal para ti quando me cruzo com um condigno candidato.

— Um ladrão.

— Sim, e um ladrão excelente. — O seu sorriso desabrochou uma vez mais. — Para além disso, eu aposto que nem a tua, nem nenhuma outra agência de segurança, irá ter um vislumbre da verdadeira identidade deste ladrão. — Com um ar um pouco sério, inclinou-se para a frente. — Nem agora, nem nunca, Stuart, garanto-te.

— Ele vai voltar a roubar.

— Não vai haver mais nenhum roubo.

— Como podes ter a certeza?

Philip entrelaçou as mãos. A sua aliança de casamento cintilou tenuemente. — Garantirei isso pessoalmente.

— Qual é a tua ligação com ele?

— É difícil explicar. Escuta-me, Stuart. Há cinco anos que trabalho contigo, ao teu lado. Alguns trabalhos foram sujos, outros foram sujos e perigosos. Nunca te pedi nada, mas estou a pedir-te isto: imunidade para o meu hipotético ladrão.

— Não posso propriamente garantir...

— A tua palavra é garantia suficiente — disse Philip, e calou-o. — Em troca, vou até recuperar o Rubens para ti. E, melhor ainda, acredito ser capaz de te assegurar um prémio que garantirá força política suficiente para aplacar uma situação particularmente crítica.

Spencer não teve dificuldade em somar dois mais dois. — No Médio Oriente?

Philip acabou de beber o chá e encolheu os ombros. — Hipoteticamente. — Independentemente da resposta, ele tencionava levar Stuart ao Rubens e a Abdu. Contudo, nunca mostrava as cartas que tinha na mão antes do final do jogo. — Pode-se dizer que com as informações que eu

te desse, a Inglaterra poderia exercer pressão onde lhe fosse de maior utilidade.

Spencer olhou duramente para Philip. Tinham ido tão mais além da discussão sobre diamantes e rubis, crime e punição. — Estás a ultrapassar as tuas competências, Philip.

— Agradeço a preocupação. — Recostou-se outra vez porque sentiu que a maré estava a mudar. — Garanto-te que sei exatamente o que estou a fazer.

— É um jogo delicado, o que estás a fazer.

O mais delicado, pensou Philip. *O mais importante*. — Um jogo que podemos ambos vencer, Stuart.

Arquejando um pouco, Spencer levantou-se para abrir uma garrafa de whisky. Serviu-se de uma dose generosa, hesitou e depois serviu mais uma. — Diz-me o que tens, Philip. Farei o que estiver ao meu alcance.

Ele aguardou um momento, avaliando as palavras. — Vou pôr nas tuas mãos a única coisa importante para mim. Tens de te lembrar disso, Stuart. — Pôs o chá de lado e aceitou o copo de whisky. — Vi o Rubens quando estive no interior da sala do tesouro do Rei Abdu de Jaquir.

Os olhos normalmente brandos de Spencer arregalaram-se. — E que diabo estavas tu a fazer na caixa-forte do rei?!

— É uma longa história. — Philip levantou o copo num brinde a Stuart e bebeu um grande gole. — É melhor começar pelo início, com a Phoebe Spring.

Capítulo Dois

Jaquir, 1968

ENCOLHIDA DE LADO, sem conseguir adormecer de tanta excitação, Adrienne viu o relógio assinalar meia-noite. O dia do seu aniversário. Completaria cinco anos de idade. Virou-se de costas, orgulhosa e feliz. Ao seu redor, no palácio, todos dormiam, mas daí a poucas horas o Sol nasceria e o muezim subiria os degraus da mesquita para chamar os fiéis à oração. Então, começaria verdadeiramente o dia mais maravilhoso da sua vida.

Da parte da tarde haveria música, presentes e bandejas de chocolates. As mulheres vestiriam todas a sua roupa mais bonita e haveria dança. Todos compareceriam: a avó contaria as suas histórias; a tia Latifa, que estava sempre a sorrir e nunca ralhava, levaria Duja; Favel, com o seu riso alegre, levaria a sua prole. Adrienne sorriu. O alojamento das

mulheres encher-se-ia de gargalhadas e todas lhe diriam o quão bonita era.

A mãe prometera-lhe que iria ser um dia muito especial. O seu dia especial. Com a permissão do pai, de tarde haveria um passeio até à praia. Ela tinha um vestido novo, lindo, de seda listada em todos os tons do arco-íris. Adrienne mordeu o lábio e virou a cabeça para observar a mãe.

Phoebe dormia, o seu rosto como mármore ao luar e, desta vez, com uma expressão tranquila. Adrienne adorava estas ocasiões, em que a mãe lhe permitia dormir na enorme cama macia. Era um prazer muito especial. Ela aninhava-se nos braços de Phoebe a ouvir as histórias que a mãe lhe contava de lugares como Nova Iorque e Paris. Às vezes riam juntas.

Com cuidado, para não a acordar, Adrienne estendeu uma mão para afagar os cabelos da mãe. Tinha uma fascinação por eles. Pareciam fogo sobre a almofada; um deslumbrante fogo ardente. Aos cinco anos, Adrienne já era suficientemente mulher para invejar os cabelos da mãe. Os seus eram grossos e pretos como os das outras mulheres de Jaquir. Só Phoebe tinha cabelos ruivos e pele branca. Só Phoebe era americana. Adrienne era meio-americana, mas Phoebe só lhe recordava isso quando estavam a sós.

Essas coisas enfureciam o pai.

Adrienne fora bem ensinada a evitar assuntos que pudessem enfurecer o pai, embora não conseguisse entender por que motivo lembrarem-lhe que Phoebe era americana o deixava de olhar frio e lábios contraídos. Ela tinha sido uma estrela de cinema. Essa descrição confundia Adrienne, mas ela gostava da expressão. *Estrela de cinema*. As palavras faziam-na pensar em pequenas luzes num céu escuro.

A mãe tinha sido uma estrela, agora era rainha, a primeira mulher de Abdu ibn Faisal Rahman al-Jaquir, soberano de Jaquir, o xeque dos xeques. A mãe era a mais bela das mulheres, com os seus enormes olhos azuis e boca macia carnuda. Ela destacava-se de entre todas as outras mulheres do harém, fazendo-as parecer passarinhos irrequietos. Adrienne só desejava que a mãe fosse feliz. Agora que já tinha cinco anos, Adrienne esperava começar a compreender porque é que a mãe parecia tantas vezes triste e chorava quando pensava que estava sozinha.

Em Jaquir, as mulheres eram protegidas. As da Casa de Jaquir não deviam trabalhar, nem preocupar-se. Era-lhes dado tudo o que precisavam — bons aposentos, os melhores perfumes. A mãe tinha roupas e joias lindas. Tinha O Sol e a Lua.

Adrienne fechou os olhos para melhor recordar a visão deslum-

brante do colar no pescoço da mãe. O modo como o grande diamante, O Sol, cintilava e a pérola inestimável, a Lua, reluzia. Um dia, Adrienne usá-lo-ia, prometera Phoebe.

Quando fosse crescida. Confortavelmente, satisfeita com o som da respiração tranquila da mãe e os pensamentos do dia seguinte, Adrienne imaginou. Quando fosse crescida, mulher em vez de menina, colocaria o seu véu. Um dia, um marido seria escolhido para si e ela casar-se-ia. No dia do seu casamento, ela usaria O Sol e a Lua e tornar-se-ia uma esposa boa e prolífica.

Ofereceria festas às outras mulheres e servir-lhes-ia bolos com cobertura enquanto criados transportassem bandejas de chocolates. O seu marido seria atraente e poderoso, como o seu pai. Talvez fosse também rei e a valorizasse acima de todas as coisas.

Quando estava a adormecer, Adrienne encaracolou uma madeixa dos seus longos cabelos em torno do dedo indicador. Ele amá-la-ia como ela gostaria que o pai a amasse. Ela dar-lhe-ia bons filhos, muitos filhos lindos, e as outras mulheres olhariam para si com inveja e respeito. Não com pena. Não com a pena que demonstravam ter da sua mãe.

A luz do corredor acordou-a. Entrou de viés quando a porta se abriu e depois caiu num feixe ofuscante sobre o chão. Através do tule fino, que circundava a cama como um casulo, ela viu a sombra.

Primeiro veio o amor, numa explosão frustrada que ela reconhecia, mas que era demasiado nova para compreender. Depois veio o medo, o medo que seguia sempre de perto o amor que ela sentia sempre que via o pai.

Ele ia ficar zangado por vê-la ali, na cama da mãe. Ela sabia, porque as conversas no harém eram abertas, que ele raramente a visitava desde que os médicos haviam dito que Phoebe não poderia ter mais filhos. Adrienne pensou que talvez ele quisesse apenas olhar para Phoebe, que era tão linda. Mas quando ele se aproximou, o medo subiu-lhe à garganta. Rápida e silenciosamente, ela desceu da cama e agachou-se ao lado, nas sombras.

De olhos postos em Phoebe, Abdu puxou o tule. Não se tinha dado ao trabalho de fechar a porta. Ninguém se atreveria a perturbá-lo.

O luar iluminava-lhe os cabelos, o rosto. Ela parecia uma deusa, como tinha acontecido da primeira vez que a vira. O seu rosto tinha enchido o ecrã com a sua beleza deslumbrante, a sua sexualidade vincada. Phoebe Spring, a atriz americana, a mulher que os homens desejavam e temiam ao mesmo tempo, pelo seu corpo sensual e olhos inocentes. Abdu era um homem habituado a ter o melhor, o maior, o mais caro. Ele tinha-a desejado nessa altura como nunca havia desejado mulher ne-

nhumas. Tinha-a descoberto e cortejado do modo preferido pela mulher ocidental. Fizera dela sua rainha.

Ela tinha-o enfeitado. Por causa dela, ele traía a sua herança, desafiara a tradição. Tomara por esposa uma ocidental, uma atriz, uma cristã. Tinha sido castigado. Dentro dela, a sua semente havia apenas produzido uma criança, uma filha. Contudo, ela fazia com que ele a desejasse. O seu útero era estéril, mas a beleza tentava-o. Mesmo quando a fascinação se transformara em repulsa, ele continuava a desejá-la. Ela envergonhava-o, conspurcava o seu *sharaf*, a sua honra, com a ignorância no que dizia respeito ao Islão, mas o seu corpo não parava de ansiar por ela.

Quando enterrava o seu membro viril noutra mulher, era com Phoebe que imaginava estar a fazer amor, a pele de Phoebe cujo odor sentia, os gritos de Phoebe que ouvia. Era essa a sua vergonha secreta. Só por isso, seria capaz de a odiar. Mas era a vergonha pública, a única filha que ela lhe tinha dado, que o fazia desprezá-la.

Ele queria que ela sofresse, que pagasse, tal como ele sofrera, tal como ele pagara. Pegou no lençol e puxou-o.

Phoebe acordou, confusa, com o coração já aos saltos. Viu-o parado sobre si na penumbra. Inicialmente, pensou tratar-se do seu sonho em que ele voltava para si para a amar como a amara em tempos. Depois viu os olhos dele e percebeu que não se tratava de um sonho, nem de amor.

— Abdu. — Ela pensou na menina e olhou rapidamente em volta. A cama estava vazia. Adrienne tinha-se ido embora. Phoebe deu graças a Deus por isso. — É tarde — começou ela, mas a garganta estava tão seca que as palavras mal se ouviam. Numa atitude defensiva, ela estava já a deslizar para trás, os lençóis de cetim sussurrando debaixo dela à medida que se ia encolhendo. Ele não dizia nada, mas despiu o *thawb* branco. — Por favor. — Embora ela soubesse que eram inúteis, as lágrimas começaram a escorrer. — Não faças isto.

— Uma mulher não tem o direito de recusar o marido quando ele a deseja. — Só de olhar para ela, para o modo como o seu corpo maduro tremia contra as almofadas, ele sentia-se poderoso, de novo no comando do seu próprio destino. Independentemente do que ela pudesse ser, era propriedade sua — como eram as joias que ele tinha nos dedos e os cavalos nos estábulos. Agarrou-a pelo corpete da camisa de noite e puxou-a.

Escondida nas sombras ao lado da cama, Adrienne começou a tremmer.

A mãe estava a chorar. Eles estavam a brigar, a gritar um ao outro palavras que ela não entendia. O pai mantinha-se sob o luar, a sua pele

escura brilhante com uma película de suor que era fruto do desejo e não do calor sufocante. Ela nunca tinha visto o corpo de um homem, mas não estava perturbada com a visão. Ela sabia o que era o sexo e que o membro viril do pai, que parecia tão rijo e ameaçador, podia ser usado para entrar na sua mãe e fazer um filho. Ela sabia que isso trazia prazer, que o ato era algo que uma mulher desejava mais do que tudo. De facto, tinha escutado isto um milhar de vezes ao longo da sua tenra idade, pois as conversas sobre sexo no harém eram incessantes.

Mas a mãe não podia ter mais filhos, e se aquele ato trazia prazer, por que motivo estava ela a chorar e a pedir ao pai para que a largasse?

Uma mulher devia acolher o marido no leito conjugal, pensou Adrienne com os olhos cheios de lágrimas. Devia regozijar-se por ser desejada, por ser o meio gerador de crianças.

Ela ouviu a palavra *puta*. Não era uma palavra que conhecesse, mas soava feia na boca do pai e ela não iria esquecer-se dela.

— Como podes chamar-me isso? — A voz de Phoebe era interrompida por soluços enquanto ela lutava para se libertar. Em tempos ela regozijara-se com a sensação dos braços dele ao redor do seu corpo, encantara-se com a forma como a pele dele brilhava ao luar. Agora sentia apenas medo. — Nunca estive com outro homem. Só contigo. Foste tu quem desposou outra mulher mesmo depois de termos tido uma filha.

— Tu não me deste nada. — Ele enrolou os cabelos dela em torno da mão, fascinado, mas detestando o seu fogo. — Uma menina. Menos que nada. Só preciso de olhar para ela para sentir a minha desgraça.

Phoebe bateu-lhe então com força suficiente para lhe projetar a cabeça para trás. Mesmo que tivesse sido mais rápida, não haveria para onde fugir. O dorso da mão dele atingiu-a violentamente no rosto, fazendo-a girar. Tomado pelo desejo e pela fúria, Abdu rasgou-lhe a camisa de noite.

Ela tinha um corpo de deusa, a fantasia de qualquer homem. Os seios sumptuosos começaram a oscilar no momento em que o terror lhe fez disparar o coração. Ao luar, a sua pele clara brilhava, revelando já as marcas negras das mãos dele. As ancas dela eram roliças. Quando a paixão a dominava, eram capazes de se mover como relâmpagos, respondendo de igual para igual às investidas de um homem. Desavergonhada. O desejo era como uma dor dentro dele, como as garras de um demónio lacerando-o. Um candeeiro caiu sobre a mesa enquanto lutavam, espalhando vidros pelo chão.

Paralisada com horror, Adrienne viu o pai enterrar os dedos nos fartos seios brancos de Phoebe. A mãe suplicava, debatia-se. Um homem tinha o direito de bater na sua mulher. Ela não podia rejeitá-lo no leito

conjugal. Era a tradição. Contudo... Adrienne tapou com força os ouvidos para bloquear os gritos de Phoebe quando ele subiu para cima dela e a possuiu violentamente repetidas vezes.

Com o rosto molhado das próprias lágrimas, Adrienne rastejou para debaixo da cama. Pressionou as mãos contra as orelhas até estas começarem a doer, mas continuava a conseguir ouvir os grunhidos do pai, o choro desesperado da mãe. Acima da sua cabeça, a cama abanava. Ela enroscou-se numa bola, tentando ficar mais pequena; tão pequena que não seria capaz de ouvir, nem sequer existiria.

Ela nunca tinha ouvido a palavra *violação*, mas após aquela noite não precisaria que lha definissem.

— ESTÁS TÃO CALADA, ADDY. — Phoebe escovava os cabelos da filha, que chegavam à cintura, com movimentos longos e lentos. Addy. Abdu desprezava a alcunha e só tolerava o mais formal Adrienne porque a sua primogénita além de mulher era mestiça. Ainda assim, por orgulho muçulmano, ele tinha decretado que a filha teria um nome árabe. Assim sendo, em todos os documentos oficiais, «Adrienne» estava registado como Ad Riyahd An, seguido de uma quantidade de nomes de família de Abdu. Phoebe repetiu a alcunha e perguntou: — Não gostas dos teus presentes?

— Gosto muito. — Adrienne envergava o seu vestido novo, mas este já não a alegrava. Ao espelho, ela podia ver a cara da mãe atrás da sua. Phoebe tinha tapado cuidadosamente o negrão com maquilhagem, mas Adrienne conseguia ver a sombra.

— Estás linda. — Phoebe virou-a para si para a abraçar. Num outro dia, Adrienne poderia não ter reparado na força do abraço, poderia não ter reconhecido o tom de desespero na voz da mãe. — A minha princesinha. Amo-te tanto, Addy. Mais do que tudo no mundo.

Ela cheirava a flores, como as flores quentes e ricas do jardim lá fora. Adrienne inalou o odor da mãe encostando o rosto aos seus seios. Beijou-os, recordando a crueldade com que o pai os tinha tratado na noite anterior.

— Não te vais embora? Não me vais deixar?

— Onde foste buscar uma ideia dessas? — Com umas risadinhas, Phoebe empurrou-a um pouco para olhar para ela. Quando viu as lágrimas, o riso parou. — Oh, querida, o que é isto?

Infelicíssima, Adrienne pousou a cabeça no ombro de Phoebe. — Eu sonhei que ele te mandava embora. Que te ias embora e eu nunca mais te via.

As mãos de Phoebe hesitaram e depois continuaram a acariciar a menina. — Foi só um sonho, querida. Eu nunca te vou deixar.

Adrienne subiu para o colo da mãe, feliz por ser embalada e tranquilizada. Através das gelosias das janelas, dedos de luz do Sol perfumada atravessavam o quarto e penetravam no desenho do tapete. — Se eu fosse menino, ele amava-nos.

Phoebe encheu-se tão rapidamente de raiva, que foi capaz de lhe sentir o sabor na língua. Quase imediatamente, a raiva transformou-se em desespero. Mas ela era ainda uma atriz. Se não podia usar o talento para mais nada, usá-lo-ia para proteger o que era seu. — Que conversa mais tola, e ainda por cima no dia do teu aniversário. Que piada tem um menino? Eles não usam vestidos bonitos.

Adrienne deu umas risadinhas e aninhou-se mais no colo da mãe. — Se eu vestisse um vestido ao Fahid, ele ia parecer uma boneca.

Phoebe contraiu os lábios e tentou ignorar a pontada de dor. Fahid. O filho que a segunda mulher de Abdu lhe havia dado depois de ela própria ter falhado. Falhado não, disse para si mesma. Começava a pensar como uma muçulmana. Como podia ter falhado, se tinha uma filha linda nos braços?

Não me deste nada. Uma menina. Menos que nada.

Tudo, pensou Phoebe ferozmente. Dei-te tudo.

— Mamã?

— Estava a pensar. — Phoebe sorriu e tirou Adrienne do colo. — Estava a pensar que precisas de mais um presente. Um presente secreto.

— Secreto? — Adrienne bateu palmas e esqueceu as lágrimas.

— Senta-te e fecha os olhos.

Encantada, Adrienne obedeceu, contorcendo-se na cadeira enquanto tentava ser paciente. Phoebe tinha escondido o pequeno globo de vidro entre as camadas de roupa. Não tinha sido fácil levá-lo para dentro do país, mas ela estava a aprender a ser inventiva. Os comprimidos também não tinham sido tarefa fácil, os pequenos comprimidos cor-de-rosa que lhe permitiam ultrapassar cada dia. Adormeciam a dor e acalmavam o coração. Os melhores amigos da mulher. Só Deus sabia que naquele país uma mulher precisava de todos os amigos que conseguisse fazer. Se os comprimidos fossem descobertos, ela poderia ser condenada à execução pública. Se não os tivesse, não tinha a certeza se conseguiria sobreviver.

Um ciclo vicioso. A única coisa que lhe dava forças era Adrienne.

— Aqui tens. — Phoebe ajoelhou-se junto à cadeira. A menina usava um colar de safiras no pescoço e gemas cintilantes nas orelhas.

Phoebe pensava, esperava, que o pequeno presente que estava naquele momento a dar a Adrienne significasse mais. — Abre os olhos.

Era uma coisa simples, quase ridiculamente simples. Por poucos dólares, podia ser comprada durante as férias em milhares de lojas nos Estados Unidos. Os olhos de Adrienne arregalaram-se como se ela tivesse magia nas mãos.

— É neve. — Phoebe virou outra vez o globo, fazendo os flocos de neve dançarem. — Na América, neva no inverno. Bem, na maior parte dos sítios. No Natal, decoramos árvores com luzes bonitas e bolas coloridas. Pinheiros, como o que vês aqui. Uma vez andei com o meu avô num trenó como este. — Encostando a cabeça à de Adrienne, olhou para o cavalo e o trenó em miniatura no interior da esfera de vidro. — Um dia, Addy, vou levar-te lá.

— Dói?

— A neve? — Phoebe riu-se outra vez e abanou o globo. O cenário ganhou vida uma vez mais, com neve rodopiando em torno do pinheiro decorado e o homem pequenino deslizando no trenó encarnado atrás de um bonito cavalo castanho. Era uma ilusão. Tudo o que lhe restava eram as suas ilusões e uma criança para proteger. — Não. É fria e molhada. Podes construir coisas com ela. Bonecos de neve, bolas, castelos. Fica tão bonita sobre as árvores. Vês? Tal e qual aqui.

Adrienne inclinou a esfera. O pequeno cavalo castanho tinha uma perna levantada enquanto os minúsculos flocos de neve dançavam em torno da sua cabeça. — É bonito, mais do que o meu vestido novo. Quero mostrar à Duja.

— Não. — Phoebe sabia o que aconteceria se Abdu tivesse conhecimento da sua existência. O globo era um símbolo da festividade cristã. Desde o nascimento de Adrienne que ele se tinha tornado um fanático pela religião e pela tradição. — É um segredo nosso, lembras-te? Quando estivermos só nós as duas, podes olhar para ele, mas nunca, nunca quando alguém estiver por perto. — Levou o globo e escondeu-o na gaveta. — Agora está na hora da festa.

Estava calor no harém, embora as ventoinhas girassem e as gelosias estivessem fechadas contra o sol forte. A luz que vinha dos candeeiros com abat-jours em filigrana era suave e agradável. As mulheres tinham vestido as suas melhores roupas. Deixando as *abayas* e os véus negros à porta, passavam de corvos a pavões num piscar de olhos.

Juntamente com os véus, as mulheres tinham também deixado cair o silêncio e começado a conversar sobre crianças, sexo, moda e fertilidade. Pouco depois, o harém, com a sua luz suave e as almofadas luxuriantes, estava preenchido com o perfume forte das mulheres e do incenso.

Por causa da sua posição social, Adrienne cumprimentava as convidadas com um beijo em cada face enquanto eram servidos chá verde e café com especiarias em pequenas chávenas frágeis sem asa. Havia tias, primas e uma vintena de princesas de menor notoriedade, que, como as outras mulheres, exibiam com igual orgulho tanto as joias como os seus bebés, os dois principais símbolos de sucesso no seu mundo.

Adrienne achava-as lindas nos seus vestidos compridos e rumorejantes cheios de cor. Por detrás dela, Phoebe via um desfile de moda que parecia próprio do século dezoito. Ela aceitava os olhares compassivos que lhe eram dirigidos com a mesma expressão estoica com que aceitava os presunçosos. Reconhecia perfeitamente que era a intrusa ali, a mulher do Ocidente que não tinha conseguido dar um herdeiro ao rei. Não importava, dizia para si mesma, se a aceitavam, ou não. Desde que fossem amáveis para Adrienne.

Nesse ponto, ela não encontrava qualquer falha. Adrienne era uma delas, como ela própria nunca poderia ser.

Atacaram famintas o bufê, provando de tudo, usando os dedos com a frequência com que ela usava as pequenas colheres de prata. Se ficassem demasiado anafadas para os seus vestidos, comprariam outros. Eram as compras, pensou Phoebe, que ajudavam as mulheres árabes a passarem o dia, tal como eram os comprimido cor-de-rosa que a ajudavam a suportar aquela vida. Nenhum homem, à exceção do marido, pai ou irmão, veria os seus vestidos ridículos. Quando saíssem do harém, tapar-se-iam de novo, cobririam os rostos com os seus véus, esconderiam os cabelos. Fora daquelas paredes, tinham de se lembrar da *aurat*, das coisas que não podiam ser mostradas.

Que jogos que elas faziam!, pensou Phoebe com enfado. Com a sua hena, os seus perfumes e os seus anéis cintilantes. Seria possível que se considerassem felizes quando até ela, que já não se importava, conseguia ver o tédio nos seus rostos? Pedia a Deus para nunca o ver no rosto de Adrienne.

Mesmo com os seus tenros cinco anos, Adrienne tinha discernimento suficiente para assegurar que as convidadas se divertissem e se sentissem confortáveis. Já falava árabe com fluidez e musicalidade. Adrienne nunca tinha tido coragem de dizer à mãe que essa língua era mais fácil para si do que o inglês. Pensava em árabe, sentia até em árabe, e tanto os pensamentos como as emoções tinham frequentemente de ser traduzidos para inglês antes de ela poder transmiti-los à mãe.

Ela era feliz ali, naquela sala repleta de vozes e de perfume de mulheres. O mundo de que a mãe lhe falava de tempos a tempos não pas-

sava de um conto de fadas para ela. A neve era apenas uma coisa que dançava dentro de uma pequena esfera de vidro.

— Duja. — Adrienne atravessou a sala a correr para beijar a face da sua prima favorita. Duja tinha quase dez anos, para inveja e admiração de Adrienne; era quase uma mulher.

Duja abraçou-a em resposta. — O teu vestido é lindo.

— Eu sei. — Mas Adrienne não resistiu a passar uma mão pela manga do da prima.

— É de veludo — disse-lhe Duja com ares de importância. O facto de o pesado tecido ser insuportavelmente quente não era nada comparado com a imagem que ela tinha visto no seu espelho. — O meu pai comprou-mo em Paris. — Deu uma volta completa; era uma menina esguia e morena, com um rosto fino e olhos grandes. — Quando ele lá voltar, prometeu levar-me com ele.

— Verdade? — Adrienne reprimiu a inveja que crescia dentro de si. Não era nenhum segredo que Duja era a preferida do pai, o irmão do rei. — A minha mãe já lá esteve.

Por ter um coração bondoso, e estar feliz com o seu veludo, Duja acariciou os cabelos de Adrienne. — Um dia tu também irás. Se calhar quando formos crescidas, vamos as duas juntas.

Adrienne sentiu um puxão na saia. Olhou para baixo e viu o meio-irmão Fahid. Pegou-o ao colo para lhe cobrir a cara de beijos e o fazer guinchar de riso. — És o bebé mais lindo de Jaquir. — Ele era pesado, embora fosse apenas dois anos mais novo que ela, e ela teve de fazer força para suportar o seu peso. Cambaleando um pouco, levou-o até à mesa para lhe ir buscar uma sobremesa.

Os outros bebés também estavam a ser paparicados e acarinhados. As meninas da idade de Adrienne e mais novas andavam de volta dos meninos, acariciando-os e mimando-os. Desde a nascença, as mulheres eram ensinadas a dedicar o seu tempo e energia a agradar aos homens. Adrienne só sabia que adorava o irmão mais novo e que queria fazê-lo sorrir.

Phoebe não suportava isso. Viu a sua filha servir o filho da mulher que tinha ocupado o seu lugar na cama e no coração do marido. Que diferença fazia se ali a lei dizia que um homem podia desposar cinco mulheres? Não era a sua lei, não era o seu mundo. Ela vivia há seis anos naquele mundo, e podia viver mais sessenta, mas nunca seria o seu. Odiava os cheiros intensos e enjoativos daquele lugar, que era obrigada a tolerar dia após dia. Phoebe esfregou com a mão a têmpora, no local onde uma dor de cabeça começava a latejar. O incenso, as flores, perfume sobre perfume.

Ela detestava o calor, o implacável calor.

Apetecia-lhe uma bebida; não o café, nem o chá que sempre eram servidos, mas vinho. Apenas um copo de vinho fresco. Mas em Jaquir não era permitido qualquer vinho. Era permitida violação, pensou ela levando um dedo à face dorida. Violação, sim, mas vinho não. Chicoteamentos e véus, chamadas à oração e poligamia, mas nem uma gota de *Chablis* refrescante, nem um cálice de *Sancerre*.

Como era possível ter achado o país belo quando ali chegara noiva? Tinha olhado para o deserto, para o mar, para as altas paredes brancas do palácio e pensado que aquele era o lugar mais misterioso e exótico do mundo.

Estava apaixonada nessa altura. Que Deus a ajudasse, pois continuava apaixonada.

Naqueles primeiros tempos, Abdu tinha-a feito ver a beleza do seu país e a riqueza da sua cultura. Ela tinha abandonado a sua terra e os seus costumes para tentar ser o que ele queria. Mas, afinal, o que ele queria era a mulher que tinha visto no ecrã, o símbolo de sexo e inocência que ela tinha aprendido a representar. Phoebe era demasiado humana.

Abdu quisera um filho. Ela dera-lhe uma filha. Ele quisera torná-la uma filha de Alá, mas ela era, e sempre seria, produto da própria educação.

Ela não queria pensar no assunto, nele, na sua vida, nem no sofrimento. Precisava de esquecer por algum tempo. Iria tomar apenas mais um comprimido, disse para si mesma, para a ajudar a suportar o resto do dia.

Capítulo Três

POUCO ANTES DE COMPLETAR treze anos, Philip Chamberlain já era um ladrão notável. Aos dez, tinha deixado de roubar os bolsos recheados de homens de negócios remediados a caminho dos seus bancos, de corretores e de advogados, ou de assaltar as carteiras a turistas incautos que deambulavam por Trafalgar Square. Era um assaltante de casas, embora alguém que olhasse para ele visse apenas um menino bonito, apumado e um pouco magro.

Tinha mãos hábeis, olhos perspicazes e os instintos natos de um assaltante escalador de paredes. Com astúcia, artimanha e punhos fortes, evitara ser assimilado por qualquer um dos gangues de rua que vagueavam por Londres nos finais dos anos sessenta. Nem sentia a necessidade de distribuir flores e de usar colares de contas. Aos catorze anos de idade,

Philip não era *Mod* nem *Rocker*. Trabalhava agora por conta própria e não via motivos para usar um emblema de fidelidade. Era um ladrão, não um rufia, e sentia apenas desprezo por delinquentes que aterrorizavam velhotas e roubavam o seu dinheiro para os gastos diários. Ele era um homem de negócios e achava piada aos da sua geração que falavam de vida comunitária, ou tocavam guitarras em segunda mão, enquanto as suas cabeças estavam repletas de sonhos de grandeza.

Ele tinha planos para si, grandes planos.

No centro destes, estava a mãe. Tencionava esquecer a sua vida pobre e sonhava com uma casa grande no campo, um carro de luxo, roupas elegantes e festas. No decurso do último ano, tinha começado a fantasiar com mulheres igualmente elegantes. Mas, por enquanto, a única mulher da sua vida era Mary Chamberlain, a mulher que o tinha posto no mundo e criado sozinha. Mais do que tudo, ele queria dar-lhe o que de melhor a vida tinha para oferecer, substituir por verdadeiras as joias de pechisbeque que ela usava, tirá-la do minúsculo apartamento em redor do qual estava a formar-se rapidamente o elegante bairro de Chelsea.

Em Londres fazia frio. O vento lançava neve húmida contra o rosto de Philip enquanto ele caminhava apressadamente em direção ao cinema Faraday, onde Mary trabalhava. Ele vestia-se bem. Um polícia de rua raramente olhava duas vezes para um rapaz apumado, de camisa lavada. De qualquer modo, detestava calças remendadas e punhos coçados. Ambicioso, autossuficiente e sempre de olho no futuro, Philip tinha encontrado uma forma de conseguir o que queria.

Nascera pobre e sem pai. Aos catorze anos, não tinha maturidade suficiente para pensar nisso como uma vantagem, como algo que o tornara mais forte. Ressentia-se da pobreza, mas tinha um ressentimento muito maior do homem que havia passado pela vida da sua mãe e que era seu progenitor. Na sua opinião, Mary merecia melhor. E, por Deus, também ele. Em tenra idade tinha começado a usar os dedos hábeis, e a sua astúcia, para garantir que ambos conseguiriam melhor.

Tinha uma pulseira de pérolas e diamantes no bolso, junto com uns brincos de mola a condizer. Ficara um pouco dececionado depois de os examinar com a lupa de mão. Os diamantes não eram de primeira qualidade, e o maior de todos tinha menos de meio quilate. Contudo, as pérolas tinham um brilho bonito e ele estava convencido de que o seu recetador em Broad Street lhe faria um preço justo. Philip era tão bom a negociar como era a arrombar fechaduras. Ele sabia exatamente quanto queria pelas bugigangas que levava no bolso. O suficiente para comprar um casaco novo com gola de pelo à mãe pelo Natal e ficar ainda com uma quantia razoável para pôr de parte na sua poupança.

Havia uma fila sinuosa diante da bilheteira do Faraday. O anúncio luminoso noticiava o especial da temporada como sendo *Cinderela* de Walt Disney, por isso havia muitas crianças lamuriosas e superentusiasmadas com as respetivas amas e mães exaustas. Philip sorriu ao atravessar as portas. Apostava que a mãe já tinha visto o filme uma dúzia de vezes. Nada a alegrava mais do que um final «felizes para sempre».

— Mãe. — Entrou pelas traseiras da bilheteira para lhe beijar a face. Estava pouco mais quente no interior da cabina de vidro do que lá fora ao vento. Philip lembrou-se do casaco de lã vermelho que tinha visto na montra do Harrods. A mãe ficaria deslumbrante de vermelho.

— Phil. — Como sempre, o prazer iluminou os olhos de Mary quando ela olhou para o filho. Um menino muito bonito, de rosto delgado e cabelos dourados. Ao contrário de muitas mulheres, ela não sentia uma angústia súbita quando via o homem que amara tão intensamente, e por tão pouco tempo, refletido nos olhos do menino. Philip era seu. Todo seu. Nunca lhe tinha dado qualquer problema, nem enquanto bebé. Ela nunca se havia arrependido da decisão de o ter, embora estivesse sozinha, sem marido, sem família. De facto, nunca passara pela cabeça de Mary recorrer a uma daquelas minúsculas salas clandestinas onde uma mulher podia livrar-se de um problema antes de este aparecer.

Philip era para si uma alegria e assim tinha sido desde o momento da conceção. Se ela se arrependia de alguma coisa, era do facto de saber que ele estava ressentido com o pai que nunca tinha conhecido e que o procurava no rosto de todos os homens que via.

— Tens as mãos frias — disse-lhe ele. — Devias ter calçado as tuas luvas.

— Não consigo fazer os trocos com as luvas. — Mary sorriu para a jovem que levava um menino agarrado pelo pescoço. Ela nunca precisara de controlar o seu Phil daquela maneira. — Aqui tem, querida. Bom filme.

Ela trabalhava demasiado, pensou Philip. Trabalhava demasiado e demasiado tempo por tão pouco dinheiro. Embora ela fosse reservada no que dizia respeito à idade, ele sabia que ela tinha pouco mais de trinta anos. E era bonita. Podia não ter dinheiro para comprar *Mary Quant*, mas escolhia o pouco que tinha com cuidado e tinha olho para cores arrojadas. Ela adorava ver as revistas de moda e de cinema e copiar penteados. Podia remendar as suas meias, mas Mary Chamberlain era tudo menos desmazelada.

Ele continuava à espera que entrasse outro homem na vida dela

e mudasse as coisas para melhor. Olhou em volta para a minúscula cabina que cheirava sempre aos gases da rua. Ele ia mudar as coisas primeiro.

— Devias dizer ao Faraday para colocar um aquecedor melhor do que esse velho e raquítico.

— Não te preocupes com isso, Phil. — Mary estava a contar o troco para duas adolescentes aos risinhos que tentavam desesperadamente meter-se com o seu filho. Mary passou as moedas pela calha e abafou uma gargalhada. Na verdade, não podia censurá-las. Ora, tinha até apanhado a sobrinha da vizinha, que tinha uns vinte e cinco anos, a fazer-se ao Phil. A oferecer-lhe chávenas de chá. A pedir-lhe para lhe ir arranjar uma porta que chiava. Realmente, uma porta que chiava. Mary bateu com o troco na calha com força suficiente para fazer uma ama de cara arredondada resmungar.

Bem, ela ia pôr um ponto final nisso. Sabia que o seu Phil iria deixá-la um dia e que seria por causa de uma mulher. Mas não seria uma vaca de tetas gordas uma dúzia de anos mais velha. Não enquanto Mary Chamberlain fosse viva.

— Passa-se alguma coisa, mãe?

— Como? — Sobressaltada, Mary quase corou. — Não, nada, amor. Gostavas de entrar para ver o filme? O Sr. Faraday não se importa nada.

Desde que não me veja, pensou Philip com uma careta. Ele dava graças a Deus por ter há muito eliminado Faraday da sua lista de pais prováveis. — Não, obrigado. Só passei por aqui para te dizer que tenho umas coisas para fazer. Queres que traga alguma coisa do mercado?

— Dava-nos jeito uma boa galinha. — Mary soprou distraidamente as mãos quando se recostou. Estava frio na bilheteira e arrefeceria ainda mais quando o inverno se instalasse. No verão, parecia um daqueles banhos turcos sobre os quais tinha lido. Mas era o seu trabalho. Quando uma mulher tinha um filho para criar e não tinha muita instrução, agarrava-se ao que aparecia. Começou a estender a mão em direção à carteira a imitar cabedal. Nunca lhe teria passado pela cabeça surripiar uma única libra da caixa registadora.

— Ainda tenho algum dinheiro.

— Está bem. Vê se a galinha é fresca. — Entregou quatro bilhetes a uma mulher atrapalhada com dois meninos que brigavam entre si e uma menina com uns olhos enormes cheios de lágrimas.

Faltavam cinco minutos para o início do filme. Ela ia ter de ficar na bilheteira mais vinte, na eventualidade de aparecerem pessoas atrasadas. — Não te esqueças de tirar o dinheiro da galinha de dentro da

lata quando chegares a casa — disse-lhe ela, sabendo que ele não o faria. Abençoado, o filho estava sempre a enfiar lá dinheiro em vez de o tirar. — Mas não devias estar na escola?

— É sábado, mãe.

— Sábado. Sim, claro, é sábado. — Tentando não suspirar enquanto arqueava as costas, ela pegou numa das suas revistas cor-de-rosa que já tinha sido bastante manuseada. — O Sr. Faraday vai fazer um festival de homenagem ao Cary Grant no próximo mês. Até me pediu para o ajudar a escolher os filmes.

— Que bom. — A pequena bolsa de cabedal começava a pesar dentro do bolso de Philip e ele estava em pulgas para sair dali.

— Vamos começar com o meu preferido. *Ladrão de Casaca*. Ias adorar.

— Talvez — disse ele, olhando para os olhos inocentes da mãe. Perguntou-se o quanto saberia ela. Ela nunca fazia perguntas, nunca questionava os pequenos extras que ele levava para casa. Não era parva. Apenas otimista, pensou, e beijou-a de novo na face. — E se eu te levasse na tua noite de folga?

— Isso seria maravilhoso. — Ela resistiu ao impulso de lhe acariciar os cabelos, sabendo que isso iria envergonhá-lo. — A Grace Kelly também entra. Imagina, uma princesa verdadeira. Estava a pensar isso hoje de manhã, quando abri esta revista e vi um artigo sobre a Phoebe Spring.

— Quem?

— Oh, Philip. — Ela fez um estalido com a língua e dobrou a página para fora. — A Phoebe Spring. A mulher mais linda do mundo.

— A minha mãe é que é a mulher mais linda do mundo — disse ele porque sabia que ela iria rir-se e corar.

— Tens cá uma lata, menino. — Ela riu-se realmente, com bastante vontade, como ele adorava ouvi-la rir. — Mas olha bem para ela. Era atriz, uma atriz maravilhosa, mas depois casou-se com um rei. Agora está a viver com o homem dos seus sonhos no seu palácio fabuloso em Jaquir. Parece a história de um filme. Esta é a filha deles. A princesa. Ainda não tem cinco anos, mas é uma autêntica beleza, não é?

Philip olhou desinteressadamente para a fotografia. — Não passa de um bebé.

— Que estranho. A pobrezinha tem uns olhos tão tristes.

— Estás outra vez a inventar. — Fechou a mão sobre a bolsa que tinha no bolso. Deixaria a mãe com as suas fantasias, com os sonhos sobre Hollywood, realeza e limusinas brancas. Mas havia de conseguir que ela passasse numa. Que diabo, iria comprar-lhe uma. Talvez naquele

momento ela só pudesse ler sobre rainhas, mas um dia iria conseguir que vivesse como uma. — Tenho de ir.

— Diverte-te, querido. — Mary estava outra vez concentrada na sua revista. *Que menina tão bonita*, pensou novamente, e sentiu uma angústia maternal.

Capítulo Quatro

ADRIANNE ADORAVA OS *SOUKS*, os mercados públicos ao ar livre. Aos oito anos, já tinha aprendido a apreciar a diferença entre diamantes e vidro cintilante, entre rubis birmaneses e pedras preciosas de cor e qualidade inferiores. Com Jiddah, a avó, aprendeu a avaliar, com a mesma sagacidade de um mestre joalheiro, a lapidação, a pureza e a cor. Com Jiddah, deambulava durante horas a admirar as melhores gemas que os *souks* tinham para oferecer.

As joias eram a segurança que uma mulher podia usar, dizia-lhe Jiddah. De que valiam a uma mulher barras de ouro e dinheiro guardados num banco? Diamantes, esmeraldas e safiras podiam ser exibidos em pregadeiras, brincos e colares e assim uma mulher podia mostrar a sua riqueza ao mundo.

Nada dava mais prazer a Adrienne do que ver a avó a regatear nos *souks* enquanto o calor se erguia em ondas tornando o ar tremeluzente. Iam com frequência grupos de mulheres cobertas de negro, como bandos de corvos, para manusearem cordões de ouro e prata, para enfiarem anéis de pedras polidas nos dedos, ou simplesmente para examinarem o brilho de pedras preciosas através do vidro empoeirado, com os odores dos animais e das especiarias a pairarem no ar. Os *matawain* vagueavam com as suas barbas desgrenhadas de pontas tingidas com hena, prontos para punir qualquer violação da lei religiosa. Adrienne nunca receava os *matawain* quando estava com Jiddah. A antiga rainha era reverenciada em Jaquir. Tinha tido doze filhos. Quando andavam às compras, o ar estava carregado de som, com os gritos dos regateios, os zurros de burros, o barulho das sandálias no chão duro.

Quando soava a chamada à oração, os *souks* fechavam. Então as mulheres aguardavam enquanto os homens baixavam os seus rostos no solo. Adrienne ouvia os estalidos das contas de oração, de cabeça inclinada como as outras mulheres. Ela ainda não usava véu, mas já não era uma criança. Naquele final de verão mediterrânico, ela esperava, pronta para a mudança.

Tal como Jaquir. Embora o país lutasse contra a pobreza, a Casa de

Jaquir era rica. Como primogénita do rei, ela tinha direito aos símbolos e às insígnias da sua posição social. Mas o coração de Abdu nunca se abriu para ela.

A segunda mulher tinha-lhe dado duas filhas depois de Fahid. Tinha-se comentado no harém que Abdu ficara furioso depois do nascimento da segunda menina e que quase se divorciara de Leiha. Mas o príncipe herdeiro era forte e bonito. Corriam rumores de que Leiha voltaria a engravidar brevemente. Para assegurar a sua linhagem, Abdu desposara uma terceira mulher e plantara rapidamente a sua semente.

Phoebe começara a tomar um comprimido todas as manhãs. Refugiava-se agora em sonhos, a dormir ou acordada.

No harém, com a cabeça confortavelmente aninhada no joelho da mãe, os olhos languidamente semicerrados por causa do fumo do incenso, Adrienne via as primas dançar. Ela estivera na expectativa de ir às compras, talvez para comprar uma seda nova, ou uma pulseira de ouro como a que Duja lhe havia mostrado no dia anterior, mas a mãe parecera-lhe muito apática naquela manhã.

Iriam às compras no dia seguinte. Nesse dia, as ventoinhas agitavam o ar carregado de incenso enquanto os tambores marcavam um ritmo lento. Latifa tinha conseguido entrar com um catálogo da Frederick's of Hollywood. As mulheres estavam a tocar-lhe e a darem risadinhas. Conversavam, como sempre faziam, e a conversa era sobre sexo. Adrienne estava demasiado habituada às palavras diretas e às descrições entusiasmadas para se interessar. Ela gostava de ver a dança, os longos movimentos sinuosos, o fluir dos cabelos escuros, o contorcimento dos corpos.

Olhou de relance para Meri, a terceira mulher do seu pai que, pre-sonçosamente feliz com a sua grande barriga, estava sentada por perto a falar sobre parto. De cara franzida enquanto amamentava a filha mais nova, Leiha observava sub-repticiamente Meri. Fahid, um robusto menino de cinco anos, aproximou-se a exigir atenção e, sem hesitar, Leiha passou a bebé a outra mulher. O seu sorriso era triunfante quando levou o filho ao peito.

— É de admirar que eles se habituem a abusar de nós? — murmurou Phoebe.

— Mamã?

— Nada. — Distraída, acariciou os cabelos de Adrienne. O batuque do tambor ressoava dentro da sua cabeça: monótono, impiedoso, como os dias que ela passava no harém. — Na América, os bebés são amados, quer sejam meninos ou meninas. Não se espera que as mulheres passem a vida a dar à luz.

— Como é que uma tribo se mantém forte?

Phoebe suspirou. Havia dias em que já não conseguia pensar com clareza. Tinha de culpar, e agradecer, os comprimidos por esse facto. O último abastecimento custara-lhe um anel de esmeraldas, mas tinha recebido como bónus uma garrafa de vodka russa. Ela consumia-a muito parcamente, bebendo apenas um pequeno copo depois de cada vez que Abdu ia ao seu quarto. Já não lutava contra ele, já não se importava; suportava concentrando os pensamentos na consolação que iria ter com a bebida que tomaria quando ele terminasse.

Ela podia ir-se embora. Se reunisse coragem, pegaria em Adrianne e fugiria de volta ao mundo real, onde as mulheres não eram obrigadas a tapar os seus corpos com vergonha, nem a submeter-se aos caprichos cruéis dos homens. Podia voltar para a América, onde era amada, onde as pessoas enchiam cinemas para a ver. Ainda podia representar. Não estava a representar todos os dias? Na América, podia dar a Adrianne uma boa vida.

Não podia ir-se embora. Phoebe fechou os olhos e tentou bloquear o som dos tambores. Para sair de Jaquir, uma mulher precisava de autorização por escrito de um homem da sua família. Abdu nunca lha daria pois, por mais que a odiasse, desejava-a.

Ela já lhe tinha suplicado para a deixar ir, mas ele recusara. Para fugir seriam precisos milhares de dólares e um risco que ela estava quase pronta a correr. Mas nunca conseguiria fugir do país com Adrianne. Nenhum suborno era suficientemente grande para tentar um contrabandista a dar passagem ilegal à filha do rei.

E ela tinha medo. Medo do que ele pudesse fazer a Adrianne. Ele tirar-lha-ia, pensou Phoebe. Não haveria nada que ela pudesse fazer para o impedir, nenhum tribunal a que apelar, senão ao tribunal dele, nenhuma polícia a quem recorrer, senão à polícia dele. Ela nunca arriscaria perder Adrianne.

Já pensara em suicídio por mais de uma vez. A derradeira fuga. Pensava nisso como em tempos pensara no ato de amor, como algo a ser desejado, estimado, lentamente saboreado. Por vezes, nas tardes quentes e intermináveis, ela olhava fixamente para o frasco de comprimidos e indagava-se qual seria a sensação de os tomar todos, de se deixar levar completa e definitivamente para o nubloso mundo dos sonhos. Magnífico. Ela chegara até a despejá-los na mão, para os contar, para os acariciar.

Mas havia Adrianne. Sempre Adrianne.

Por isso iria ficar. Iria drogar-se até a realidade se tornar suportável e iria ficar. Mas daria a Adrianne algo que era seu.

— Quero apanhar sol — disse Phoebe abruptamente. — Vamos passear para o jardim.

Adrienne queria deixar-se ficar onde estava, serenada pelos aromas e sons, mas levantou-se obedientemente e acompanhou a mãe.

Estava um calor sufocante. Como sempre, agredia os olhos de Phoebe e fazia-a desejar ardentemente uma brisa do Pacífico. Em tempos tivera uma casa em Malibu e adorara sentar-se junto da ampla janela a contemplar as ondas do mar.

Ali havia flores exuberantes, exóticas e repletas de perfume. As paredes eram altas, para evitar que qualquer mulher que por ali se passeasse pudesse tentar um transeunte. Assim eram os costumes do Islão. Uma mulher era um fracasso ser sexual, sem força nem intelecto para guardar a sua virtude. Eram os homens quem lha guardavam.

O ar no oásis do jardim estava vivo com o canto dos pássaros. A primeira vez que Phoebe vira aquele jardim, com aquela diversidade de flores exuberantes e perfumes estonteantes, pensara que parecia saído de um filme. Ao seu redor, as areias do deserto moviam-se, mas ali havia jasmim, loendro, hibisco. Laranjeiras e limoeiros em miniatura vicejavam. Ela sabia que os seus frutos, tal como os olhos do seu marido, eram amargos.

De um modo irresistível, foi atraída para a fonte. Tinha sido um presente de Abdu para ela, quando a levara para aquele país para ser sua rainha. Um símbolo do fluxo constante do seu amor. O amor há muito secara, mas a fonte continuava a jorrar.

Ela ainda era sua mulher, a primeira das quatro que as suas leis lhe permitiam. Mas em Jaquir, o casamento dela tinha-se transformado na sua prisão. Girando o anel de diamantes que tinha no dedo, Phoebe viu a água cair para dentro do pequeno lago. Adrienne começou a lançar seixos para fazer a carpa cintilante nadar.

— Não gosto da Meri — começou Adrienne. Num mundo tão restrito como o harém, havia pouco assunto de conversa para além das outras mulheres e crianças. — Ela espeta a barriga e ri-se assim. — Ela fez uma enorme careta e Phoebe riu-se.

— Oh, és tão boa para mim. — Beijou o cimo da cabeça da filha. — A minha pequena atriz. — Ela tinha os olhos do pai, pensou Phoebe ao afastar os cabelos do rosto da filha. Ajudavam-na a lembrar-se do tempo em que ele a olhara com amor e carinho. — Na América, as pessoas iam fazer filas intermináveis para te ver.

Agradada com a ideia, Adrienne sorriu. — Como faziam para te ver?

— Sim. — Olhou de novo para a água. Por vezes era difícil recordar

a outra pessoa que havia sido. — Faziam. Eu sempre quis fazer as pessoas felizes, Addy.

— Quando a jornalista veio cá, disse que sentiam saudades tuas.

— Jornalista? — Tinha sido há dois ou três anos. Não, mais do que isso. Talvez quatro anos. Era estranho como o tempo estava a tornar-se impreciso. Abdu tinha concordado com a entrevista para calar quaisquer rumores sobre o casamento. Ela não esperara que a menina se lembrasse. Addy não teria mais de quatro ou cinco anos nessa altura. — O que achaste dela?

— Ela falava de uma maneira estranha e às vezes demasiado rápido. O cabelo era muito curto, como o de um rapaz, e era da cor da palha. Ela estava zangada porque só a deixaram tirar algumas fotografias e depois tiraram-lhe a máquina fotográfica. — Quando Phoebe se sentou num banco de mármore, Adrienne continuou a lançar seixos. — Ela disse que tu eras a mulher mais linda e invejada do mundo. Perguntou se usavas um véu.

— Tu não esqueces nada, pois não? — Phoebe também se lembrava; tinha inventado uma história sobre calor e pó e de usar um véu para proteger a pele.

— Gostei de quando ela falou sobre ti. — Adrienne também se lembrava de que a mãe tinha chorado depois de a jornalista se ter ido embora. — Ela vai voltar?

— Talvez, um dia. — Mas Phoebe sabia que as pessoas esqueciam. Havia novos rostos, novos nomes em Hollywood, e ela conhecia até alguns pois Abdu permitia que lhe fossem entregues algumas cartas. Faye Dunaway, Jane Fonda, Ann-Margret. Belas jovens atrizes a deixarem a sua marca, a ocuparem o lugar que outrora fora seu.

Tocou no próprio rosto, sabendo que agora havia rugas em torno dos olhos. Em tempos estivera nas capas de todas as revistas. As mulheres tinham pintado os cabelos como os seus. Ela tinha sido comparada a Monroe, a Gardner, a Loren. Depois deixara de ser comparada; tinha estabelecido um padrão.

— Uma vez quase ganhei um Óscar. É o prémio mais importante para uma atriz. Embora não o tenha ganho, foi uma festa maravilhosa. Toda a gente ria, falava e fazia planos. Era tudo tão diferente do Nebraska. Era lá que eu vivia quando tinha a idade que tens agora, querida.

— Onde havia neve?

— Sim. — Phoebe sorriu e estendeu os braços. — Onde havia neve. Vivia lá com os meus avós porque os meus pais tinham morrido. Eu era muito feliz, mas nem sempre o soube. Queria ser atriz, usar roupas lindas e ter montes de pessoas a adorar-me.

— Então tornaste-te estrela de cinema.

— Sim. — Phoebe roçou a face pelos cabelos de Adrienne. — Parece que foi há centenas de anos. Não nevava na Califórnia, mas eu tinha o oceano. Para mim, era um conto de fadas e eu era a princesa sobre a qual tinha lido em todos os livros de contos. Era um trabalho bastante árduo, mas eu adorava estar lá, fazer parte daquilo tudo. Tinha uma casa à beira-mar só para mim.

— Devias sentir-te sozinha.

— Não, tinha amigos e pessoas com quem falar. Ia a lugares que nunca tinha imaginado: Paris, Nova Iorque, Londres... Conheci o teu pai em Londres.

— Onde fica Londres?

— Inglaterra, na Europa. Estás a esquecer-te das tuas aulas.

— Não gosto de aulas. Gosto de histórias. — Mas puxou pela cabeça porque sabia que as aulas eram importantes para Phoebe e mais um segredo entre elas. — Em Londres vive uma rainha cujo marido é só um príncipe. — Adrienne esperou, certa de que a mãe a corrigiria desta vez. Era uma ideia tão ridícula, uma mulher a governar um país. Mas Phoebe limitou-se a sorrir e a anuir com a cabeça. — Em Londres faz frio e chove. Em Jaquir, o Sol está sempre a brilhar.

— Londres é linda. — Um dos seus maiores talentos era a capacidade para se colocar num sítio, real ou imaginário, e vê-lo nitidamente. — Pensei que era o lugar mais lindo que tinha visto. Estávamos a filmar lá e as pessoas faziam filas nas barricadas para assistir. Gritavam por mim, e às vezes eu dava-lhes autógrafos e posava para fotografias. Então conheci o teu pai. Ele era tão bonito. Tão elegante.

— Elegante?

Com um sorriso sonhador no rosto, Phoebe fechou os olhos. — Esquece. Eu estava muito nervosa porque ele era um rei, eu tinha de me lembrar do protocolo e havia fotógrafos por todo o lado. Mas, depois de termos conversado, tudo isso perdeu importância. Ele levou-me a jantar, levou-me a dançar.

— Dançaste para ele?

— Com ele. — Phoebe sentou Adrienne ao seu lado no banco. Perto dali, uma abelha zumbia preguiçosamente, embriagada com néctar. O som zunia agradavelmente nos ouvidos de Phoebe, tornado música pelo efeito dos comprimidos. — Na Europa e na América, os homens e as mulheres dançam juntos.

Adrienne semicerrou os olhos. — Isso é permitido?

— Sim, é permitido dançar com um homem, falar com um ho-

mem, apanhar boleias, ou ir ao cinema. Tantas coisas. As pessoas saem juntas em *dates*¹.

— Saem? — Adrienne ainda tinha dificuldades com o inglês. — As *dates*² são para comer.

Phoebe riu-se de novo, sonolenta ao sol. Lembrava-se de ter dançado nos braços de Abdu e de ele lhe ter sorrido. Quão fortes os traços do rosto dele. Quão suaves as suas mãos. — Estes *dates* são diferentes. Um homem convida uma mulher para sair. Ele vai a casa dela buscá-la. Às vezes leva-lhe flores. — Rosas, recordou ela sonhadamente. Abdu tinha-lhe enviado dúzias de rosas brancas. — Depois podem ir jantar, ou a um espetáculo e a uma ceia tardia. Podem ir dançar nalguma discoteca pequena cheia de gente.

— Dançaste com o meu pai porque eram casados?

— Não. Nós dançámos, apaixonámo-nos e só depois é que nos casámos. É diferente, Adrienne, e tão difícil de explicar. A maior parte do mundo não é como Jaquir.

O receio inquietante com que Adrienne vivia desde a noite em que tinha presenciado a violação da mãe dominou-a. — Tu queres voltar para lá.

Phoebe não percebeu o receio na voz da filha, apenas a própria mágoa. — Fica muito longe, Addy. Demasiado longe. Quando me casei com Abdu, deixei tudo para trás. Mais do que me apercebi na altura. Eu amava-o e ele queria-me. O dia em que nos casámos foi o mais feliz da minha vida. Ele deu-me O Sol e a Lua. — Levou uma mão ao corpete, sentindo quase o peso e o poder do colar. — Quando o usava, sentia-me uma rainha e parecia que todos aqueles sonhos que eu tinha durante a minha infância no Nebraska estavam a tornar-se realidade. Nessa altura, ele deu-me parte dele, parte do seu país. Foi muito importante para mim quando ele me colocou as pedras preciosas em volta do pescoço.

— Esse é o tesouro mais precioso de Jaquir. Isso mostrou que ele te estimava acima de qualquer outra coisa.

— Sim, houve tempos em que foi assim. Ele já não me ama, Addy.

Ela sabia isso há já muito tempo, mas recusara-se a aceitar. — Tu és mulher dele.

Phoebe olhou para a aliança de casamento, um símbolo que outrora havia tido tanta importância. — Uma de três.

— Não, ele só se casa com as outras porque precisa de filhos. Um homem tem de ter filhos.

¹ *Date*: encontro romântico. (N. da T.)

² *Date*: tâmara. (N. da T.)

Phoebe emoldurou o rosto de Adrienne com as mãos. Viu as lágrimas e o sofrimento. Talvez tivesse falado de mais, mas era tarde para voltar atrás. — Eu sei que ele te ignora e que isso te magoa. Tenta compreender que o problema não és tu, sou eu.

— Ele odeia-me.

— Não. — Mas ele odiava realmente a filha, pensou Phoebe abraçando-a. E assustava-a, o ódio frio que via nos olhos de Abdu sempre que ele olhava para Adrienne. — Não, ele não te odeia. Ele está ressentido comigo, com o que sou, com o que não sou. Tu és minha. Ele vê apenas isso quando olha para ti; ele não vê a parte de si próprio, talvez a melhor parte de si próprio, que existe em ti.

— Eu odeio-o.

O medo intensificou-se enquanto ela olhava rapidamente em redor. Estavam sozinhas no jardim, mas as vozes eram levadas pelo vento e havia sempre ouvidos à escuta. — Não debes dizer isso. Não debes sequer pensar isso. Não podes entender o que se passa entre o Abdu e eu, Addy. Não é suposto entenderes.

— Ele bate-te. — Ela recuou um pouco e os seus olhos estavam secos e subitamente envelhecidos. — Odeio-o por isso. Ele olha para mim e não me vê. Por isso odeio-o também.

— Chiu. — Sem saber o que mais fazer, Phoebe puxou a filha para os seus braços e embalou-a.

Ela não disse mais nada. Nunca fora sua intenção transtornar a mãe. Até as palavras terem sido ditas, ela nem sequer se dera conta de que as guardava no coração. Agora que tinham sido verbalizadas, aceitava-as. O ódio tinha-se enraizado ainda antes da noite em que vira o pai violar a mãe. Desde esse dia, crescera, alimentado pela negligência e pelo desinteresse que o pai demonstrava por ela, pelos insultos subtis que a separavam dos outros filhos.

Ela odiava, mas o ódio envergonhava-a. Uma criança devia reverenciar os pais. Por isso ela não tocou mais no assunto.

Nas semanas que se seguiram, Adrienne passou mais tempo do que nunca com a mãe, a passear pelo jardim, a ouvir as histórias de outros mundos. Continuavam a parecer-lhe irreais, mas ela gostava delas do mesmo modo que gostava das histórias de piratas e dragões que a avó lhe contava.

Quando Meri deu à luz uma menina e foi sumariamente castigada com o divórcio, Adrienne ficou contente.

— Estou feliz por ela se ter ido embora. — Adrienne jogava às pedrinhas com Duja. O jogo tinha sido autorizado no harém, depois de muita discussão e debate.

— Para onde vão mandá-la? — Embora Duja fosse mais velha, era sabido que Adrienne tinha muito jeito para arrancar informações.

— Ela vai ter uma casa na cidade. Uma pequenina. — Adrienne riu-se e juntou três pedrinhas com dedos ágeis. Podia ter sentido pena do destino de Meri, mas a ex-mulher do rei só tinha conseguido o desprezo das outras mulheres.

— Ainda bem que ela não vai viver aqui. — Duja sacudiu os cabelos para trás enquanto esperava a sua vez. — Agora já não vamos ouvi-la a gabar-se sobre a quantidade de vezes que o rei a visitava e as formas variadas como ele plantava a semente.

Adrienne deixou a bola cair no chão. Olhou rapidamente em volta à procura da mãe, mas como estavam a falar em árabe, ela decidiu que Phoebe não devia ter entendido. — Tu queres sexo?

— Claro. — Duja jogou as pedrinhas e depois estudou o resultado. — Quando me casar, o meu marido vai visitar-me todas as noites. Vou dar-lhe tanto prazer que ele nunca vai precisar de outra mulher. Vou ter sempre a pele macia, os seios firmes. E as pernas abertas. — Riu-se e apanhou pedrinhas.

Adrienne reparou que uma das pedrinhas tinha tremido, mas deixou passar a infração. As suas mãos eram mais ágeis do que as de Duja e era a vez de a prima ganhar. — Eu não quero sexo.

— Não sejas parva. Todas as mulheres querem sexo. A lei mantém-nos separadas dos homens porque somos demasiado fracas para resistir. Só paramos quando chegarmos à idade da avó.

— Então eu sou da idade da avó.

Riram ambas disso e regressaram ao jogo.

Duja não compreenderia, pensou Adrienne enquanto continuavam a jogar. A sua mãe não queria sexo e era jovem e linda. Leiha tinha medo de sexo porque lhe tinha dado duas filhas. Adrienne não queria porque tinha visto que era uma coisa cruel e feia.

Porém, não havia outra forma de ter bebés e ela gostava muito de bebés. Podia ser que conseguisse um marido amável que já tivesse mulheres e filhos. Assim não iria querer fazer sexo com ela e ela podia tomar conta dos bebés da casa.

Quando se cansaram do jogo, Adrienne foi ao encontro da avó e subiu para o seu colo. Jiddah era viúva e tinha sido rainha. A predileção por doces estava a custar-lhe os dentes, mas os seus olhos eram escuros e límpidos.

— Aqui está a minha bonita Adrienne. — Jiddah abriu a mão e ofereceu-lhe um chocolate embrulhado em papel de prata. Com uma risadinha, Adrienne aceitou-o. Como gostava tanto do bonito papel como

do doce, desembrulhou-o lentamente. Seguindo um hábito que sempre a acalmava, Jiddah pegou numa escova e começou a passá-la pelos cabelos de Adrienne.

— Vai visitar a bebé nova, avó?

— Claro. Amo todos os meus netos. Mesmo os que me roubam os chocolates. Porque é que a minha Adrienne está com um ar tão triste?

— Acha que o rei vai divorciar-se da minha mãe?

Jiddah tinha reparado e ficado preocupada com o facto de Adrienne já não chamar pai a Abdu. — Não sei dizer. Em nove anos não o fez.

— Se ele se divorciasse dela, nós íamos embora. Eu ia sentir muitas saudades suas.

— E eu tuas. — A menina já não era uma criança em tantos aspetos, pensou Jiddah pousando a escova. — Não deves preocupar-te com essas coisas, Adrienne. Estás a crescer. Um dia destes vou ver-te casar. Depois terei bisnetos.

— E vai dar-lhes chocolates e contar-lhes histórias.

— Sim. *Inshallah*. — Beijou os cabelos de Adrienne. Era suavemente perfumado e escuro como a noite. — E vou amá-los como te amo a ti.

Adrienne virou-se e abraçou-se ao pescoço de Jiddah. O aroma a papoilas e especiarias na sua pele era tão confortante como o contacto com o seu corpo magro. — Vou amá-la sempre, avó.

— Adrienne. *Yella*. — Fahid puxou-lhe a saia. A sua boca já estava besuntada de uma visita anterior à avó. O *thawb* de seda que a mãe lhe tinha feito estava manchado de terra. — Anda — repetiu ele em árabe, puxando outra vez.

— Ir onde? — Como estava sempre pronta para o entreter, Adrienne desceu do colo da avó e fez-lhe cócegas nas costelas.

— Quero o pião. — Ele guinchou e contorceu-se, depois deu-lhe um beijo sonoro. — Quero ver o pião.

Ela enfiou mais uma mão-cheia de chocolates no bolso antes de se deixar arrastar por ele. Correram divertidos pelos corredores fora, com Adrienne a gemer e a ofegar exageradamente enquanto Fahid a puxava pela mão. O quarto dela era mais pequeno do que a maioria, um dos insultos subtis do seu pai. A única janela dava para o final do jardim. Ainda assim, era lindo, decorado a cor-de-rosa e branco, cores escolhidas por ela. A um canto havia prateleiras. Nestas repousavam brinquedos, muitos dos quais tinham sido enviados da América por uma mulher de nome Celeste, a melhor amiga da mãe.

O pião sonoro chegara há alguns anos. Era um brinquedo simples, mas com cores muito vivas. Quando se pressionava o manípulo, fazia um agradável assobio enquanto girava rapidamente, misturando o verme-

lho, o azul e o verde. Tinha-se transformado rapidamente no brinquedo preferido de Fahid, de tal forma que Adrienne tirara-o recentemente das prateleiras e escondera-o.

— Quero o pião.

— Eu sei. Da última vez que o quiseste, bateste com a cabeça ao tentares trepar para o ir buscar quando eu não estava aqui. — E quando o rei soubera, Adrienne tinha ficado fechada no quarto de castigo durante uma semana. — Fecha os olhos.

Ele fez um sorriso rasgado e abanou a cabeça.

Sorrindo-lhe em resposta, Adrienne baixou-se até ficarem de narizes encostados. — Fecha os olhos, maninho, ou não há pião. — Ele fechou rapidamente os olhos. — Se te portares muito bem, deixo-te brincar com ele o dia todo. — Enquanto falava, recuou para longe dele e enfiou-se debaixo da cama, onde escondia os seus maiores tesouros. Quando estava a pegar no pião, Fahid apareceu debaixo da cama ao lado dela. — Fahid! — Com a irritação que as mães demonstram aos filhos preferidos, beliscou-lhe a face. — Portaste-te muito mal.

— Eu adoro a Adrienne.

Como sempre, o menino amoleceu-lhe o coração. Ela afastou-lhe delicadamente os cabelos desgrenhados do rosto e encostou o nariz à bochecha dele. — Eu adoro o Fahid. Mesmo quando ele se porta mal. — Pegou no pião e começou a recuar, mas os olhos perspicazes do menino tinham-se fixado no globo de Natal.

— Bonito. — Encantado, ele agarrou-o com as mãos pegajosas dos doces. — É meu.

— Não é teu. — Ela agarrou-o pelos tornozelos e puxou-o de debaixo da cama. — E é segredo. — Deitaram-se os dois no tapete e Adrienne colocou as suas mãos sobre as de Fahid e abanou-as. O pião ficou esquecido enquanto observavam a neve cair. — É o meu tesouro mais precioso. — Levantou-o de modo a que a luz atravessasse o vidro. — Um globo mágico.

— Mágico. — Ele ficou boquiaberto quando Adrienne o inclinou outra vez. — Deixa-me, deixa-me! — Tirou-o das mãos da irmã e levantou-se atrapalhadamente. — Mágico. Quero mostrar à minha mãe.

— Não. Fahid, não. — Adrienne levantou-se e correu atrás dele em direção à porta.

Entusiasmado com a nova brincadeira, ele deu velocidade às suas perninhas curtas e rechonchudas. O seu riso ressoava pelas paredes enquanto ele corria, brandindo a esfera de vidro como se fosse um troféu. Para manter a brincadeira animada, ele virou para o túnel que ligava o alojamento das mulheres aos aposentos do rei.

Adrienne sentiu nesse momento a primeira preocupação real, o que a fez hesitar. Como filha da casa, o túnel era-lhe proibido. Avançou com a ideia de atrair Fahid de volta com a promessa de alguma recompensa. Mas quando de súbito o riso dele cessou, ela entrou rapidamente. Ele estava esparramado no chão, lábios a tremer, aos pés de Abdu.

Abdu parecia tão alto e tão poderoso ali parado, de pernas afastadas, a olhar fixamente para o filho. O seu *thawb* branco tocava no chão onde Fahid tinha caído. A iluminação dentro do túnel era fraca, mas Adrienne conseguia ver o brilho de fúria nos olhos dele.

— Onde está a tua mãe?

— Por favor, senhor. — Adrienne precipitou-se para a frente. Manteve a cabeça inclinada em sinal de submissão enquanto o seu coração batia com força. — Eu estava a tomar conta do meu irmão.

Abdu olhou para ela; para os cabelos despenteados, a poeira no vestido, as mãos húmidas e nervosas. Podia tê-la derrubado com um movimento rápido do braço. O seu orgulho disse-lhe que ela não valia sequer isso. — Não sabes tomar conta do príncipe.

Ela não disse nada, sabendo que não era esperada qualquer resposta. Manteve a cabeça baixa para que ele não conseguisse ver o brilho da fúria nos seus olhos.

— As lágrimas não são para homens, e nunca para reis — disse ele, mas baixou-se com alguma delicadeza para levantar Fahid. Foi nessa altura que reparou no globo que o filho ainda segurava contra o peito. — Onde arranjaste isto? — A fúria estava de volta, cortante como uma espada. — Isto é proibido. — Arrancou o globo das mãos de Fahid e fê-lo choramingar. — Queres desonrar-me? Queres desonrar a nossa casa?

Como sabia que a mão do pai era capaz de bater rapidamente e com força, Adrienne entrepôs-se entre ele e o irmão. — É meu. Fui eu que lho dei.

Ela preparou-se para o golpe, mas tal não aconteceu. Em vez de fúria, deparou-se com gelo. Adrienne soube então que a fria indiferença podia ser o mais doloroso dos castigos. Os seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas, enfrentando o pai, ela conteve-as. Percebeu que ele queria que ela chorasse. Se os olhos secos eram a sua única defesa, então os seus olhos manter-se-iam secos.

— Então querias corromper o meu filho? Dar-lhe símbolos cristãos disfarçados de brinquedo? Eu devia estar à espera de traição de alguém como tu. — Atirou o globo contra a parede, estilhaçando-o. Aterrorizado, Fahid agarrou-se às pernas de Adrienne. — Volta para junto das mu-

lheres, onde é o teu lugar. De agora em diante, estás proibida de cuidar do Fahid.

Agarrou no filho e virou costas. De rosto molhado e inchado, Fahid estendeu os braços e gritou o nome dela.

Capítulo Cinco

A DESONRA TORNOU-A mais forte. Mais calada. Mais orgulhosa. Nos meses que se seguiram, Phoebe preocupou-se com Adrienne. Durante anos, Phoebe havia vivido com a própria infelicidade, usando-a como uma muleta porque não via outra opção. O seu modo de vida americano acabara quando pisara o solo do país do marido. Desde o início, as leis e as tradições de Jaquir tinham estado contra si. Ela era mulher e, como tal, apesar das suas próprias crenças, apesar dos próprios desejos, era obrigada a conformar-se.

Ao longo dos anos, Phoebe tinha encontrado um conforto para lhe aliviar o confinamento. Aos seus olhos, Adrienne era feliz, harmonizada até com a vida em Jaquir. Ela tinha uma herança, um título, uma posição que nem o desfavor do rei podia tirar-lhe. Ela tinha família, companheiras de brincadeiras. Tinha segurança.

Phoebe sabia que os ocidentais começavam a chegar em vagas a Jaquir e ao Médio Oriente, atraídos pelo petróleo. E por causa deste novo estado de coisas, ela voltou a falar com jornalistas e a desempenhar o seu papel de rainha do deserto de contos de fadas. Abdu queria o dinheiro e a tecnologia que o Ocidente traria, mesmo que detestasse os ocidentais por lhos providenciar. Com os ocidentais a chegarem aos magotes a Jaquir, haveria progresso. Com o tempo, poderia até haver libertação. Ela agarrava-se a essa esperança, já não por si, mas por Adrienne. No entanto, com o passar dos meses, começou a ver que se essas libertações chegassem realmente a Jaquir, seria demasiado tarde para beneficiarem a filha.

Adrienne obedecia sem protestar, mas já não era feliz. Brincava com as outras meninas e ouvia as histórias da avó, mas já não era uma criança. Phoebe começou a sentir, mais do que nunca, saudades de casa. Começou a sonhar com o regresso, levando consigo Adrienne; com mostrar à filha um mundo para além das leis e das limitações de Jaquir.

Mas, mesmo enquanto sonhava, não acreditava ser possível. Por isso fugia como conseguia, com calmantes e bebidas alcoólicas proibidas.

Ela não era uma mulher sofisticada. Apesar da sua ascensão no glamoroso mundo do espetáculo, tinha-se mantido praticamente a mesma menina ingênua da pequena quinta no Nebraska. Nos seus tempos de atriz, vira-se confrontada com a bebida e o uso de drogas. Mas, de uma forma inata, ela passava por cima do que era desagradável e acreditava em ilusões.

Em Jaquir, tornara-se uma viciada, embora não estivesse ciente disso. As drogas tornavam os dias suportáveis e as noites nebulosas. Vivera no Médio Oriente quase tanto tempo como na Califórnia, mas com as drogas ela perdia felizmente a noção do tempo e do facto de se ter transformado ali numa ilusão semelhante às que representava no ecrã.

Ter sido chamada aos aposentos de Abdu encheu Phoebe de medo. Já não costumavam falar em privado. Em público, quando ele assim desejava, comportavam-se como um casal saído de um romance. A deslumbrante estrela de cinema e o rei elegante. Embora Abdu detestasse máquinas fotográficas, permitia que a imprensa os fotografasse juntos. Ele pisava a fronteira delicada entre o líder tradicional da sua cultura e o símbolo do progresso. Mas dólares, marcos alemães e ienes entravam no seu país em troca de petróleo.

Abdu fora educado no Ocidente e podia jantar com presidentes e primeiros-ministros, deixando-os com a impressão de ser detentor de uma mente brilhante e aberta. Tinha sido criado em Jaquir, sob as leis islâmicas. Durante a juventude, acreditara ser possível uma fusão. Agora via o Ocidente apenas como uma ameaça, até mesmo uma abominação para Alá. Essas convicções haviam-se consolidado por causa de Phoebe. Ela era o seu símbolo de corrupção e de desonra.

Olhava para ela agora, diante de si num vestido preto que a cobria do pescoço aos tornozelos. Os cabelos estavam presos com um lenço e não havia nem uma ponta de fogo à mostra. A pele estava pálida, não tão suave como em tempos, e os olhos muito apáticos.

Drogas, pensou Abdu com repulsa. Ele sabia da sua existência, mas preferia ignorá-las.

Bateu com um dedo na borda da secretária de ébano, sabendo que, a cada instante que a fazia esperar, o medo dela aumentava. — Foste convidada para ir a Paris participar num baile de beneficência.

— Paris?

— Parece que houve uma reposição dos teus filmes. Talvez as pessoas achem divertido ver a mulher do Rei de Jaquir a expor-se.

Ela levantou abruptamente a cabeça. Ele estava a sorrir-lhe, à espera que ela protestasse para ele poder esmagar até aquela pequena deso-

bediência. Mas ela falou em voz baixa. — Houve tempos em que o Rei de Jaquir também gostava de ver Phoebe Spring.

O sorriso dele desvaneceu-se. Ele recordou com repúdio as horas que tinha passado a assistir aos filmes dela, a desejá-la. — Consideram que a tua presença seria interessante para quem vai comparecer neste evento de caridade.

Phoebe esforçava-se para manter a calma, para manter a voz controlada. — Vais permitir que eu vá a Paris?

— Tenho negócios a tratar lá. Será conveniente que a minha mulher americana me acompanhe e mostre a ligação de Jaquir com o Ocidente. Sabes o que é esperado de ti.

— Sim, sim, claro. — Não era bom parecer demasiado satisfeita, mas ela não conseguiu evitar um sorriso. — Um baile. Em Paris?

— Está a ser desenhado um vestido. Irás usar O Sol e a Lua e apresentar-te como se espera da mulher do Rei de Jaquir. Se me envergonhares, terás uma «indisposição» e serás imediatamente enviada de volta.

— Entendo perfeitamente. — A ideia de voltar a Paris, só a ideia, dava-lhe mais força. — A Adrienne...

— Já foram tomadas providências — interrompeu Abdu.

— Providências? — Ela sentiu o medo começar a apoderar-se de si. Devia ter-se lembrado de que sempre que Abdu dava com uma mão, tirava com a outra. — Que tipo de providências?

— Não te dizem respeito.

— Por favor. — Ela tinha de ser cuidadosa, muito cuidadosa. — Só quero prepará-la, certificar-me de que será um trunfo para a Casa de Jaquir. — Phoebe baixou a cabeça, mas não conseguia parar de entrelaçar os dedos. — Sou apenas uma mulher e ela é a minha única filha.

Abdu sentou-se na cadeira atrás da secretária, mas não fez sinal para que Phoebe se sentasse. — Ela irá estudar para a Alemanha. Achamos que é uma boa providência para as mulheres da sua posição antes do casamento.

— Não! Deus do Céu, Abdu, não a mandes para tão longe. — Esquecendo o orgulho, esquecendo o cuidado, ela contornou determinadamente a secretária para cair aos pés dele. — Não podes levá-la. Ela é tudo o que tenho. Tu não queres saber dela. Não te podes importar se ela ficar comigo.

Ele agarrou-a pelos pulsos e puxou-lhe as mãos, que estavam a agarrar-lhe o *thawb*. — Ela é um membro da Casa de Jaquir. O facto de o teu sangue lhe correr nas veias é apenas mais um motivo para ela ser afastada e adequadamente ensinada antes de contrair noivado com Kadeem-al-Misha.

— Noivado? — Louca de medo, Phoebe agarrou-o outra vez. — Ela não passa de uma criança. Nem em Jaquir se casam crianças.

— Ela casar-se-á no dia em que completar quinze anos. Está quase tudo resolvido. Então ela ser-me-á finalmente de alguma utilidade como esposa de um aliado. — Pegou novamente nas mãos de Phoebe, mas desta vez puxou-a contra si. — Agradece por eu não a entregar a um inimigo.

Ela estava a respirar ofegantemente, o rosto perto do dele. Por um tresloucado instante, ela teve vontade de o matar com as próprias mãos, de cravar os dedos no rosto dele e de ver o sangue escorrer. Se isso tivesse salvado Adrianne, ela tê-lo-ia feito. Mas a força nunca resultaria, nem a razão. Ela tinha ainda a astúcia.

— Perdoa-me. — Deixou-se amolecer. Os seus olhos encheram-se de lágrimas. — Sou fraca e egoísta. Estava a pensar apenas na perda da minha filha, não no quão generoso és em arranjar-lhe um bom casamento. — Voltou a ajoelhar-se, tomando cuidado para manter uma pose o mais subserviente possível, depois secou os olhos como se tivesse recuperado o bom senso. — Sou uma tola, Abdu, mas não tão tola a ponto de não ser grata. Ela aprenderá a ser uma boa esposa na Alemanha. Espero que sintas orgulho dela.

— Cumprirei o meu dever para com ela. — Gesticulou impacientemente para que ela se levantasse.

— Talvez pudesses ponderar a hipótese de ela nos acompanhar a Paris. — O coração dela batia contra as costelas quando entrelaçou as mãos. — Muitos homens preferem uma mulher que tenha viajado, que possa acompanhá-los em viagens de negócios ou de lazer, e sejam uma ajuda em vez de um empecilho. Por causa da posição que ocupa, muito será esperado da Adrianne. Eu não gostava que ela te causasse qualquer tipo de embaraço. A educação que recebeste na Europa e as experiências que tiveste lá deram-te certamente um melhor entendimento do mundo e do lugar que Jaquir nele ocupa.

O primeiro pensamento dele tinha sido rejeitar de imediato a ideia, mas as últimas palavras de Phoebe acertaram em cheio. Ele acreditava veementemente que o tempo que passara em cidades como Paris, Londres e Nova Iorque o tinham tornado melhor rei e um filho mais puro de Alá.

— Vou pensar no assunto.

Ela reprimiu a ânsia de lhe suplicar e baixou a cabeça. — Obrigada.

O coração de Phoebe ainda batia com força quando ela regressou ao quarto. Precisava de uma bebida, de um comprimido, do esquecimento. Em vez disso, deitou-se na cama e obrigou-se a pensar.

Tantos anos desperdiçados à espera que Abdu voltasse a ser o homem que tinha sido em tempos, à espera que a sua vida voltasse a ser o que era. Ela tinha permanecido em Jaquir porque ele o exigira, porque mesmo que ela tivesse conseguido, de alguma forma, fugir, ele ter-lhe-ia tirado Adrianne.

Por ter sido fraca, confusa e medrosa, vivera quase dez anos da sua vida em servidão. Adrianne, não. Adrianne, nunca. Faria o que tivesse de fazer, mas não ia ver tirarem-lhe Adrianne para ser entregue a um estranho e viver como uma autêntica prisioneira.

O primeiro passo era Paris, disse para si mesma enquanto limpava uma película de suor da testa. Levaria Adrianne para Paris e nunca mais regressariam.

— QUANDO EU FOR A PARIS, vou comprar montanhas de roupas bonitas. — Duja viu Adrianne colocar uma pulseira de ouro e tentou não sentir inveja. — O meu pai diz que vamos comer num sítio chamado Maxim's e que posso pedir tudo o que eu quiser. — Adrianne virou-se. As palmas das mãos estavam continuamente húmidas dos nervos, mas ela tinha medo de as limpar ao vestido. — Vou trazer-te um presente.

Inveja esquecida, Duja sorriu largamente. — Só um?

— Um presente especial. Nós vamos ao topo da Torre Eiffel e a um lugar onde eles têm milhares de quadros. E depois... — Levou uma mão ao estômago. — Estou enjoada.

— Se estás enjoada, não vás, para não fiques enjoada. A Leiha está amuada. — Ela disse isto apenas na expectativa de fazer Adrianne sentir-se melhor. Os criados já tinham levado as malas, por isso Duja colocou um braço em torno dos ombros de Adrianne para a levar dali para fora. — Ela quer ir, mas o rei só te leva a ti e à tua mãe. A Leiha tem de se dar por satisfeita de estar grávida outra vez.

— Se eu puder comprar presentes para o Fahid e para as minhas irmãs, tu entregas-lhos?

— Sim. — Beijou a bochecha de Adrianne. — Vou sentir saudades tuas.

— Daqui a pouco estamos de volta.

— Mas tu nunca saíste daqui.

O harém estava cheio com mulheres e o entusiasmo da viagem que só duas faziam. Havia abraços a serem trocados, risos partilhados. Phoebe estava de véu e *abaya*, as mãos entrelaçadas na zona da cintura, o rosto impassível. Os aromas pungentes e fumarentos do harém sufoca-

vam-na de tal forma que ela pensava ser quase capaz de os ver. Se Deus existia, ela nunca mais veria estas pessoas, nem este lugar. Pela primeira vez dava graças pelos lenços e pelo véu. Significava que precisava de controlar apenas os olhos.

A onda de pesar surpreendeu-a quando beijou as cunhadas, a sogra, as primas por afinidade. Todas as mulheres com quem havia vivido quase uma década.

— A Adrianne tem de ficar à janela — disse Jiddah a Phoebe quando beijou e abraçou as duas. — Para poder olhar para Jaquir quando o avião levantar. — Sorriu, satisfeita por o filho estar finalmente a mostrar algum interesse pela neta, que era, secretamente, a sua favorita. — Não comas demasiado chantilly, minha doce menina.

Adrianne sorriu e pôs-se em bicos de pés para beijar Jiddah uma última vez. — Vou comer tanto que vou ficar gorda. Quando eu voltar, não me vai conhecer.

Jiddah riu-se e deu umas palmadinhas carinhosas na bochecha de Adrianne com uma mão sumptuosamente decorada com hena. — Vou sempre conhecer-te. Vai lá agora. Volta sã e salva. *Inshallah*.

Deixaram o harém, atravessaram o jardim e saíram pelo portão exterior ao encontro do carro que as esperava. Adrianne estava demasiado ansiosa para reparar no silêncio da mãe. Ela falava ininterruptamente sobre a viagem de avião, sobre Paris, o que veriam, o que comprariam. Fazia uma pergunta e passava rapidamente à seguinte sem esperar pela resposta.

Quando chegaram ao aeroporto, Adrianne estava nauseada de tanta excitação. Phoebe estava nauseada do medo.

Até ali, a chegada dos homens de negócios do Ocidente só tinha complicado os procedimentos no aeroporto. Os aviões aterravam e descolavam com maior frequência, e o transporte em terra estava limitado a alguns táxis cujos motoristas não falavam inglês. O pequeno terminal encontrava-se já apinhado; as mulheres de um lado, os homens do outro. Americanos e europeus confusos tentavam proteger a bagagem de carregadores demasiado entusiastas, enquanto se esforçavam desesperadamente por conseguir voos de ligação que muitas vezes tinham dias de atraso. Esses czares do capitalismo eram, na maior parte das vezes, obrigados a esperar, vítimas de uma distância cultural que, ao longo dos séculos, se tinha transformado num autêntico abismo.

O ar vibrava com o ruído dos aviões e a cacofonia de vozes em diferentes línguas, que se elevavam e baixavam, muitas vezes sem se fazerem entender. Adrianne viu uma mulher sentada junto a uma pilha de malas, o rosto húmido de lágrimas e pálido de exaustão. Outra conduzia três

crianças que olhavam fixamente e apontavam para as mulheres árabes com os seus mantos e véus pretos.

— Tantos estrangeiros — murmurou Adrienne enquanto eram conduzidas pelos seus guarda-costas por entre a multidão. — Porque é que vêm para aqui?

— Pelo dinheiro. — Phoebe olhou para a direita e para a esquerda. Estava calor, tanto calor que ela receava desmaiar. Mas as suas mãos pareciam gelo. — Depressa.

Pegou na mão de Adrienne e puxou-a. O novo jato particular luxuoso de Abdu, recentemente comprado com dinheiro do petróleo, aguardava-as.

A boca de Adrienne secou quando ela o viu. — É muito pequeno.

— Não te preocupes. Estou contigo.

No interior, a cabina era bastante faustosa, apesar do tamanho. Os bancos eram estofados num luxuoso tecido cinzento-escuro; a carpete era vermelho-sangue. Os pequenos candeeiros fixados junto a cada um dos assentos tinham abat-jours de cristal. Maravilhosamente fresco, o ambiente cheirava a sândalo, o aroma preferido do rei. Criados, silenciosamente curvados, esperavam servir comida e bebidas.

Abdu estava já a bordo, a analisar com a secretária um dossiê de documentos. O seu *thawb* tinha sido despido e trocado por um fato feito por medida em Londres, mas ele usava-o com o penteado do Oriente. Quando elas entraram e se sentaram, ele nem sequer ergueu os olhos. Em vez disso, fez um sinal desatento a um dos seus homens. Pouco depois, o motor entrou em funcionamento. O estômago de Adrienne deu uma reviravolta quando o nariz se levantou no ar.

— Mamã.

— Daqui a pouco estaremos acima das nuvens. — Phoebe mantinha a voz baixa, satisfeita por Abdu estar a ignorá-las. — Tal e qual os pássaros, Addy. Vê. — Encostou a face à de Adrienne. — Jaquir está a afastar-se.

Adrienne queria vomitar, mas tinha medo de o fazer porque o pai estava com elas. Determinada, cerrou os dentes, engoliu com esforço e viu o mundo ficar cada vez mais pequeno. Passado algum tempo, o enjoo acalmou. Foi a vez de Phoebe começar a falar. Fê-lo num tom baixo que acabou por aquietar Adrienne e fazê-la adormecer. Enquanto a filha dormia encostada ao seu ombro, Phoebe fitava as águas azuis do Mediterrâneo lá em baixo e rezou.

...

PARIS ERA UM REGALO para os sentidos. Agarrada à mão da mãe, Adrienne olhava deslumbrada para tudo enquanto avançavam apressadamente pelo aeroporto. Ela sempre acreditara que as histórias que a mãe contava sobre outros lugares não passavam de contos de fadas. Ela tinha-as adorado como tal, sonhado como tal. Agora atravessava uma porta e entrava num mundo que só existira na sua imaginação.

Até a mãe estava diferente. Tinha tirado a *abaya* e o véu. Debaixo, vestia um elegante fato ocidental do mesmo tom dos olhos. O cabelo caía solto e livre, gloriosamente ruivo sobre os ombros. Ela tinha até falado com um homem, um estranho, quando haviam passado pela alfândega. Adrienne olhara com receio para o pai, à espera do seu castigo. Mas ele não fizera nada.

As mulheres andavam por ali, umas vezes sozinhas, outras vezes de braço dado com homens. Usavam saias e calças apertadas que lhes mostravam as pernas. Andavam de cabeça erguida, bamboleando as ancas, mas ninguém ficava especado a olhar para elas. Para seu espanto, viu um casal abraçar-se e beijar-se enquanto outras pessoas os acotovelavam. Não havia nenhum *matawain*, com o seu chicotes e barba de pontas tingidas com hena, para os prender.

Quando saíram do terminal, o Sol estava a pôr-se. Adrienne esperava ouvir a chamada à oração daí a pouco, mas nada ouviu. Ali havia confusão, mas era tudo mais rápido e, de algum modo, mais organizado do que a confusão no aeroporto de Jaquir. As pessoas enfiavam-se nos táxis em grupos, homens e mulheres juntos sem vergonha, nem secretismo. Phoebe teve de a puxar para dentro da limusina quando ela esticava o pescoço para ver mais.

Ver Paris ao pôr do Sol pela primeira vez. Sempre que Adrienne voltasse a pensar na cidade, lembrar-se-ia da magia daquele primeiro momento, em que a luz pairava entre o dia e a noite. Os edifícios antigos erguiam-se, rebuscados, algo femininos, com reflexos cor-de-rosa, dourados e branco suave sob o Sol poente. O enorme carro lançou-se pela avenida, deslocando-se com velocidade até ao coração da cidade. Mas não era a velocidade que a estava a deixar zozna e sem fôlego.

Ela estava convencida de que haveria música. Num lugar daqueles, tinha de haver música. Mas não arriscou pedir permissão para abrir a janela. Em vez disso, deixou-a tocar grandiosamente dentro da sua cabeça, enquanto seguiam ao longo do Sena.

Havia casais a passear de mãos dadas, os seus cabelos e as saias curtas das mulheres a ondularem ao sabor de uma brisa que cheirava a água e a flores. Que cheirava a Paris. Ela viu cafés em que pessoas se reuniam

em volta de pequenas mesas redondas e bebiam de copos que cintilavam vermelho e ouro como a luz do Sol.

Se lhe tivessem dito que o avião as tinha levado para outro planeta e para outro tempo, ela teria acreditado.

Quando o carro parou em frente do hotel, Adrienne esperou que o pai saísse. — Podemos ver mais coisas mais logo?

— Amanhã. — Phoebe apertou-lhe com tanta força a mão que ela se encolheu. — Amanhã. — Ela esforçou-se por não tiritar com o refrescante ar de final de tarde. O hotel parecia um palácio e ela estava farta de palácios.

Com o séquito de criados, de guarda-costas e de secretárias, ocuparam um piso inteiro do Crillion. Para decepção de Adrienne, ela e a mãe foram apressadamente conduzidas até à sua suite e deixadas a sós.

— Não podemos ir jantar a um sítio chamado Maxim's?

— Esta noite, não, querida. — Phoebe espreitou pelo olho da porta, onde já estava um guarda posicionado. Até em Paris seria como um harém. Quando ela se virou, o seu rosto estava pálido, mas ela sorriu e esforçou-se por manter um tom de voz descontraído. — Pedimos que nos tragam alguma coisa. O que quiseres.

— Estar aqui não é nada diferente de estar em Jaquir. — Ela olhou em redor, para a elegante suite. Tal como o alojamento das mulheres, era sumptuosa e isolada. Mas, ao contrário do harém, tinha janelas abertas para a noite. Adrienne atravessou o quarto e olhou para Paris. As luzes tinham-se acendido, conferindo à cidade um aspeto festivo, de conto de fadas. Estava em Paris, mas não fora autorizada a fazer parte da cidade. Era como se lhe tivessem dado a joia mais deslumbrante do mundo e a tivessem deixado olhar para esta por breves instantes, antes de voltarem a retirar-lha e de a trancarem num cofre.

— Addy, tens de ser paciente. — Como a filha, Phoebe foi atraída para a janela, para as luzes, para a vida nas ruas. Os seus anseios eram simplesmente maiores porque ela em tempos fora livre. — Amanhã... amanhã vai ser o dia mais emocionante da tua vida. — Abraçou-se a Adrienne e beijou-a. — Confias em mim, não confias?

— Sim, mamã.

— Juro que vou fazer o que é melhor para ti. — Apertou-a com mais força e depois soltou abruptamente Adrienne e riu-se. — Bem, agora desfruta da vista. Eu volto já.

— Onde vais?

— Vou só ao quarto ao lado. Prometo. — Sorriu, esperando assim tranquilizar ambas. — Olha pela janela, querida. Paris é linda a esta hora do dia.

Phoebe fechou a porta que separava a sala de estar do seu quarto. Era arriscado usar o telefone. Durante dias ela tinha tentado pensar numa solução melhor, mais segura. Embora tivesse precisado de alívio, não tinha tomado qualquer calmante, nem qualquer bebida, desde que Abdu havia anunciado a viagem. Há anos que não estava tão lúcida. Tão lúcida que doía. Ainda assim, não via outra solução senão usar o telefone. A sua única esperança era que Abdu não desconfiasse de traição por parte de uma mulher que tinha tolerado os seus abusos durante tanto tempo.

Pegou no auscultador. Parecia-lhe estranho na mão, como uma coisa de outro século. Ela quase riu. Era uma mulher feita, a viver no século vinte, mas há já quase uma década que não tocava num telefone. Os dedos tremiam-lhe quando marcou o número. A voz falou num francês rápido.

— Fala inglês?

— Sim, *madame*. Posso ajudá-la?

Deus existia, pensou ela quando se sentou na cama. — Quero enviar um cabograma. É urgente. Para os Estados Unidos. Para Nova Iorque.

Adrienne estava à janela, as mãos encostadas ao vidro como se apenas com a sua vontade conseguisse dissolvê-lo e tornar-se parte do mundo que corria lá fora. Passava-se algo de estranho com a mãe. O seu maior receio era que Phoebe estivesse doente e que fossem ambas enviadas de volta para Jaquir. Ela sabia que se regressassem agora, nunca mais veria um lugar como Paris. Não veria as mulheres de pernas descobertas e rostos pintados, nem os edifícios altos com as suas centenas de luzes. Achava que o pai ficaria satisfeito por ela ter visto, mas não tocado; cheirado, mas não provado. Seria mais uma forma de a castigar por ser mulher e mestiça.

Como se os seus pensamentos o tivessem invocado, ele entrou a passos largos na suite. Adrienne virou-se. Ela era pequena para a idade, tão delicada como uma boneca. Já se viam traços da beleza escura e sedutora do seu sangue beduíno. Abdu via apenas uma menina magra, de olhos grandes e boca rebelde. Como sempre, quando a viu, os seus olhos gelaram.

— Onde está a tua mãe?

— Está ali ao lado. — Quando ele avançou para a porta, Adrienne deu um rápido passo em frente. — Podemos sair esta noite?

Ele dispensou-lhe um olhar breve e desinteressado. — Vais ficar aqui.

Como ela era jovem, perseverava diante de situações em que ou-

tras pessoas recuariam. — Não é tarde. O Sol acabou de se pôr. A avó disse-me que havia tanto para fazer de noite em Paris.

Ele parou. Era raro ela atrever-se a falar-lhe e mais raro ainda ele incomodar-se a escutá-la. — Vais ficar aqui dentro. Só estás aqui porque eu permiti.

— Porquê?

O facto de ela ter tido a audácia de perguntar fê-lo semicerrar os olhos. — Os meus motivos não te dizem respeito. Ficas avisada de que se me lembrares demasiadas vezes da tua presença, livro-me pessoalmente dela.

Os olhos de Adrienne brilharam com uma mistura de dor e raiva que ela não conseguiu entender. — Sou sangue do seu sangue — disse baixinho. — Por que motivo me odeia?

— És sangue do sangue dela. — E virou-se para abrir a porta. Phoebe saiu rapidamente. Tinha as faces coradas, os olhos esbugalhados como os de uma corça quando pressente o caçador.

— Abdu. Querias falar comigo? Estava a precisar de me refrescar depois da viagem.

Ele percebeu o nervosismo. Sentiu o cheiro do medo. Agradava-lhe o facto de ela não se sentir segura, mesmo fora das paredes do harém. — Foi combinada uma entrevista. Tomaremos aqui o pequeno-almoço às nove horas com o jornalista. Irás vestir-te para a ocasião e garantir que ela está pronta.

Phoebe olhou de relance para Adrienne. — Claro. Depois da entrevista, gostava de ir fazer umas compras, talvez levar a Adrienne a um museu.

— Farás o que quiseres entre as dez da manhã e as quatro da tarde. Depois disso demandarei a tua presença.

— Obrigada. Estamos gratas pela oportunidade de visitar Paris.

— Vê se a rapariga controla a língua, ou só verá Paris através daquela janela.

Quando ele saiu, as pernas trémulas de Phoebe cederam. — Addy, por favor, não o enfureças.

— Basta-me *existir* para o enfurecer.

Quando viu as primeiras lágrimas, Phoebe abriu os braços. — És tão novinha — disse ela enquanto embalava Adrienne no colo. — Demasiado nova para isto tudo. Prometo que vou compensar-te. — Sobre a cabeça de Adrienne, o seu olhar endureceu. — Juro que vou compensar-te por tudo.

...

ELA NUNCA TINHA TOMADO uma refeição com o pai. Como tinha a resiliência de uma criança de oito anos, foi fácil para Adrienne esquecer as palavras que tinham sido ditas na noite anterior e ansiar pelo seu primeiro dia em Paris.

Se ficou desapontada por tomarem a refeição na suite, não disse nada. Gostava demasiado do vestido azul e do casaco a condizer para se queixar. Daí a uma hora, começaria verdadeiramente a sua semana em Paris.

— Vossa Alteza, não tenho palavras para agradecer esta entrevista. — A jornalista, já seduzida por Abdu, sentou-se à mesa. Adrienne manteve as mãos cruzadas sobre o colo e tentou não a fitar.

A jornalista tinha cabelos muito compridos e lisos da cor de pêsegos maduros. As suas unhas estavam pintadas de vermelho, tal como a boca. O vestido era do mesmo tom, de bom corte, e a saia do mesmo roçava-lhe pelas coxas quando ela cruzava as pernas. Falava inglês com um acentuado sotaque francês. Para Adrienne, ela era tão exótica e fascinante como uma ave da selva.

— O prazer é nosso, *Mademoiselle* Grandeau. — Abdu fez sinal para que trouxessem café. Um criado obedeceu de imediato.

— Espero que goste da sua estadia em Paris.

— Eu gosto sempre de Paris. — Abdu sorriu de uma forma que Adrienne nunca tinha visto. Parecia, subitamente, uma pessoa acessível. Então os seus olhos passaram por ela como se a sua cadeira estivesse vazia. — A minha mulher e eu estamos ansiosos por participar no baile desta noite.

— A sociedade parisiense está ansiosa por vos cumprimentar e à vossa linda esposa. — *Mademoiselle* Grandeau virou-se para Phoebe. — Os vossos fãs estão entusiasmadíssimos, Vossa Alteza. Sentem que os abandonou por amor.

O café escaldou amargamente a garganta de Phoebe enquanto ela sorria. Teria trocado todas as suas joias por um whisky. — Qualquer pessoa que já tenha estado apaixonada entenderia que nenhum sacrifício, nem nenhum risco, são demasiado grandes.

— Posso perguntar se sente algum arrependimento por ter desistido da sua promissora carreira na indústria do cinema?

Phoebe olhou para Adrienne e os seus olhos suavizaram. — Como posso arrepender-me, quando tenho tanto?

— É como um conto de fadas, não é? A bela mulher levada pelo xeque do deserto para uma terra misteriosa e exótica. Uma terra — acrescentou *Mademoiselle* Grandeau — que está a cada dia mais rica por causa do petróleo. O que pensa — perguntou a Abdu — de os ocidentais estarem a invadir o seu país?

— Jaquir é um pequeno país que acolhe com satisfação o desenvolvimento que o petróleo traz. Contudo, enquanto rei, é minha responsabilidade preservar a nossa cultura ao abrirmos as portas ao progresso.

— É óbvio que tem uma afeição pelo Ocidente, já que se apaixonou e casou com uma americana. É verdade que Vossa Alteza tem outra esposa?

Abdu levantou um copo de cristal com sumo. A sua expressão parecia amavelmente divertida, mas os dedos agarravam o copo com força. Ele desprezava ser questionado por uma mulher. — Segundo a minha religião, um homem pode ter quatro esposas, desde que consiga tratar todas de igual forma.

— Com o movimento feminista a ganhar força nos Estados Unidos e na Europa, acredita que este choque de culturas causará problemas para os países que vão realizar obras no Médio Oriente?

— Somos diferentes nas roupas e nas crenças, *mademoiselle*. O povo de Jaquir ficaria igualmente chocado com o facto de uma mulher no vosso país poder ter intimidades com um homem antes do casamento. Essa diferença não deterá o interesse financeiro de nenhum dos lados.

— Claro que não. — *Mademoiselle* Grandeau não estava ali para discutir política. Os seus leitores queriam saber se Phoebe Spring ainda era bela. Se o seu casamento ainda era romântico. Cortou um pedaço de crepe e sorriu para Adrienne. A menina era impressionante, com os olhos negros e ardentes do rei e a boca carnuda e bem esculpida de Phoebe. Embora a sua tez denunciasse os ancestrais beduínos, ela tinha a cara da mãe. As feições eram mais miúdas, mais delicadas, do que as da mulher que em tempos fora chamada de rainha amazona do cinema. A pureza da estrutura óssea, o perfil deslumbrante e a nítida vulnerabilidade eram patentes.

— Princesa Adrienne, como se sente sabendo que a vossa mãe foi considerada a mulher mais bela dos ecrãs?

Adrienne procurou as palavras certas. O breve olhar duro que recebeu do pai fê-la endireitar-se. — Sinto orgulho nela. A minha mãe é a mulher mais linda do mundo.

Mademoiselle Grandeau riu-se e comeu mais um pedaço de crepe. — Seria difícil encontrar alguém que discordasse disso. Talvez um dia siga as pisadas da vossa mãe até Hollywood. Há alguma hipótese de voltar a fazer cinema, Vossa Alteza?

Phoebe engoliu mais café e rezou para não o vomitar. — A minha prioridade é a família. — Tocou na mão de Adrienne debaixo da mesa. — Claro que estou encantada por ter sido convidada para vir cá,

para rever velhos amigos. Mas a escolha que fiz, como você disse, foi por amor. — Acima da mesa, os seus olhos foram ao encontro dos de Abdu e fitaram-nos. — Quando existe amor, há muito pouco que uma mulher não faça.

— A perda de Hollywood é, obviamente, o ganho de Jaquir. Espelha-se bastante se irá usar o colar O Sol e a Lua esta noite. É considerado um dos tesouros mais valiosos do mundo. Como qualquer grande joia, O Sol e a Lua envolve lendas, mistério e romance e as pessoas estão ansiosas por ver o lendário colar. Irá usá-lo?

— O Sol e a Lua foi um presente do meu marido no dia do nosso casamento. Em Jaquir, é considerado o preço da noiva, uma espécie de dote inverso. A seguir a Adrienne, é o presente mais precioso que Abdu me deu. — Olhou para ele outra vez com uma ponta de desafio. — Sinto orgulho em usá-lo.

— Não haverá mulher no mundo que não inveje Vossa Alteza esta noite.

Com a mão de Adrienne ainda dentro da sua, Phoebe sorriu. — Só posso dizer que há anos que não estou tão ansiosa por uma noite. Será gloriosa. — Os seus olhos fitaram de novo os de Abdu. — *Inshallah*.

COMO PHOEBE HAVIA DESCONFIADO, foram acompanhadas por dois guardas e um motorista quando saíram do hotel. Ela estava extasiada com a primeira vitória. Tinha parado na recepção e pedido o seu passaporte, no qual Adrienne viajava como menor. Os guardas conversavam, aparentemente convictos de que ela estava a fazer perguntas sobre o funcionamento de algum serviço trivial, e nem sequer repararam quando a rececionista regressou do gabinete e lhe entregou o documento envolvido numa capa de couro. Ela teria sido capaz de chorar de alegria... e porque, pela primeira vez em anos, sentia um ímpeto de orgulho, mas controlou-se para nada denunciar. Por enquanto, não tinha nenhum plano real, apenas uma intensa e nervosa determinação. Ao seu lado na limusina, Adrienne só faltava pular de excitação. Estavam agora verdadeiramente em Paris, com horas para desfrutar antes de terem de regressar ao hotel. Ela queria subir ao topo da Torre Eiffel, sentar-se num café, caminhar bastante e ouvir a música da cidade que ela apenas imaginara.

— Vamos fazer umas comprinhas. — A boca de Phoebe estava tão seca que ela teve de descolar a língua do céu da boca. — Há lojas Chanel, Dior. Espera até veres as roupas maravilhosas, Addy. As cores, os

materiais. Mas tens de te manter perto de mim, muito perto. Não quero perder-te. Não deambules. Promete-me.

— Prometo. — Adrienne sentiu o próprio nervosismo começar a crescer. Quando a mãe falava assim, muito rapidamente e com as palavras a atropelarem-se, depressa caía em depressão. Depois ficava tão calada, tão isolada, tão fechada sobre si mesma e alheia aos outros, que Adrienne ficava apavorada. Assustada com o que sabia que estaria prestes a acontecer, Adrienne manteve uma conversa animada, sempre colada a Phoebe, enquanto eram escoltadas até às lojas mais exclusivas da Europa.

Era como outro sonho, diferente da visão de Paris ao pôr do Sol. Os salões resplandeciam com mesas douradas e cadeiras de veludo. Em todos eles, elas eram recebidas com uma deferência que Adrienne nunca recebera no próprio país. Ela era paparicada por mulheres de rosto maquilhado, servida de limonada, ou chá, e pequenos biscoitos, enquanto modelos magras, com corpos de aspeto frágil, desfilavam a última moda.

Phoebe encomendou, com entusiasmo, dúzias de vestidos de cocktail de alças fininhas e camadas de contas, e fatos elegantes em seda pura e linho. Se o seu plano fosse bem-sucedido, ela não usaria nada do que estava a comprar impulsivamente. Parecia-lhe uma espécie de justiça, a mais doce e mesquinha das vinganças. Pairava de loja em loja, carregando os guardas silenciosos com caixas e sacos.

— Vamos ao Louvre antes do almoço — disse ela a Adrienne quando voltaram a instalar-se na limusina. Olhou para as horas, depois recostou-se e fechou os olhos.

— Podemos comer num café?

— Veremos. — Segurou na mão de Adrienne. — Quero que estejas feliz, querida. Feliz e em segurança. É só isso que importa.

— Gosto de estar aqui contigo. — Apesar dos biscoitos, do chá e da limonada no costureiro, ela sentia fome, mas não queria dizê-lo. — Há tanta coisa para ver. Quando me falavas de lugares como este, eu pensava que estavas a inventar histórias. É melhor do que uma história.

Phoebe abriu os olhos para olhar fixamente pela janela. Viajavam ao longo do rio na cidade mais romântica do mundo. Imprudentemente, baixou o vidro da janela e inspirou profundamente. — Sentes o cheiro, Addy?

Rindo-se, Adrienne inclinou-se mais, como um cachorrinho, para deixar a brisa bater-lhe no rosto. — A água?

— A liberdade — murmurou Phoebe. — Quero que te lembres sempre deste momento.

Quando o carro parou, Phoebe desceu lentamente, de modo régio,

sem conceder um único olhar aos guardas. Com a mão de Adrienne na sua, entrou no Louvre. Havia uma multidão de gente: estudantes, turistas, casais apaixonados. Adrienne achava-os tão fascinantes como a arte que a mãe apontava enquanto passeavam sem pressa pelas galerias. Vozes ressoavam dos tetos altos, uma variedade de tons e de sotaques. Ela viu um homem de cabelos tão compridos como os de uma mulher, que usava calças de ganga rasgadas no joelho e carregava uma mochila gasta pelo uso. Quando a viu a olhar para si, sorriu e piscou-lhe o olho, depois levantou dois dedos num V. Envergonhada, Adrienne olhou para os sapatos.

— Tanta coisa mudou — disse Phoebe. — Parece um mundo diferente. O modo de vestir das pessoas, o modo de andar. Sinto-me como Rip Van Winkle.

— Quem?

Com um som perigosamente semelhante a um soluço, Phoebe inclinou-se para a abraçar. — É só uma história. — Quando se endireitou, olhou de relance para os guardas. Estavam alguns passos atrás, entediados. — Quero que faças exatamente o que eu disser — sussurrou Phoebe. — Não faças perguntas. Segura-te bem a mim. — Antes de Adrienne poder concordar, Phoebe puxou-a para dentro de um grupo de estudantes. Deslocando-se depressa, acotovelando e empurrando quando necessário, abriu caminho pelo meio deles e correu por um longo corredor.

Ouviam-se gritos atrás dela. Sem quebrar o ritmo, pegou em Adrienne e desceu a correr um lance de escadas. Precisava de uma porta, qualquer porta que conduzisse ao exterior. Se conseguisse chegar à rua, de alguma forma sair e apanhar um táxi, teria uma hipótese. Sempre que um corredor desembocava noutra, ela seguia-o, passando a toda a velocidade por visitantes e pessoal do museu. Não interessava se estava a dirigir-se para a saída do edifício, ou se estava a entrar cada vez mais. Ela tinha despistado os guardas. Ouviu passos pesados atrás de si e correu cegamente, como uma lebre a tentar desesperadamente fugir de uma raposa.

Os quadros surgiam e desapareciam como um relâmpago enquanto ela corria. A sua respiração ofegante tornava-se mais ruidosa à medida que ela ia passando como uma flecha pela arte mais valiosa do mundo. As pessoas ficavam a olhar fixamente. Os cabelos dela tinham-se soltado e caíam revoltos e ruivos sobre os ombros. Ela viu a porta e quase tropeçou. Agarrada a Adrienne, com o coração prestes a explodir, conseguiu sair do edifício. Mas não parou de correr.

Podia sentir novamente o cheiro do rio e da liberdade. Parou, tentando recuperar o fôlego; uma linda mulher apavorada com uma criança

nos braços. Só precisou de levantar uma mão e um táxi encostou imediatamente ao passeio. — Aeroporto de Orly — conseguiu ela dizer, olhando para a direita e para a esquerda enquanto enfiava Adrienne dentro do táxi. — Depressa, por favor, depressa.

— *Oui, madame.* — O motorista levantou a boina num cumprimento e carregou no acelerador.

— Mamã, o que se passa? Porque é que fugimos? Onde vamos?

Phoebe tapou o rosto com as mãos. Agora não havia como voltar atrás. — Confia em mim, Addy. Ainda não posso explicar.

Quando Phoebe começou a tremer, Adrienne abraçou-a. Agarradas uma à outra, saíram de Paris.

O lábio de Adrienne começou a tremer quando ela ouviu o ruído de aviões. — Vamos voltar para Jaquir?

Phoebe mexeu nervosamente na carteira e deu o dobro do valor da corrida ao taxista. O medo ainda a dominava: um sabor metálico e desagradável na língua. Ele matá-la-ia se a apanhasse agora. Matá-la-ia e depois descarregaria o resto da sua vingança em cima de Adrienne.

— Não. — Agachou-se no passeio para que o seu rosto ficasse ao mesmo nível do de Adrienne. — Nunca mais vamos voltar para Jaquir. — Olhou por cima do ombro, certa de que Abdu saltaria do carro seguinte e faria das suas palavras uma mentira. — Vou levar-te para a América, para Nova Iorque. Acredita em mim, Addy, é porque te amo. Agora despacha-te.

Puxou Adrienne para o interior do aeroporto. Por instantes, o barulho e a agitação baralharam-na. Há anos que não ia a lado nenhum sozinha. Mesmo antes do casamento, havia viajado sempre com uma comitiva de publicitários, secretárias e assistentes de guarda-roupa. O pânico quase a dominou, até que ela sentiu os dedinhos tensos de Adrienne entrelaçarem-se nos seus.

Pan American. Tinha pedido a Celeste para que os bilhetes estivessem à sua espera no balcão da Pan American. Enquanto atravessava apressadamente o terminal, Phoebe rezou para que a amiga tivesse tratado de tudo. No balcão dos bilhetes, tirou o passaporte da mala e apresentou-o com o seu sorriso mais deslumbrante ao rececionista.

— Boa-tarde. Tenho dois bilhetes pré-pagos para Nova Iorque.

O sorriso ofuscou-o de tal forma que ele pestanejou. — *Oui, madame.* — Deslumbrado, examinou a papelada. — Vi os seus filmes. Você é magnífica.

— Obrigada. — Ela sentiu alguma da coragem regressar. Não tinha sido esquecida. — Está tudo em ordem com os bilhetes?

— *Pardon?* Oh, sim, sim. — Ele carimbou e rabiscou. — O número

do seu voo — disse ele, apontando para o bilhete. — A sua porta de embarque. Tem quarenta e cinco minutos.

As palmas das mãos estavam pegajosas com suor quando ela pegou nos bilhetes e os enfiou na carteira. — Obrigada.

— Espere, por favor.

Phoebe paralisou e segurou na mão de Adrienne, preparando-se para fugir.

— Pode dar-me um autógrafo?

Ela pressionou os dedos contra as pálpebras e deu uma rápida gargalhada. — Claro. Com todo o prazer. Como se chama?

— Henri, *madame*. — Entregou-lhe um pedaço de papel. — Nunca a esquecerei.

Ela assinou, como sempre fizera, numa caligrafia generosa e curvilínea. — Acredite que eu também nunca o esquecerei, Henri. — Deu-lhe o autógrafo e um sorriso. — Vem, Adrienne. Não podemos perder o avião. Deus abençoe a Celeste — disse ela enquanto caminhavam. — Ela vai encontrar-se connosco em Nova Iorque, Addy. É a minha melhor amiga.

— Como a Duja?

— Sim. — Lutando para se acalmar, ela olhou para baixo e conseguiu fazer mais um sorriso. — Sim, como a Duja é para ti. Ela vai ajudar-nos.

O terminal já não interessava a Adrienne. Ela estava com medo porque a cara da mãe estava muito pálida e a mão tremia-lhe. — Ele vai ficar muito zangado.

— Ele não te vai fazer mal. — Phoebe parou novamente e segurou Adrienne pelos ombros. — Prometo-te que independentemente do que eu precise de fazer, ele nunca te fará mal. — Então, a tensão de todos aqueles dias e noites de espera transbordou. Com uma mão sobre o estômago agitado, correu com Adrienne até à casa de banho das senhoras e vomitou violentamente.

— Mamã, por favor. — Aterrorizada, Adrienne agarrou-se à cintura de Phoebe, que estava dobrada sobre a sanita. — Temos de voltar antes que ele perceba. Dizemos que nos perdemos, que nos separámos. Ele vai ficar só um bocadinho zangado. A culpa será minha. Direi que a culpa foi minha.

— Não pode ser. — Phoebe encostou-se à porta do cubículo e esperou que a náusea passasse. — Nunca mais podemos voltar. Ele ia mandar-te embora, querida.

— Embora?

— Para a Alemanha. — Com uma mão oscilante, Phoebe encon-

trou um lenço de bolso e secou o rosto húmido. — Não vou deixá-lo mandar-te embora, casar-te com um homem que pode ser como ele. — Mais calma, Phoebe ajoelhou-se e envolveu a filha com os braços. — Recuso-me a ver-te viver uma vida igual à que fui obrigada a viver. Isso seria a minha morte.

Lentamente, o medo nos olhos de Adrienne dissipou-se. No cubículo estreito, que ainda fedia a vômito, davam início a uma nova etapa das suas vidas. Delicadamente, Adrienne ajudou Phoebe a levantar-se. — Estás melhor? Encosta-te a mim.

Phoebe estava ainda mais pálida quando embarcaram, quando finalmente se sentaram no avião com os seus cintos de segurança colocados e ouviram o ruído dos motores. O seu coração tinha deixado de bater demasiado depressa. Agora era apenas um batuque na sua cabeça, que lhe lembrava o harém e o calor sufocante. O sabor a vômito ainda perdurava na boca quando fechou os olhos.

— *Madame?* Posso servir-lhe, e à *mademoiselle*, uma bebida depois da descolagem?

— Sim. — Ela não se deu ao trabalho de abrir os olhos. — Traga alguma coisa fresca e doce para a minha filha.

— E para si?

— Um whisky — disse ela com apatia. — Duplo.

Capítulo Seis

CELESTE MICHAELS ADORAVA um bom drama. Durante a infância tomara a decisão de ser atriz; não uma atriz, simplesmente, mas uma estrela. Tinha suplicado, persuadido com jeito, amuado e adulado os pais para conseguir que lhe pagassem aulas de representação; estes acreditavam, complacentes, que a sua menina estava a atravessar uma fase. E continuaram a pensar o mesmo até quando levavam Celeste a audições, ensaios e atuações no teatro comunitário. Andrew Michaels era um contabilista que preferia olhar para a vida como um balanço de receitas e despesas. Nancy Michaels era uma bonita dona de casa que gostava de preparar sobremesas requintadas para os eventos sociais da igreja. Ambos acreditavam, mesmo depois de o teatro ter começado a ditar a sua vida, que a pequena Celeste iria acabar por superar o seu amor pela maquilhagem e pelas chamadas ao palco.

Aos quinze anos, Celeste tinha decidido que nascera para ser loura e pintara o desenxabido cabelo castanho de um tom dourado, passando esta a ser a sua imagem de marca. A mãe tinha gritado, o pai tinha-lhe

pregado um sermão. O cabelo de Celeste permanecera louro. E ela tinha conseguido o papel de Marion na produção que a sua escola secundária fizera de *O Alegre Forasteiro*.

Certa vez, Nancy queixara-se a Andrew que talvez tivesse sido capaz de lidar melhor com a situação se Celeste se tivesse envolvido com rapazes e bebida em vez de com Shakespeare e Tennessee Williams.

No dia seguinte a ter recebido o diploma do ensino secundário, Celeste mudou-se do pequeno bairro de subúrbio da sua infância, em Nova Jérсия, para Manhattan. Os pais despediram-se dela na estação de comboios com um misto de alívio e perplexidade.

Ela ia a audições, conseguindo amearhar dinheiro suficiente para pagar as aulas de representação e a renda do apartamento de quarto andar sem elevador, a virar hambúrgueres e a fritar ovos num estabelecimento de *fast food*. Casou-se aos vinte; um relacionamento que começou com uma paixão assolapada e terminou em lágrimas um ano depois. Nessa altura, Celeste já tinha deixado de olhar para trás.

Pouco mais de dez anos depois, era uma atriz de renome no teatro, com uma sucessão de êxitos atrás de si, um trio de Tonys e um apartamento de topo em Central Park West. Tinha enviado um Lincoln aos pais pelo último aniversário de casamento dos dois, mas eles continuavam convictos de que ela regressaria a Nova Jérсия quando se cansasse da representação e que assentaria com um bom rapaz metodista.

Naquele preciso momento, andando de um lado para o outro no átrio de espera do aeroporto, dava graças pelo relativo anonimato de atriz de teatro. Se as pessoas reparavam em si, o que viam era uma loura atraente, de constituição robusta e altura mediana. Não viam a maliciosa Maggie, a Gata, nem a ambiciosa Lady Macbeth. Só se Celeste quisesse.

Olhou para as horas no relógio de pulso e perguntou-se uma vez mais se Phoebe estaria no avião.

Quase dez anos, pensou, sentando-se e vasculhando a mala à procura de um cigarro. Tinham-se tornado rapidamente grandes amigas quando Phoebe fora a Nova Iorque para fazer exteriores para o primeiro filme. Celeste tinha acabado de se divorciar e andava a sentir-se um pouco em baixo. Phoebe fora como uma lufada de ar fresco, tão engraçada e doce. Cada uma tinha-se tornado a irmã que a outra não tivera; viajavam de costa a costa para se visitarem, sempre que possível, e acumulavam gigantescas contas telefónicas de longa distância, sempre que não o era.

Ninguém tinha ficado mais excitada quando Phoebe fora nomeada para um Óscar. Ninguém a tinha aplaudido com maior entusiasmo quando Celeste ganhara o seu primeiro Tony.

Eram o oposto em muitos aspetos. Celeste era firme e decidida. Phoebe era moldável e ingénua. Sem darem por isso, tinham dado equilíbrio uma à outra e construído uma amizade que para sempre estimariam.

Então Phoebe casara-se e voara para o seu reino no deserto. A troca de correspondência tinha-se tornado esporádica após o primeiro ano e depois deixara praticamente de existir. Ela tinha ficado magoada. Celeste nunca o teria admitido, mas o afastamento gradual de Phoebe tinha-a magoado muito. Superficialmente, ela encarara a questão de um modo filosófico. A sua vida era bastante preenchida e progredia da forma como havia delineado enquanto menina em Nova Jérсия. Mas havia uma parte do seu coração que sofria. Ao longo dos anos, Celeste tinha continuado a enviar presentes à menina que considerava sua afillhada e tinha-se divertido com as invulgares e formais mensagens de agradecimento que Adrienne lhe enviara.

Ela estava preparada para amar a menina. Por um lado, porque estava casada com o teatro e esse caso amoroso nunca geraria filhos. Por outro lado, porque Adrienne era filha de Phoebe.

Celeste apagou o cigarro antes de enfiar a mão num saco de compras e tirar uma boneca de porcelana de cabelos ruivos. Tinha um vestido de veludo azul debruado a branco. Celeste escolhera-a porque pensava que a menina gostaria de ter uma boneca com os cabelos da mesma cor dos da mãe. E ela não fazia ideia do que dizer à criança, nem a Phoebe.

Quando ouviu anunciarem a chegada do voo, levantou-se e começou de novo a andar de um lado para o outro. Já não faltava muito. O desembarque, a passagem pela alfândega. Não havia motivo nenhum para estar tão ansiosa.

Só que o cabograma fora muito parco de informação.

Celeste lembrava-se de cada palavra e, como uma boa atriz, acrescentava-lhes a própria inflexão.

CELESTE. PRECISO DA TUA AJUDA. POR FAVOR DEIXA DOIS BILHETES PARA NOVA IORQUE NO BALCÃO DA PAN AMERICAN DO AEROPORTO DE ORLY. VOO DAS CATORZE HORAS DE AMANHÃ. VAI ESPERAR-ME SE PUDERES. NÃO TENHO MAIS NINGUÉM. PHOEBE.

Ela viu-as assim que atravessaram as portas: a ruiva alta e atraente e a menina com cara de boneca. Estavam agarradas uma à outra, de mãos dadas, corpos roçando-se. Celeste achou estranho o facto de, por instantes, não conseguir perceber quem estava a confortar quem.

Então Phoebe levantou os olhos. Um turbilhão de emoções atravessou-lhe o rosto, o alívio predominante. Antes do alívio, Celeste tinha reconhecido o terror. Deslocando-se rapidamente, Celeste foi ao encontro dela.

— Phoebe. — Colocando tudo de lado exceto a amizade, Celeste abraçou-a com força. — É tão bom voltar a ver-te.

— Celeste, graças a Deus. Oh, graças a Deus que estás aqui.

O desespero preocupava-a muito mais do que o facto de as palavras estarem entarameladas da bebida. Com o cuidado de manter o sorriso, ela olhou para Adrienne.

— Então esta é a tua Addy. — Celeste tocou levemente nos cabelos da menina, reparando nas olheiras e nos sinais de exaustão. Vieram-lhe à mente imagens de sobreviventes de desastres: a mesma aparência apática e vulnerável de quem está em choque. — Fizeram uma longa viagem, mas já está quase a acabar. Tenho um carro à espera lá fora.

— Nunca poderei retribuir-te — começou Phoebe.

— Não sejas ridícula. — Deu um último apertão rápido a Phoebe e depois entregou o saco de compras a Adrienne. — Comprei-te um presente para comemorar a tua visita à América.

Adrienne olhou para a boneca, reunindo energia suficiente para passar lentamente um dedo pela manga do vestido. O veludo lembrava-lhe Duja, mas ela estava demasiado cansada para chorar. — É bonita. Obrigada.

Surpreendida, Celeste levantou uma sobrancelha. A criança tinha um modo de falar tão exótico e estranho como a sua aparência. — Vamos buscar as vossas malas e vamos para casa, onde poderão relaxar.

— Não temos malas. — Phoebe quase perdeu o equilíbrio, mas apoiou-se com uma mão no ombro de Celeste. — Não temos nada.

— Está bem. — As perguntas podiam esperar, decidiu Celeste, deslizando um braço em torno da cintura de Phoebe. Um rápido olhar informou-a de que a menina conseguia manter-se de pé sem ajuda. — Vamos para casa.

AO CONTRÁRIO DA SUA EXPERIÊNCIA em Paris, Adrienne reparou pouco no percurso do aeroporto até Manhattan. A limusina era silenciosa e aquecida, mas ela não conseguia relaxar. Tal como havia feito durante a longa viagem sobre o Atlântico, vigiou cuidadosamente a mãe. Enfiou a boneca que Celeste lhe tinha oferecido debaixo do braço e manteve a mão de Phoebe firmemente segura. Estava demasiado cansada para fazer perguntas, mas estava preparada para fugir.

— Passou tanto tempo. — Phoebe olhou em volta como se estivesse a sair de um transe. Sentia um pequeno tremor ao lado da boca enquanto os seus olhos passavam rapidamente de janela em janela. — Está mudada. Mas não mudou.

— Podes sempre contar com Nova Iorque. — Celeste soprou uma coluna de fumo, reparando que Adrienne observava o seu cigarro com olhos penetrantes e fascinados. — Talvez amanhã a Addy gostasse de ir dar um passeio pelo parque, ou fazer umas compras. Alguma vez andaste de carrossel, Adrienne?

— O que é isso?

— São cavalos de madeira que podemos montar, num círculo que gira ao som de música. Há um no parque em frente de minha casa. — Sorriu para Adrienne, reparando que Phoebe se sobressaltava cada vez que o carro parava. Se a mãe estava uma pilha de nervos, a menina parecia uma torre de controlo. O que iria ela dizer a uma criança que não sabia o que era um carrossel? — Não podiam ter escolhido melhor altura para vir a Nova Iorque. As lojas estão todas decoradas para o Natal.

Adrienne lembrou-se do pequeno globo de vidro e do irmão. Sentiu uma vontade súbita de deitar a cabeça no colo da mãe e chorar. Queria voltar para casa, para ver a avó e as tias, sentir os cheiros do harém. Mas não havia volta.

— Vai nevar? — perguntou.

— Mais cedo ou mais tarde. — O impulso de pegar na menina e de a confortar surpreendeu Celeste. Ela nunca se havia considerado uma pessoa particularmente maternal. Havia algo de tão triste, porém forte, no modo como Adrienne acariciava a mão de Phoebe. — Estamos a atravessar um período de calor. Mas duvido que dure muito mais. — Deus do Céu, ela estava a falar do tempo. Com algum alívio, inclinou-se para a frente quando o carro abrandou. — Chegámos — disse Celeste rapidamente quando a limusina encostou junto ao passeio. — Mudei-me para cá há cinco anos, Phoebe. Gosto tanto, que só saio se for expulsa.

Passou com elas pelo segurança e entrou no hall do elegante edifício antigo em Central Park West. Deslocou-se com rapidez, arrastando Phoebe e Adrienne para dentro do elevador. Para Adrienne, parecia um lento passeio sem destino, já que a fadiga lhe pesava nas pernas. No avião, ela lutara contra o sono, esforçando-se para acordar de sesta rápida para se certificar de que ninguém a separava de Phoebe. Agora, debilitada, entrava mecanicamente, no meio das duas mulheres, no apartamento de Celeste.

— Ofereço-vos a visita guiada quando não estiverem tão exaustas. — Celeste atirou o casaco para cima das costas de uma cadeira e pergun-

tou-se que diabo devia fazer em seguida. — Devem estar cheias de fome. Querem que peça alguma coisa, ou que faça uma omeleta?

— Eu não seria capaz. — Com cuidado, Phoebe sentou-se num sofá. Ela sentia como se todos os ossos do seu corpo se fossem partir se se movesse demasiado depressa. — Addy, tens fome?

— Não. — Só a ideia da comida embrulhou-lhe o estômago.

— A pobrezinha está morta de cansaço. — Celeste aproximou-se para envolver os ombros de Adrianne com um braço. — Que tal dormires um bocadinho?

— Vai com a Celeste — disse Phoebe, antes que Adrianne pudesse protestar. — Ela vai cuidar de ti.

— Não te vais embora?

— Não, vou estar aqui quando acordares. — Phoebe beijou-lhe as faces. — Prometo.

— Vem, amor. — Celeste ajudou a criança exaurida a subir um longo lanço de escadas. A dizer disparates, despiu o casaco a Adrianne, tirou-lhe os sapatos e enfiou-a na cama. — Tiveste um dia longo.

— Se ele vier, acordas-me para eu poder tomar conta da mamã?

A mão de Celeste hesitou quando se preparava para acariciar os cabelos de Adrianne. A pele debaixo dos olhos estava negra de fadiga, mas os olhos em si estavam alerta e exigentes.

— Sim, não te preocupes. — Sem saber o que mais fazer, beijou a testa de Adrianne. — Eu também a amo, querida. Nós vamos cuidar dela.

Satisfeita com a resposta, Adrianne fechou os olhos.

Celeste correu as cortinas e deixou a porta entreaberta. Quando saiu do quarto, Adrianne estava já a dormir, bem como Phoebe, quando Celeste desceu silenciosamente as escadas.

O PESADELO ACORDOU ADRIANNE. Ela tinha tido esporadicamente o mesmo sonho desde o dia do seu quinto aniversário: sonhava que o pai entrava no quarto da mãe, sonhava com o choro, os gritos, com o vidro a estilhaçar-se. Sonhava que estava encolhida debaixo da cama com as mãos sobre os ouvidos.

Acordou com o rosto molhado de lágrimas, reprimindo um grito porque tinha medo de perturbar as outras mulheres do harém. Mas ela não estava no harém. A sua perceção de tempo e espaço estava tão confusa, que ela teve de ficar muito quieta durante vários minutos para conseguir ordenar os acontecimentos na sua mente.

Tinham ido para Paris no pequeno avião e ela sentira medo. A ci-

dade parecia ter saído de um livro de histórias, com as pessoas extravagantemente vestidas e margens cheias de flores. Havia também as lojas, com todas aquelas cores, as sedas e os cetins. A mamã comprara-lhe um vestido cor-de-rosa com uma gola branca. Mas tinham deixado a cidade. Não tinham ido ao topo da Torre Eiffel. Mas tinham ido ao Louvre. E tinham fugido. A mamã estivera assustada e enjoada.

Agora encontravam-se em Nova Iorque com a senhora loura que tinha uma voz linda.

Ela não queria estar em Nova Iorque. Ela queria estar em Jaquir, com Jiddah, a tia Latifa e as primas. A fungar, Adrienne esfregou os olhos e desceu da cama. Queria ir para casa, onde os cheiros eram aromas que ela reconhecia, onde as vozes falavam numa língua que ela entendia. Pegou na boneca que Celeste lhe dera para se confortar e foi à procura da mãe.

Ouviu as vozes assim que chegou ao topo das escadas em caracol. Adrienne desceu até conseguir ver a mãe e Celeste sentadas numa enorme sala branca com janelas pretas. Agarrada à boneca, sentou-se à escuta.

— Nunca conseguirei retribuir o que estás a fazer por mim.

— Não sejas tola. — Com um gesto teatral, Celeste rejeitou tudo. — Somos amigas.

— Não imaginas o quanto precisei de uma amiga nestes últimos anos. — Demasiado inquieta para se deixar ficar sentada, Phoebe levantou-se, de copo na mão, para circular pela sala.

— Não, não imagino — disse lentamente Celeste, preocupada com os nervos que estava a ver em cada movimento brusco. — Mas gostaria.

— Não sei por onde começar.

— A última vez que estive contigo, tu estavas radiante, envolta em quilómetros de seda e tule brancos, com um colar que parecia saído das Mil e Uma Noites.

— O Sol e a Lua. — Phoebe fechou os olhos, depois tomou um longo gole. — Era a coisa mais linda que eu já tinha visto. Pensei que fosse um presente... o mais requintado símbolo de amor dos sonhos de qualquer mulher. O que eu não sabia era que ele me tinha comprado com ele.

— Do que estás a falar?

— Seria impossível explicar-te como é a vida em Jaquir. — Virou-se. Os brilhantes olhos azuis estavam raiados de sangue. Embora estivesse a beber desde que acordara do sono agitado, o álcool não estava a relaxá-la.

— Tenta.

— Inicialmente foi bastante agradável. Pelo menos eu queria acre-

ditar que era. O Abdu era amável, atencioso. E ali estava eu, a miúda do Nebraska, rainha. Como parecia importante para o Abdu, tentei viver segundo os costumes locais: roupa, atitude, esse tipo de coisa. A primeira vez que coloquei um véu, senti-me... bem, sexy e exótica.

— Como na série *Jennie é um Génio*? — perguntou Celeste com um sorriso, mas Phoebe lançou-lhe simplesmente um olhar inexpressivo. — Deixa estar. Piada sem graça.

— Na verdade, eu não me importava de usar o véu. Parecia-me uma coisa insignificante e o Abdu só fazia questão que o usasse quando estávamos em Jaquir. Viajámos bastante durante aquele primeiro ano, por isso parecia-me tudo uma aventura. Enquanto eu estava grávida, fui tratada como uma espécie de joia preciosa. Surgiram complicações e o Abdu não podia ter sido mais amoroso e preocupado. Então dei à luz a Adrienne. — Olhou para o copo. — Preciso de mais uma bebida.

— Serve-te.

Phoebe dirigiu-se ao bar e encheu o copo baixo até um milímetro da borda. — Fiquei surpreendida quando o Abdu ficou chateado. Ela era uma bebé tão bonita e saudável, e era como um milagre porque eu quase abortara duas vezes. Eu sei que ele tinha falado incessantemente de um rapaz, mas não estava à espera que ficasse realmente zangado por ter uma filha. Fiquei magoada. Tinha tido um parto muito demorado e difícil e a atitude dele em relação à bebé fez-me disparar. Tivemos uma discussão terrível lá mesmo no hospital. Depois tudo piorou; e piorou muito mais quando os médicos nos disseram que eu não podia ter mais filhos.

Phoebe bebeu mais um gole e estremeceu quando o álcool entrou no seu organismo. — Ele mudou, Celeste. Culpava-me, não só por lhe ter dado uma filha que ele não queria, mas por de alguma forma o ter seduzido a afastar-se do seu dever e da sua tradição.

— Seduzido? Que parvalhão. — Celeste descalçou os sapatos. — O tipo nunca te deu uma hipótese, arrebatando-te com centenas de rosas brancas, reservando restaurantes inteiros para vocês poderem ter jantares íntimos. Ele queria-te, e fez de tudo para te ter.

— Nada disso interessava. Ele via-me como um teste, uma espécie de teste em que tinha chumbado, e odiava-me por isso. Via a Adrienne como um castigo, em vez de uma dádiva; um castigo por ter casado com uma mulher ocidental, uma cristã, uma atriz. Ele não queria ter nada a ver com ela, e o mínimo a ver comigo. Fui desterrada para o harém e devia dar graças por ele não se ter divorciado de mim.

— Harém? Queres dizer, só de mulheres? Véus e romãs?

Phoebe voltou a sentar-se, agarrando o copo com ambas as mãos. — Não tem nada de romântico o alojamento das mulheres. Ficas ali espedada dia após dia, enquanto elas falam sobre sexo, parto e moda. O teu estatuto depende dos filhos homens que deste à luz. Uma mulher que não consiga ter filhos é posta de parte para ser alvo de pena.

— Obviamente, nenhuma delas leu Gloria Steinem! — interpôs Celeste abruptamente.

— As mulheres não leem. Não trabalham, não conduzem. Não há nada para fazer a não ser ficarmos sentadas a beber chá, à espera que o dia acabe. Ou saímos em grupo para ir às compras, cobertas de negro da cabeça aos pés para não tentarmos os homens.

— Estás a brincar, Phoebe!

— É verdade. Há polícia religiosa por toda a parte. Podemos ser chicoteadas por dizer a coisa errada, fazer a coisa errada, vestir a coisa errada. Não podemos sequer falar com um homem que não seja membro da nossa família. Nem uma palavra.

— Phoebe, estamos em 1971.

— Não em Jaquir. — Com uma fraca gargalhada, pressionou uma mão contra os olhos. — Em Jaquir, o tempo não existe. Celeste, acredita que perdi quase dez anos da minha vida. Às vezes parece que passam cem anos, outras vezes meses. É assim a vida lá. Como eu não podia ter mais filhos, o Abdu desposou outra mulher. A lei permite. A lei do homem.

Celeste tirou um cigarro do suporte de porcelana na mesa baixa e estudou-o enquanto tentava compreender o que Phoebe estava a descrever. — Li alguns artigos. Nos últimos anos saíram alguns sobre ti e o Abdu. Nunca falaste em nada disto.

— Não podia. Só estava autorizada a falar com a imprensa porque ele queria publicidade para o negócio do petróleo no Médio Oriente.

— Já percebi — disse Celeste secamente.

— Tinhas de estar lá para compreenderes. Nem a imprensa está autorizada a contar a história toda. Se tentasse, o elo seria quebrado. Estão em jogo biliões de dólares. O Abdu é um homem ambicioso e inteligente. Manter-me-ia enquanto eu pudesse ser-lhe útil.

Celeste acendeu o cigarro e soprou lentamente o fumo. Não estava convencida de que metade do que Phoebe estava a dizer não fosse produto da pródiga imaginação da amiga. Se tudo aquilo era verdade, mesmo que apenas em parte, havia uma questão que não podia ser resolvida.

— Porque ficaste? Se eras tratada dessa maneira, se eras tão infeliz, por que diabo não fizeste as malas e te vieste embora?

— Eu ameacei vir-me embora. Nessa altura, logo a seguir ao nas-

cimento da Addy, eu ainda acreditava que podia salvar alguma coisa se fizesse finca-pé. Ele deu-me uma sova.

— Meu Deus, Phoebe. — Abalada, Celeste foi ao encontro da amiga.

— Nem nos meus piores pesadelos eu tinha imaginado uma coisa tão horrível. Fartei-me de gritar, mas ninguém me ajudou. — Abanou a cabeça e limpou com as mãos as lágrimas que começavam a cair rapidamente. — Ninguém se atreveu a ajudar. Ele não parou de me bater, até eu deixar de sentir. Depois violou-me.

— Isso é loucura. — Com os braços em volta de Phoebe, Celeste conduziu-a até ao sofá. — Devias ter podido fazer alguma coisa para te proteger. Foste à polícia?

Com uma gargalhada amarga, Phoebe bebericou a sua bebida. — Em Jaquir, é legal um homem bater na mulher. Se tiver motivo. As mulheres cuidaram de mim. Foram realmente muito generosas.

— Phoebe, porque não me escreveste a dizer-me o que se estava a passar? Talvez eu tivesse podido ajudar. Eu teria ajudado.

— Mesmo que tivesse conseguido enviar-te uma carta, não havia nada que pudesses ter feito. O Abdu é o poder absoluto em Jaquir; tanto ao nível religioso, como político e jurídico. Nunca viveste nada assim. Eu sei que deve ser praticamente impossível para ti imaginares como era a minha vida naquele lugar. Comecei a sonhar sair dali. Teria precisado da permissão do Abdu para sair legalmente, mas fantasiava fugir. No entanto, havia a Adrienne. Não conseguiria sair com ela, não podia vir-me embora sem ela. Ela é a coisa mais preciosa da minha vida, Celeste. Houve uma dúzia de vezes que teria sido capaz de acabar comigo, se não fosse a Addy.

— O que sabe ela?

— Não tenho a certeza. Muito pouco, espero. Ela sabe o que o pai sente em relação a ela, mas eu tentei explicar que é apenas um reflexo do que ele sente por mim. As mulheres adoravam-na e eu acho que ela era suficientemente feliz com a vida que tinha. Afinal, ela nunca tinha vivido de outro modo. Ele ia mandá-la embora.

— Embora? Para onde?

— Para uma escola na Alemanha. Foi então que eu tive a certeza que tinha mesmo de fazer alguma coisa. Ele estava a tomar providências para a casar no dia em que ela completasse quinze anos.

— Credo. Pobrezinha.

— Eu não suportei isso, não suportei a ideia de que ela pudesse vir a passar pelo que eu estava a passar. A viagem a Paris foi como um sinal. Agora ou nunca. Sem ti, nada disto teria sido possível.

— Quem me dera poder fazer mais. Gostaria de encontrar o sacana e de o castrar com uma faca de manteiga.

— Não posso voltar para lá, Celeste.

Celeste levantou os olhos, algo surpreendida. — Claro que não.

— Não, eu quero dizer, nunca mais. — Phoebe serviu-se de mais uma bebida, derramando-a pelos lados do copo. — Se ele vier, mato-me antes de ele me levar de volta.

— Não fales assim. Estás em Nova Iorque. Estás em segurança.

— Mas há a Addy.

— Ela também está em segurança. — Celeste pensou nos olhos escuros e penetrantes com as olheira de fadiga. — Ele vai ter de passar por mim. A primeira coisa que vamos fazer é contactar a imprensa, talvez o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

— Não, não, não quero publicidade. Não me atrevo a correr o risco, pelo bem da Addy. Ela já sabe mais do que devia.

Celeste abriu a boca para protestar, mas tornou a fechá-la. — Nesse aspeto, tens razão.

— Preciso de deixar isto tudo para trás. Quero voltar a trabalhar, começar a viver outra vez.

— Porque não comesças primeiro a viver? Quando estiveres um pouco mais equilibrada, podes então pensar em voltar ao trabalho.

— Tenho de arranjar um lugar para a Addy morar, escola e roupa para ela.

— Há tempo para isso tudo. Neste momento podes ficar aqui, recuperas o fôlego, dás tempo para vocês as duas se adaptarem.

Phoebe anuiu com a cabeça e as lágrimas começaram a cair. — Sabes o que é pior, Celeste? Eu ainda o amo.

Em silêncio, Adrianne voltou a subir as escadas.

Capítulo Sete

O SOL ESTAVA A ENTRAR pela frestas das cortinas quando Adrianne acordou outra vez. Tinha os olhos ásperos do choro, a cabeça zonha. Porém, tinha oito anos e a primeira coisa em que pensou foi em comida. Voltou a enfiar-se dentro do vestido que tinha usado em Paris e dirigiu-se para as escadas.

O apartamento era muito maior do que lhe parecera na noite anterior. No hall havia passagens em arco, mas ela estava demasiado faminta para explorar, por isso desceu silenciosamente as escadas na esperança de encontrar fruta e pão.

Ouviu pessoas a conversar. Um homem e uma mulher. Depois muitas gargalhadas. As pessoas retomaram a conversa, começaram a discutir, a mulher com uma voz esganiçada e irritante, o homem num inglês esquisito. Quanto mais falavam, mais riso Adrienne ouvia. Cautelosa, aproximou-se do som e deu por si na cozinha de Celeste.

A cozinha estava vazia, mas continuavam a ouvir-se vozes. Adrienne viu que vinham de uma pequena caixa e dentro da caixa estavam pessoas. Encantada, aproximou-se para tocar na caixa. As pessoas não reparavam nela e continuavam a discutir.

Não eram pessoas, constatou Adrienne com um sorriso largo. Eram fotografias de pessoas a mexerem-se; fotografias falantes. Isso significava que as pessoas dentro da caixa eram estrelas de cinema, como a mãe. Esquecendo a comida, pousou os cotovelos no balcão e ficou pasmada a olhar.

— Ponha tudo ali. Oh, Adrienne, já te levantaste.

Adrienne endireitou-se rapidamente à espera de ser repreendida.

— Muito bom. — Celeste esperou que o rapaz das entregas pousasse os sacos em cima do balcão. — Agora vou ter mais companhia do que o *I Love Lucy*. — Entregou umas notas ao rapaz. — Obrigada.

— Obrigado, Menina Michaels. — Piscou o olho a Adrienne e saiu.

— A tua mãe ainda está a dormir, mas eu pensei que o teu estômago era capaz de te acordar. Lamento, mas não faço a mínima ideia do tipo de coisas que as meninas gostam de comer, por isso deixei tudo ao critério do merceiro. — Tirou uma caixa de flocos de arroz crocantes. — Parece-me bem para começar.

A televisão passou para um anúncio publicitário com uma exploração de som e de cor. Adrienne ficou boquiaberta. O tornado branco entrava a girar para salvar uma dona de casa da sujidade amarelada do chão encerado.

— Espantoso, não? — Celeste pousou uma mão no ombro de Adrienne. — Não tens televisão em Jaquir?

Demasiado impressionada para falar, Adrienne limitou-se a abanar a cabeça.

— Bem, podes ver o que quiseres nos próximos dias. Há um televisor maior na outra sala. Eu tenho este aqui para a minha empregada doméstica ficar contente. E que tal pequeno-almoço?

— Por favor.

— Flocos de arroz?

Adrienne olhou atentamente para a caixa. Havia umas pessoas pequeninas engraçadas com grandes chapéus brancos. — Gosto de arroz.

— Isto é um bocadinho diferente. Eu mostro-te. — Seguindo o

gesto de Celeste, Adrienne sentou-se. Da mesa ela podia ver a televisão e Celeste ao mesmo tempo. — Primeiro pões dentro de uma tigela. Depois... — Divertida, Celeste acrescentou o leite com um ar solene. — Agora escuta. — Agitou os dedos em direção a Adrienne. — Vá, aproxima mais o ouvido.

— Assobia.

— Estala, crepita e explode — corrigiu-a Celeste enquanto polvilhava com açúcar. — Cereais assobiantes não seriam muito bons. Experimenta.

Um pouco hesitante, Adrienne mergulhou a colher. Ela não conseguia entender por que motivo alguém havia de querer comida que fazia barulho, mas era demasiado educada para ser grosseira. Deu uma dentada, depois outra e depois agradeceu Celeste com o primeiro sorriso genuíno. — É bom. Obrigada. Gosto de arroz americano.

— Arroz crocante. — Celeste desgrenhou-lhe os cabelos. — Acho que vou também comer uma tigela.

De todas as recordações que guardaria dos seus primeiros dias na América, aquela hora passada com Celeste iria ser sempre a sua favorita. Não era assim tão diferente do harém. Celeste era mulher e falavam de assuntos de mulheres: compras, a comida que ela ajudou Celeste a arrumar. Havia coisas como manteiga feita com amendoins e sopa feita com letras. Para seu alívio, também havia chocolate.

Celeste era diferente, com o cabelo louro curto e as calças que usava. Adrienne gostava da maneira como a voz dela infletia tão graciosamente, da maneira como usava as mãos e os braços, até o corpo, juntamente com as palavras.

Quando Phoebe se juntou a elas, Adrienne estava imponentemente sentada no sofá de Celeste a ver a sua primeira telenovela.

— Céus, não sei quando foi a última vez que dormi tanto tempo. Olá, querida.

— Mamã. — Adrienne levantou-se imediatamente com um salto para abraçar Phoebe.

Apesar da enorme ressaca, Phoebe apertou a filha contra o peito. — A melhor maneira de começar um dia. — A sorrir, recuou. — Como começaste o teu?

— Comi flocos de arroz crocantes e vi televisão.

Celeste entrou de rompante, deixando um rasto de fumo atrás de si. — Como podes ver, a Addy já está a americanizar-se. Como está a cabeça?

— Já esteve pior.

— Se alguém tinha direito de apanhar uma tosga, eras tu. — Olhou

de relance para a TV, indagando-se se o programa seria adequado para uma menina de oito anos. Mas, pensando melhor, pelo que Phoebe lhe havia dito, Adrienne ficaria mais chocada com *Rua Sésamo* do que com as paixões de *General Hospital*. — Bem, agora que já te levantaste, sugiro que tomes uma chávena de café e que comas alguma coisa antes de sairmos.

A luz que entrava pela janela incomodava os olhos de Phoebe, por isso ela virou-lhe as costas. — Vamos sair?

— Querida, tu sabes que eu seria capaz de te emprestar tudo o que tenho no guarda-roupa, mas o que tenho não te serve, e ainda menos à Adrienne. Sei que tens muitas coisas para resolver, mas tudo a seu tempo.

Phoebe pressionou os dedos contra os olhos e lutou contra o impulso de voltar a correr para a cama e de se esconder debaixo das cobertas. — Tens razão. Addy, porque não sobes e vais escovar os dentes e arranjar-te? Depois vamos ver Nova Iorque.

— Queres ir?

— Sim. — Phoebe beijou-lhe a ponta do nariz. — Vai lá. Chamo-te quando estivermos prontas para sair.

Celeste esperou que Adrienne subisse as escadas. — A miúda adora-te.

— Eu sei. — Cedendo à latejante dor de cabeça, Phoebe sentou-se. — Às vezes penso que ela foi a recompensa por tudo o que passei.

— Querida, se não te apetecer sair...

— Não. — Phoebe interrompeu Celeste com um abano de cabeça. — Não, tens razão, temos de começar pelo mais básico. Além disso, não quero manter a Addy fechada aqui dentro. Ela tem estado fechada a vida toda. É o dinheiro.

— Oh, se é só isso.

— Celeste, eu já aceitei o bastante de ti. Já não me resta muito orgulho, por isso preciso de me agarrar ao que tenho.

— Ok. Faço-te um empréstimo.

— Quando me fui embora, tu e eu estávamos basicamente em pé de igualdade. — Com um suspiro, olhou em volta para o amplo apartamento. — Tu prosperaste e eu não saí do mesmo sítio.

Celeste sentou-se no braço do sofá. — Phoebe, tu seguiste o caminho errado. Às vezes isso acontece.

— Pois. — Ela percebeu que precisava desesperadamente de uma bebida. Para combater isso, pensou em Adrienne e na vida que queria proporcionar-lhe. — Tenho algumas joias. Tive de deixar a maior parte para trás, mas consegui trazer algumas. Vou vendê-las. Depois do divórcio, a pensão que o Abdu me der e à Addy bastará para vivermos bem.

Claro que vou voltar a trabalhar, por isso o dinheiro não será problema por muito tempo. — Virou-se de novo para a janela para fitar o céu. — Vou dar tudo à minha filha, do melhor. Tenho de o fazer.

— Vamos preocupar-nos com isso depois. Agora acho que a Addy está a precisar de umas calças de ganga e de ténis.

ADRIANNE ESTAVA NA INTERCEÇÃO da Quinta Avenida com a 52nd Street, com uma mão agarrada à da mãe e a outra a brincar incessantemente com os botões do novo casaco com gola de pelo. Se o pouco que vira de Paris tinha feito a cidade parecer-lhe um outro mundo, então Nova Iorque era outro universo. E ela fazia parte dele.

Ali havia pessoas por todo o lado, pareciam-lhe milhões, e todas diferentes. Não havia ali homogeneidade no vestir, como havia em Jaquir. À primeira vista, era frequentemente difícil distinguir os homens das mulheres. Ambos os géneros tinham tendência para usar os cabelos compridos. Algumas mulheres preferiam usar calças. Nova Iorque não tinha nenhuma lei que proibisse isso, nem o outro traje que as mulheres usavam — as saias muito curtas que ficavam bastante acima dos joelhos. Ela via homens com colares de contas e fitas nos cabelos, homens de fato e sobretudo. Havia mulheres com casacos de vison e mulheres de calças de ganga justas.

Independentemente do que usassem, andavam depressa. Adrienne atravessou a rua entre a mãe e Celeste e tentou ver tudo ao mesmo tempo. As pessoas enchiam a cidade, cada milímetro, cada esquina, e o ruído da sua existência elevava-se do pavimento como uma celebração. Viajavam em grupos, ou viajavam sozinhas. Vestiam-se como vagabundos e como reis. Milhares de palavras em milhares de vozes ressoavam nos seus ouvidos.

Depois havia os edifícios. Erguiam-se em direção ao céu, mais altos que qualquer mesquita, mais imponentes do que qualquer palácio. Ela indagou-se se teriam sido construídos em honra de Alá, mas faltava-lhe ainda ouvir uma chamada à oração. As pessoas entravam e saíam apressadamente deles, contudo ela não via nenhum que fosse interdito às mulheres.

Alguns lojistas espalhavam as suas mercadorias no passeio, mas quando Adrienne parava para ver os produtos, as mãe puxava-a para longe.

Ela foi pacientemente às lojas, mas desta vez as compras não estavam a interessá-la. Ela queria estar no exterior, a absorver tudo. Havia cheiros a recordar. O fedor a gases dos tubos de escape das centenas de

carros, camiões e autocarros que circulavam nas ruas, buzinas a apitar. Havia um cheiro intenso a fumo, que a informaram ser de castanhas a assar. E havia o odor forte proveniente dos corpos de tanta gente.

Era uma cidade suja, muitas vezes implacável, mas Adrienne não via as camadas de sujidade, nem as arestas denteadas. Ela via vida, numa diversidade e com uma agitação que nunca soubera existir. E ela queria mais.

— Ténis. — Agradavelmente cansada, Celeste sentou-se numa cadeira no departamento de calçado da Lord & Taylor. Sorriu abertamente para Adrienne. O rosto da criança contava mil histórias, pensou. Todas de admiração. Ela estava contente por terem dispensado o motorista e optado por caminhar, embora os pés estivessem a matá-la. — O que pensas até agora da nossa grande cidade, Addy?

— Podemos ver mais?

— Sim. — Já apaixonada, Celeste prendeu os cabelos de Adrienne atrás das orelhas. — Podemos ver o que quiseres. Como estás, Phoebe?

— Bem. — Phoebe forçou um sorriso e desabotoou o casaco. Tinha os nervos em franja. Tanto barulho, tanta gente, depois de tantos anos de silêncio e de solidão. As decisões. Parecia haver centenas de decisões a tomar quando durante tanto tempo não tomara nenhuma. Apetecia-lhe uma bebida. Céus, era capaz de matar só por um copo. Ou um comprimido.

— Phoebe?

— Sim, o quê? — Respirou fundo para voltar à realidade e sorriu calmamente para Celeste. — Desculpa. A minha mente estava a divagar.

— Estava a dizer que pareces cansada. Queres ficar por aqui?

Ela começou a concordar, com gratidão, mas depois viu a rápida expressão de decepção na cara de Adrienne. — Não. Só preciso de recuperar o segundo fôlego. — Curvou-se para beijar a face de Adrienne. — Estás a divertir-te?

— É melhor do que uma festa.

Celeste riu-se e fletiu os dedos dos pés. — Querida, Nova Iorque é a maior festa deste país. — Depois cruzou as pernas e sorriu sedutoramente para o vendedor. — Queremos ver uns ténis para a menina. Reparei naqueles ali com as flores. E talvez um par branco liso.

— Claro. — O homem agachou-se a sorrir para Adrienne. Ele cheirava como o creme de hortelã-pimenta que Jiddah comia por vezes e tinha apenas uma fina orla de cabelo grisalho. — Que tamanho calça, senhorita?

Ele estava a falar com ela. Diretamente com ela. Adrienne ficou a olhar para ele sem ter a mínima ideia do que fazer. Ele não era um fa-

miliar seu. Olhou desamparadamente para a mãe, mas Phoebe estava a fitar o infinito.

— Porque não lhe tira a medida? — sugeriu Celeste, estendendo a mão para apertar rapidamente a de Adrienne. Viu, com um misto de diversão e apreensão, que os olhos de Adrienne se arregalaram quando o homem lhe pegou no pé para lho descalçar. — Ele vai medir o teu pé para ver que tamanho calças.

— Exatamente. — Animadamente, enfiou o pé de Adrienne na tábua de medição. — Levanta-te, querida.

Engolindo em seco, Adrienne obedeceu e ficou a olhar por cima da cabeça dele de faces ruborizadas. Ela perguntou-se se o homem dos sapatos seria como um médico.

— Muito bem, vou ver o que tenho em stock.

— Porque não tiras o outro sapato, Addy? Assim podes andar com os sapatos novos para ver se gostas deles.

Adrienne baixou-se para desapertar a fivela. — É permitido a pessoa dos sapatos tocar-nos?

Celeste mordeu o lábio para evitar sorrir. — Sim. O trabalho dele é vender-te sapatos que te sirvam na perfeição. Para ter a certeza, precisa de te medir o pé. Como parte do serviço, ele tira-te os sapatos velhos e calça-te os novos.

— É um ritual?

Atrapalhada, Celeste recostou-se. — De certa forma.

Satisfeita, Adrienne cruzou as mãos e sentou-se submissamente quando o empregado regressou com as caixas. Depois observou-o com solenidade enquanto ele enfiava os atacadores nos ténis floridos, os calçava nos seus pés e os atava com um laço.

— Pronto, querida. — O empregado deu-lhe umas palmadinhas no pé. — Experimenta-os.

Seguindo o sinal de Celeste, Adrienne levantou-se e deu alguns passos. — São diferentes.

— Diferentes para melhor, — perguntou Celeste, — ou para pior?

— Diferentes para melhor. — Sorriu com a ideia de usar flores nos pés. Ela não se incomodou quando o empregado pressionou o polegar contra o dedo do seu pé.

— O tamanho está bom.

Adrienne inspirou profundamente e sorriu para ele. — Gosto muito deles. Obrigada. — Expirou com uma risadinha. Pela primeira vez na sua vida, tinha falado com um homem que não era da sua família.

...

AS TRÊS SEMANAS que Adrienne passou em Nova Iorque foram dos dias mais felizes e mais tristes da sua vida. Havia tanto para aprender, tanto para ver. Parte de si, a parte que tinha sido educada com rígidas regras de comportamento, reprovava a impetuosidade da cidade. A outra parte, a que estava a abrir-se, estava encantada. Para Adrienne, Nova Iorque era a América. Para sempre seria a América, no seu melhor e no seu pior.

As regras tinham mudado. Ela tinha um quarto só para si, mas era maior e mais luminoso do que o quarto que lhe tinham dado no palácio do pai. Ali ela não era princesa, mas era acarinhada. Continuava a ir frequentemente enfiar-se na cama da mãe durante a noite, para confortar se Phoebe estivesse a chorar, ou para ficar de vigília se Phoebe estivesse a dormir. Ela compreendia que havia demónios dentro da mãe e que isso a assustava. Uns dias, Phoebe parecia cheia de vida e de energia, de alegria e otimismo. Conversavam de glórias passadas e das glórias do futuro. Faziam planos e promessas num turbilhão de palavras e gargalhadas. Então, um dia ou dois depois, a animação desaparecia. Phoebe queixava-se de dores de cabeça ou de fadiga e passava horas sozinha no quarto.

Nesses dias, Celeste levava Adrienne a passear no parque, ou ao teatro.

Até a comida era diferente e ela podia comer o que quisesse quando quisesse. Depressa se viciou no sabor intenso e borbulhante a *Pepsi* ao beber de uma garrafa bem fresca. Comeu o primeiro cachorro-quente sem fazer ideia de que era de porco, proibido aos muçulmanos.

A televisão era tanto mestra como entretenimento. Ela ficava simultaneamente embaraçada e fascinada quando via mulheres abraçarem homens sem qualquer pudor, até agressivamente. As histórias tinham muitas vezes finais de contos de fadas, terminando com paixões, ou com desilusões. Nessas histórias, as mulheres escolhiam o homem com quem queriam casar-se, e por vezes decidiam nem sequer se casar. Ela assistia em silêncio e espanto. Bette Davis em *Jezebel*, a *Insubmissa*; Katherine Hepburn em *Casamento Escandaloso*; e, surpreendentemente, Phoebe Spring em *Noites de Paixão*. Desde então cresceu em si uma admiração por mulheres fortes que conseguiam vencer num mundo de homens.

Contudo, os anúncios publicitários, onde as pessoas se vestiam de forma estranha e resolviam os seus problemas em segundos, encantavam-na mais do que as comédias e os dramas. Através deles, o seu inglês com sotaque americano aperfeiçoou-se, desenvolveu-se.

Nessas três semanas, ela aprendeu mais do que poderia ter apren-

dido em três anos de escola. O seu cérebro era como uma esponja, ávido para absorver tudo.

Era o seu espírito, tão sintonizado com o de Phoebe, que sofria os altos e baixos.

Então chegou a carta. Adrienne sabia do divórcio. Continuava a ser um hábito seu descer silenciosamente as escadas de noite para escutar a mãe e Celeste conversarem sobre as coisas que nenhuma das duas lhe contava. Portanto, ela sabia que a mãe ia divorciar-se de Abdu. E estava contente com isso. Se houvesse divórcio, acabar-se-iam as tarefas e as violações.

Quando a carta chegara, a carta de Jaquir, Phoebe tinha ido para o seu quarto. Tinha lá ficado o dia todo, sem sequer sair para comer e pedindo para a deixarem em paz sempre que Celeste batia à porta.

Agora, que se aproximava a meia-noite, Adrienne tinha sido acordada de um sono agitado pelo riso da mãe. Desceu rapidamente da cama e correu em pontas de pés até à porta do quarto de Phoebe.

— Tenho estado preocupadíssima contigo. — Celeste andava de um lado para o outro, o seu pijama de seda sussurrando com o movimento.

— Desculpa, querida, a sério. Precisava de um tempo. — Adrienne espreitou pela fresta da porta. Conseguia ver Phoebe estendida numa cadeira, os cabelos soltos, os olhos brilhantes e os dedos a tamborilarem ao som de algum ritmo interno rápido. — Ter notícias do Abdu deixou-me bastante abalada. Eu sabia que ia acontecer, mas ainda não estava preparada. Felicita-me, Celeste. Sou uma mulher livre.

— Do que estás a falar?

Com movimentos bruscos, Phoebe levantou-se para tornar a encher o copo a partir de uma garrafa de cristal. Sorriu, brindou e bebeu longos goles. — O Abdu divorciou-se de mim.

— Em três semanas?

— Ele podia fazê-lo em três segundos e fê-lo. Claro que eu ainda vou ter de tratar das burocracias, mas é como se já estivesse divorciada.

Celeste reparou no nível do whisky dentro da garrafa. — E se descêssemos para tomarmos um café?

— Isto é uma comemoração. — Encostou o copo à testa e começou a chorar. — O sacana não me deu hipótese de terminar à minha maneira. Durante estes anos todos, não tive uma única hipótese de escolha, nem sequer nisto.

— Vamos sentar-nos. — Celeste estendeu-lhe uma mão, mas Phoebe abanou a cabeça e regressou à garrafa.

— Não, estou bem. Precisava de me embriagar. É o que fazem os covardes.

— Ninguém que faz o que tu fizeste pode ser chamado de covarde, Phoebe. — Celeste tirou-lhe o copo da mão e puxou-a até à cama para que se sentasse. — Eu sei que é difícil. O divórcio faz-nos sentir sem chão. Mas, mais cedo ou mais tarde, voltamos a pisar terra firme, acredita em mim.

— Não existe mais ninguém para mim.

— Isso é tolice. És jovem, és linda. Este divórcio é um começo para ti, não um fim.

— Ele tirou-me uma coisa, Celeste. Parece que não consigo recuperá-la. — Tapou a cara com as mãos. — Não importa. Agora tudo o que importa é a Addy.

— A Addy está ótima.

— Ela precisa de coisas, merece coisas. — Phoebe procurou atrapalhadamente um lenço de papel. — Preciso de saber que será bem cuidada.

— Será, sim.

Phoebe secou os olhos e respirou fundo. — Não vai haver acordo financeiro.

— O que queres dizer?

— Quero dizer que não vai haver qualquer apoio financeiro para a Addy. Nada. Nem conta-poupança, nem pensão de alimentos, nada. Tudo o que ela tem é um título inútil que nem ele é capaz de lhe tirar. Ele vai ficar com tudo: o que eu tinha quando nos casámos, o que ele me deu. Até O Sol e a Lua, o colar com que ele me comprou.

— Ele não pode fazer isso. Phoebe, tu tens um bom advogado. Pode ser necessário algum tempo e esforço, mas o Abdu tem responsabilidades para contigo e com a Adrienne.

— Não, as condições dele foram bastante claras. Se entrar em conflito com ele, ele tira-me a Adrienne. — O whisky tinha-lhe entaramelado a língua. Ela bebeu mais para a soltar. — Ele pode fazer isso, Celeste, vai por mim. Ele não a quer, e só Deus sabe o que ele a faria passar se ficasse com ela, mas ele tirava-ma. Nada vale isso, nem O Sol e a Lua, nem coisa alguma.

Pela segunda vez, Celeste tirou o copo a Phoebe e pousou-o de lado. — Muito bem, concordo contigo que o bem-estar da Addy vem em primeiro lugar. O que vais fazer?

— Já fiz. — Ela estava de pé, a andar de um lado para o outro, o robe branco comprido a esvoaçar. — Embebedei-me, vomitei e liguei para o Larry Curtis.

— O teu agente?

— Exatamente. — Virou-se para trás. O seu rosto estava novamente iluminado; ainda pálido, mas esplendoroso. — Ele vem agora para cá.

Esplendoroso, pensou Celeste; como era o fogo quando ardia com demasiada intensidade. — Querida, tens a certeza que estás preparada?

— Tenho de estar.

— Ok. — Celeste levantou a mão. — Mas o Larry Curtis? Correm rumores acerca dele, e não são muito bons.

— Correm sempre rumores em Hollywood.

— Eu sei, mas... escuta, ele é um sacana atraente com muita lábia, mas eu lembro-me que andavas a ponderar deixá-lo antes de te teres afastado.

— Isso são águas passadas. — Phoebe pegou outra vez no copo. Sentia-se no topo do mundo. E extremamente enjoada. — O Larry já foi bom para mim e vai tornar a ser. Vou voltar aos ecrãs, Celeste. Vou ser novamente alguém.

ADRIANNE NÃO ERA CAPAZ de explicar por que motivo a primeira vez que vira Larry Curtis se tinha sentido desconfortável, bem como não era capaz de explicar porque é que ele lhe lembrava o pai. Não havia certamente qualquer parecença física. Curtis era entroncado e um pouco mais baixo que o metro e setenta e oito de Phoebe. Tinha cabelo louro encaracolado que lhe tocava nos ombros e emoldurava um rosto liso, quadrangular e bronzeado. E ele tinha sorriso quase constantemente, exibindo dentes brancos uniformemente direitos.

Adrienne gostara do traje dele. Continuava a ver as roupas do Ocidente como trajes. Ele usara uma camisa alfazema de mangas compridas, suficientemente aberta para exibir uma grossa corrente de ouro. As calças de um minúsculo padrão axadrezado alargavam na zona do tornozelo e apertavam na cintura com um largo cinto preto.

A mãe tinha ficado contente ao vê-lo e abraçara-o ostensivamente quando ele entrou. Adrienne encolheu-se e desviou o olhar quando Larry deu uma palmadinha descontraída no traseiro de Phoebe.

— Bem-vinda, querida.

— Oh, Larry, é tão bom ver-te. — Riu-se e manteve um tom ligeiro, mas ele era suficientemente perspicaz para reconhecer o desespero subjacente. E para jogar com isso.

— Também estou muito feliz por te ver, querida. Deixa-me olhar para ti. — Afastou-a à distância de um braço e olhou-a de cima a baixo

de uma maneira que fez as faces de Adrienne corarem. — Estás com ótimo aspeto. Perdeste um bocadinho de peso, mas agora a magreza está na moda. — Ele lamentava as rugas que ela tinha em torno dos olhos e da boca, mas pensava que um retoque aqui e outro acolá e um jogo de luzes tratariam disso.

Na época em que abandonara Hollywood, Phoebe Spring era uma mina de ouro. Com um pouco de esforço e muita astúcia, voltaria a sê-lo.

— Bem, Celeste. — Ainda com o braço em volta dos ombros de Phoebe, virou-se para trás. — Belo apartamento.

— Obrigada. — Celeste lembrou a si própria que Phoebe o queria, que talvez precisasse dele. Ele era conhecido por dar os passos certos. E rumores, particularmente os do tipo pérfido, não passavam muitas vezes de rumores. — Como foi o voo?

— Suave como seda. — Ele sorriu, deslizando os dedos para cima e para baixo, ao longo do braço de Phoebe. — Mas não me importava de beber alguma coisa.

— Vou buscar. — Phoebe saltou para o servir de um modo que fez Celeste estremecer. — É bourbon, certo, Larry?

— Exatamente, querida. — Ele sentou-se descontraidamente no longo sofá branco de Celeste. — Bem, quem é esta coisinha bonita? — Exibiu um sorriso a Adrienne quando ela se sentou tensamente numa cadeira junto à janela.

— É a minha filha. — Phoebe estendeu-lhe o copo e sentou-se ao lado dele. — Adrienne, vem conhecer o Sr. Curtis. Ele é um velho amigo querido da mãe.

Com relutância, e inconscientemente régia, Adrienne levantou-se e foi ao encontro dele. — É um prazer conhecê-lo, Sr. Curtis.

Ele riu-se e pegou-lhe nas mãos antes que ela pudesse evitá-lo. — Nada de Sr. Curtis, boneca. Somos praticamente família. Trata-me por tio Larry.

Adrienne semicerrou os olhos. Ela não gostava do toque dele. Não era como o homem dos sapatos, mas quente e ávido. — É irmão da minha mãe?

Larry recostou-se e riu a bandeiras despregadas, como se ela tivesse executado um truque engenhoso. — Ela é um prato!

— A Addy leva as coisas muito à letra — explicou Phoebe, sorrindo nervosamente para Adrienne.

— Vamos dar-nos lindamente. — Ele bebericou, observando Adrienne por cima da borda do copo como se estivesse a admirar um carro novo, ou um fato caro. *Tem potencial*, concluiu. *Mais alguns anos, mais algumas curvas, e pode ser um negócio muito interessante.*

— A Adrienne e eu vamos terminar as compras de Natal. — Celeste estendeu uma mão. Adrienne agarrou-lha com prazer. — Vamos deixar-vos a sós para falarem de negócios.

— Obrigada, Celeste. Diverte-te, meu amor.

— Agasalha-te, boneca. — Larry piscou o olho a Adrienne. — Está frio lá fora. — Esperou que fechassem a porta e depois tornou a recostar-se nas almofadas. — Como eu disse, querida, é muito bom ter-te de volta, mas estás na costa errada.

— Precisava de algum tempo. — Phoebe contorceu os dedos. — A Celeste tem sido maravilhosa connosco. Não sei o que teria feito sem ela.

— É para isso que servem os amigos. — Deu-lhe umas palmadinhas na coxa, satisfeito por ela não objetar quando deixou a mão demorar-se um pouco. Geralmente ele preferia o tipo menos voluptuoso, mas não havia nada como o sexo para pôr um homem no comando das coisas. — Diz-me, querida, quanto tempo vais ficar?

— Vim de vez. — Assim que ele bebeu o último gole de bourbon, Phoebe levantou-se para voltar a servi-lo. Desta vez, serviu-se também de um copo. Larry limitou-se a erguer uma sobranceira. A Phoebe de que se lembrava nunca teria bebido nada mais forte que vinho.

— E o xequê?

— Pedi o divórcio. — Molhou os lábios, olhando em volta como se alguém pudesse atacá-la pela frase. — Não consigo mais viver com ele. — Bebeu, com medo de também não conseguir viver sem ele. — Ele mudou, Larry. Nem imaginas o quanto. Se ele vier atrás de mim...

— Agora estás nos Estados Unidos da América, querida. — Puxou-a para si, passando uma vez mais os olhos pelo corpo dela. Ele calculava que ela tivesse trinta e muitos anos. Mais velha do que a sua escolha habitual. Mas estava vulnerável. Ele preferia as suas mulheres, e clientes, vulneráveis. — Não tomei sempre conta de ti?

— Sim. — Ela controlou a vontade de chorar de alívio. Sabia que a sua aparência já não era a mesma. Não importava, disse para si mesma quando Larry lhe acariciou as costas. Ele ia tomar conta dela. — Quero um papel, Larry. Qualquer coisa para começar. Tenho de pensar na Adrienne. Ela precisa de coisas, merece coisas.

— Deixa tudo comigo. Vamos começar com uma entrevista antes de ires para a Costa Oeste. «A rainha» está de regresso, esse tipo de coisa. — Deu-lhe um aperto rápido e casual no seio antes de pegar no copo. — A ver se tiram uma foto tua com a princesinha. Os miúdos dão ótimos artigos. Vou começar a preparar o terreno, a fazer alguns contactos, algumas negociações. Confia em mim. Vamos tê-los na palma da mão em menos de seis semanas.

— Espero que sim. — Fechou os olhos com força. — Estive fora tanto tempo, tanta coisa mudou.

— Faz as malas e sai daqui no final da semana. A partir daí, deixa por minha conta. — Só o nome dela iria fechar os contratos, decidi eu. Se ela fosse um fiasco, ainda assim ele ganharia muito dinheiro. Depois, havia a miúda. Ele tinha a sensação de que a miúda iria ser muito útil.

— Não tenho muito dinheiro. — Espetou o queixo, decidida a enfrentar a vergonha. — Vendi umas joias, e é o suficiente para nos mantermos durante uns tempos, mas preciso da maior parte para pagar uma boa escola para a Adrienne. Eu sei o quão caro é viver em Los Angeles.

Pois, a miúda iria ser muito conveniente. Desde que ela fizesse parte do cenário, Phoebe estaria disposta a qualquer coisa. — Eu não disse que ia tomar conta de ti? — Abriu o fecho das costas do vestido dela.

— Larry...

— Ora, querida. Mostra que confias em mim. Eu vou arranjar-te um papel, uma casa, uma boa escola para a miúda. A melhor. É isso que queres, não é?

— Sim. Quero que a Addy tenha o melhor.

— E tu também. Vou voltar a pôr-te nas luzes da ribalta. Desde que colabores.

Que diferença fazia?, perguntou ela a si mesma enquanto ele a despia. Abdu tinha possuído o seu corpo sempre que lhe apetera e não dera nada em troca; nem a ela, nem a Adrienne. Com Larry havia promessa de proteção e talvez um pouco de afeto.

— Continuas a ter umas belas tetas, querida.

Phoebe fechou os olhos e deixou-o fazer o que quis.

Capítulo Oito

PHILIP CHAMBERLAIN OUVIA o silvo e a batida seca de bolas de ténis enquanto bebericava o seu gin tónico. O traje branco de ténis ficava-lhe particularmente bem já que tinha adquirido um suave bronzeado durante as três semanas em que estivera na Califórnia. Cruzou os pés e olhou para os campos através de óculos de sol espelhados.

Fazer amizade com Eddie Treewalter III, não tinha sido muito agradável para Philip, mas fora recompensado com convites para o clube de campo de Eddie. Philip tinha ido a Beverly Hills a negócios, mas nunca era de mais desfrutar de um pouco de sol. Como tinha deixado Eddie

dar-lhe uma sova nas duas últimas partidas do jogo, o jovem americano estava muito bem-disposto.

— Tens a certeza que não queres vir almoçar, meu velho?

Para crédito de Philip, nem sequer estremeceu ao ouvir a expressão «meu velho», que obviamente Eddie considerava ser o auge da camaradagem entre os ingleses.

— Quem me dera poder. Mas vou ter de sair daqui a pouco para um compromisso.

— Está um dia fantástico para pensares em negócios. — Eddie levantou os óculos castanhos-amarelados, um pesado relógio de ouro cintilando-lhe no pulso. Dentes que tinham dispensado os aparelhos apenas dois anos antes reluziram quando ele sorriu. Tinha uma pequena bolsa com erva colombiana de primeira qualidade dentro do saco de ténis em pele com monograma.

Enquanto filho de um dos cirurgiões plásticos de maior sucesso da Califórnia, nunca tinha precisado de trabalhar. Treewalter II retocava os famosos, enquanto o filho frequentava desinteressadamente a faculdade, traficava drogas como passatempo e marcava pontos no clube de campo.

— Vais esta noite à festa em casa do Stoneway?

— Não perdia por nada.

Eddie emborcou a vodka com gelo e fez sinal para que lhe trouxessem mais uma. — O tipo faz filmes da treta, mas sabe organizar uma festa. Vai haver coca e erva suficientes para um exército. — Sorriu largamente. — Esqueci-me. Tu não alinhas nisso, pois não?

— Prefiro outras coisas.

— Como queiras, mas o Stoneway serve coca em bandejas de prata. Muito chique. — O olhar dele passou por uma loura magra de calções justos. — Podes sempre alinhar naquilo. Dá uma guloseima ao nariz da Marci e ela fode qualquer coisa.

— Ela é uma adolescente. — Philip usou o gin para lavar da boca o sabor amargo pela arrogância juvenil e pela estupidez que saía da boca de Eddie.

— Ninguém nesta cidade é adolescente. E por falar em quecas fáceis. — Acenou com a cabeça em direção a uma exuberante ruiva de vestido de verão. — A velha Phoebe. — Riu à socapa. — O nome Spring não é em vão. Acho que até o meu velhote já saltou em cima dela. Um pouco deteriorada, mas umas tetas fantásticas.

Talvez explorar a companhia de Eddie não valesse a pena, pensou Philip. — É melhor eu ir andando.

— Claro. Eh, ela está com a filha. — Eddie passou a língua pelos lábios. — Aquela miúda vai ser material de primeira qualidade, meu ve-

lho. Puro e doce. Em breve vai estar pronta para ser comida. A mamã não a deixa ir à festa desta noite, mas não vai poder mantê-la trancada para sempre.

Disfarçando a irritação, Philip olhou de relance. E sentiu um arrebato. Viu apenas um vislumbre do rosto jovem e delicado. Mas havia uma esplêndida massa de cabelo preto liso. E pernas. Sem querer, Philip fitou-as. Pernas verdadeiramente maravilhosas. Bufou em auto-censura. A menina era tão novinha que fazia Marci parecer de meia-idade. Levantou-se abruptamente e virou costas.

— Um bocado nova para o meu gosto... meu velho. Até logo à noite.

Filho da mãe, pensou Philip de Eddie quando se afastava das mesas. Daí a um ou dois dias já não precisaria de ser seu «compincha» e poderia regressar a casa. Regressar a Londres. Haveria verde e frescor em Londres e ele poderia lavar a poluição de Los Angeles dos olhos. Iria ter ainda de comprar umas lembranças para a mãe. Ele sabia que Mary ia adorar um mapa das casas dos famosos.

La deixá-la viver o seu romance com Hollywood. Não havia necessidade de lhe dizer que debaixo do *glamour* havia uma feia camada de espuma. Droga, sexo e traição. Não era apenas isso, certamente, mas era o suficiente para ele ficar satisfeito por a mãe nunca ter perseguido o sonho de se tornar atriz. Ainda assim, levá-la-ia lá um dia. Levá-la-ia a almoçar no Grauman's Chinese Theater, deixá-la-ia enfiar os pés nas marcas deixadas pelos de Marilyn Monroe. Iria tirar o máximo partido daquela cidade se a mãe estivesse ao seu lado para ser surpreendida e animada.

Uma bola de ténis rolou à sua frente e ele baixou-se para a apanhar. A rapariga com as pernas fantásticas tinha colocado uns enormes óculos de sol protetores. Sorriu por debaixo deles e ele voltou a sentir o mesmo arrebatamento quando lhe lançou a bola.

— Obrigada.

— De nada. — Philip enfiou as mãos nos bolsos e esqueceu a muito jovem filha de Phoebe Spring. Tinha um trabalho a fazer.

Vinte minutos depois estava a entrar em Bel Air numa carrinha branca fechada. A inscrição no painel lateral anunciava LIMPEZA DE TAPETES. A mãe de Eddie iria ficar muito infeliz quando descobrisse que as suas joias tinham também levado uma limpeza. De borla.

Com uma peruca castanha a cobrir-lhe o cabelo aclarado pelo sol e um bigode elegante sobre os seus lábios finos, Philip saltou da carrinha. Continuava vestido de branco, mas agora de macacão ligeiramente almofadado para dar a ilusão de robustez. Estivera duas semanas a estudar a casa dos Treewalter e a rotina da família e dos empregados. Tinha vinte

e cinco minutos para entrar e sair antes que a governanta regressasse da viagem semanal ao mercado.

Era quase demasiado fácil. Uma semana antes, tinha feito uma impressão das chaves de Eddie quando este havia estado muito pedrado para entrar em casa pelo próprio pé. Já no interior, Philip desligou o alarme e partiu um vidro da porta do pátio para dar o aspeto de arrombamento.

Deslocando-se rapidamente, subiu até ao quarto principal para ir ao cofre. Agradava-lhe o facto de ser do mesmo modelo do dos Mezzeni em Itália. Tinha precisado apenas de doze minutos para conseguir abri-lo e «aliviar» a amorosa matrona italiana de um dos mais valiosos conjuntos de esmeraldas da Europa. Mas isso fora seis meses antes. Philip não era homem para descansar à sombra dos louros colhidos.

A concentração era tudo. Embora Philip tivesse quase vinte e um anos, ele sabia como concentrar-se completamente num cofre, ou num alarme, ou numa mulher. Era fascinante conseguir desarmar qualquer um.

Ouviu as primeiras tranquetas encaixarem.

Era tão eficiente ali, como num cocktail, ou entre os lençóis. Tinha aprendido bem com a experiência. Como se vestir, como falar, como seduzir uma mulher. Os seus talentos tinham-lhe aberto portas; tanto as da sociedade como as de cofres-fortes. Conseguira mudar a mãe para um apartamento espaçoso. Agora esta passava as tardes a fazer compras, ou a jogar bridge, em vez de estar a tremer de frio, ou a suar, dentro da bilheteira do Faraday's. Ia fazer com que ela assim continuasse. Havia outras mulheres na sua vida, mas ela continuava a ser o seu primeiro amor.

Através do estetoscópio, ouviu todas as peças encaixarem.

Conseguira sair-se bem e tencionava fazer ainda melhor. Tinha uma casa pequena e elegante em Londres. Em breve, muito em breve, ia começar a percorrer as zonas periféricas em busca de uma casa no campo. Com jardim. Tinha um fraquinho por coisas pequenas e belas que precisavam de ser cuidadas.

Levantou-se, uma mão movendo-se delicadamente sobre o manípulo giratório e os olhos meio fechados, como um homem a ouvir música relaxante, ou a apreciar o toque de uma mulher.

O cofre abriu-se sem qualquer barulho.

Desenrolou a bolsa de veludo que encontrou no interior e examinou as pedras preciosas com a sua lupa. Ele sabia que nem tudo o que reluzia era ouro. Nem diamantes. Aqueles eram verdadeiros. Grau D, indubitavelmente russos. Examinou a safira maior. O centro estava li-

geiramente danificado, como seria de esperar de uma gema daquelas dimensões. Era de um bonito, e valioso, azul-violeta. Como um médico a fazer um exame, estudou cada pulseira, cada anel e bugiganga. Achou os brincos de rubi particularmente feios e como homem que se considerava um artista, era para si um crime criar algo tão esteticamente desagradável a partir de uma pedra preciosa tão apaixonante. Calculando o valor das joias em cerca de trinta e cinco mil dólares, levou-as. Artista, ou não, era antes de mais um homem de negócios.

Satisfeito, dispôs tudo no centro do tapete Aubusson e enrolou-o.

Vinte minutos depois de ter entrado, Philip enfiava o tapete dentro da carrinha. A assobiar por entre os dentes, sentou-se ao volante e partiu, passando pela governanta dos Treewalter ao dobrar a esquina.

Eddie estava certo, pensou Phil quando ligou o rádio. Estava um dia fantástico para os negócios.

EM HOLLYWOOD, NADA ERA o que parecia. A primeira impressão de Adrienne tinha sido de deslumbramento. Aquela América era bastante diferente da América de Nova Iorque. As pessoas eram mais elegantes, menos apressadas, e todas pareciam conhecer-se. Para Adrienne era como uma pequena aldeia, só que os nativos não eram tão amigáveis como fingiam ser.

Aos catorze anos, havia já aprendido que as atitudes eram frequentemente tão falsas como as fachadas das lojas num estúdio de cinema. Também sabia que o regresso de Phoebe fora um fracasso.

Tinham uma casa, ela tinha escola, mas a carreira de Phoebe regredira de forma constante. Não era apenas a sua aparência que tinha começado a desvanecer-se em Jaquir; o talento erodira-se tão rapidamente como a autoestima.

— Ainda não estás despachada? — Phoebe entrou apressadamente no quarto de Adrienne. Pelos olhos demasiado brilhantes e a voz demasiado excitada, Adrienne percebeu que a mãe tinha comprado mais anfetaminas. Esforçou-se por controlar a sensação de impotência e conseguiu sorrir. Não ia suportar mais uma discussão naquela noite, nem as lágrimas e as promessas inúteis da mãe.

— Quase. — Adrienne apertou a faixa de cintura do fato estilo smoking. Queria dizer à mãe que ela estava linda, mas o vestido de noite de Phoebe deixava-a arrepiada. Era demasiado decotado e justo como uma pele de lantejoulas douradas. *Coisa do Larry*, pensou Adrienne. Larry Curtis continuava a ser agente da mãe, amante ocasional e manipulador constante.

— Ainda temos muito tempo — disse ela.

— Oh, eu sei. — Phoebe circulou resplandecente pelo quarto, estimulada pela energia louca dos comprimidos e pela própria instabilidade emocional. — Mas as estreias são tão excitantes. As pessoas, as câmaras. — Parou diante do espelho de Adrianne e viu-se como outrora tinha sido, sem as marcas da doença e das decepções. — Vai estar lá toda a gente. Vai ser como nos velhos tempos.

Frente a frente com a sua imagem no espelho, começou a sonhar acordada, como frequentemente acontecia. Viu-se no centro dos holofotes, rodeada de fãs e de colegas. Todos a amavam, todos queriam estar perto dela, falar com ela, ouvi-la, tocá-la.

— Mamã. — Desconfortável com o silêncio repentino de Phoebe, Adrianne pousou-lhe uma mão no ombro. Havia dias em que ela perdia a noção da realidade, como naquele momento, e só regressava horas depois. — Mamã — repetiu ela, apertando-lhe o ombro, receosa de que Phoebe estivesse a percorrer aquele longo túnel para o interior das suas fantasias.

— O que foi? — Phoebe despertou para a realidade, piscando os olhos, e sorriu quando focou o rosto de Adrianne. — A minha princesinha. Estás tão crescida.

— Amo-te, mamã. — Lutando contra as lágrimas, Adrianne abraçou a mãe com força. No decorrer do último ano, as variações de humor de Phoebe tinham-se assemelhado cada vez mais à montanha-russa em que tinham andado na Disneylândia. Uma confusão de períodos de grande efusão com outros de total depressão. Ela nunca sabia se Phoebe ia estar cheia de alegria e promessas loucas, ou de lágrimas e arrependimentos.

— Amo-te, Addy. — Phoebe afagou os cabelos da filha, desejando que a cor e a textura não lhe lembrassem Abdu. — Estamos a progredir, não estamos? — Afastou-se e começou a circular pelo quarto, a andar de um lado para o outro, a deambular, mas nunca a progredir. — Daqui a alguns meses assistiremos à minha estreia. Oh, eu sei que não é um filme tão grandioso como este, mas estes filmes de baixo orçamento são muito populares. É como diz o Larry: tenho de me manter disponível. E a publicidade que ele está a planear... — Pensou no nu para o qual tinha posado na semana anterior. Não era hora de contar a Adrianne. Era trabalho, lembrou a si mesma enquanto contorcia os dedos. Apenas trabalho.

— Estou certa de que vai ser um filme maravilhoso. — Mas os outros não tinham sido, refletiu Adrianne. As críticas haviam sido insultuosas. Ela tinha odiado ver a mãe fazer figuras tristes no ecrã, usando o

corpo em vez do talento. Mesmo agora, depois de cinco anos na Califórnia, Adrienne estava ciente de que Phoebe trocara um tipo de servidão por outro.

— Quando o filme for um sucesso, um enorme sucesso, compraremos a tal casa na praia que eu te prometi.

— Temos uma boa casa.

— Esta casinha... — Phoebe olhou pela janela para o parco jardim que as separava da rua. Não havia muro de pedra, nem portões bonitos, nem relvado viçoso. Estavam na orla de Beverly Hills, na orla do sucesso. O nome de Phoebe tinha caído para a lista B das celebridades de Hollywood. Os grandes produtores já não lhe enviavam guiões.

Ela pensou no palácio de onde tinha levado Adrienne e em todos os seus luxos. À medida que o tempo passava, tornava-se mais fácil esquecer as limitações de Jaquir e lembrar a opulência.

— Não é o que eu quero para ti, nem de longe o que tu mereces, mas reconstruir uma carreira é demorado.

— Eu sei. — Elas tinham já tido muitas vezes aquela conversa. — A escola termina daqui a poucas semanas. Pensei que podíamos ir a Nova Iorque visitar a Celeste. Podias relaxar.

— Hum? Oh, veremos. O Larry está a negociar um papel para mim.

Adrienne sentiu-se desanimar por completo. Não era preciso dizerem-lhe que o papel seria medíocre, nem que a mãe passaria horas longe de casa a ser manipulada pelos homens que tinham decidido explorar o seu corpo. Quanto mais Phoebe tentava provar que era capaz de voltar ao topo do sucesso, mais depressa deslizava para o fundo.

Phoebe queria a sua casa à beira-mar e o nome sob as luzes da ribalta. Adrienne poderia ter ficado ressentida com a ambição de Phoebe, talvez até lutado contra isso, se os motivos tivessem sido egoístas. Mas o que ela fazia era por amor e por uma necessidade de dar. Não havia como Adrienne conseguir fazê-la entender que ela estava a construir uma jaula tão forte como aquela de onde tinha fugido.

— Mamã, há meses que não tens descanso. Podíamos ir ver a nova peça da Celeste e visitar alguns museus. Ia fazer-te bem.

— Vai fazer-me melhor ver toda a gente a falar da Princesa Adrienne esta noite. Estás linda, meu amor. — Colocou um braço em torno dos ombros de Adrienne enquanto se dirigiam para a porta. — Aposto que os rapazes vão ficar caídos de amor por ti.

Adrienne encolheu os ombros. Não estava interessada em rapazes, nem no seu amor.

— Bem, esta é a nossa noite. É uma pena que o Larry esteja fora

da cidade, assim não temos um homem atraente para nos acompanhar.

— Não precisamos de ninguém, a não ser uma da outra.

ADRIANNE ESTAVA ACOSTUMADA às multidões, ao brilho das luzes e às câmaras. Phoebe preocupava-se muitas vezes por a filha ser demasiado séria, mas nunca tinha motivo para se preocupar com a compostura de Adrienne. Embora ainda muito jovem, ela lidava com a imprensa como a realeza, sorrindo quando um sorriso era exigido, respondendo a perguntas sem nunca revelar demasiado e mantendo-se em segundo plano quando atingia o limite da sua tolerância. Como resultado, a imprensa adorava-a. Era do conhecimento geral que as colunas sociais eram mais benevolentes com Phoebe Spring do que precisavam porque tinham um caso de amor com a sua filha. Adrienne sabia disso e, com a habilidade de alguém com o dobro da sua idade, aproveitava o facto.

Ela fez questão que Phoebe saísse primeiro do carro que tinham alugado e que se mantivessem de braços dados quando os flashes disparassem. Qualquer fotografia impressa seria de ambas.

Phoebe ganhou vida. Adrienne já tinha visto isso acontecer. Sempre que acontecia, o fervor do seu desejo de que a mãe se divorciasse da indústria do cinema diminuía. Havia felicidade no rosto de Phoebe, o tipo de alegria simples que Adrienne via tão raramente. Naquele momento ela não precisava de comprimidos, nem de uma garrafa, nem dos devaneios.

A multidão ressoou à sua volta, as luzes e a música intensificaram-se. Por um instante, ela era de novo uma estrela.

Encostadas às barricadas, as pessoas esperavam ansiosamente por um vislumbre das suas celebridades favoritas e contentavam-se com as de somenos importância. Bem-humoradas, aplaudiam toda a gente enquanto algumas carteiras eram roubadas e um enorme número de pacotes de droga passavam descontraidamente de mão em mão.

Vendo apenas os sorrisos, Phoebe parou para acenar. Depois deliciou-se com o som dos aplausos quando se dirigia para a porta do cinema. Discretamente, Adrienne conduziu-a até ao saguão que estava já salpicado de homens e mulheres do mundo dos filmes. Havia muito brilho, muitos decotes e muito mexerico.

— Querida, que bom ver-te. — Althea Gray, uma esbelta atriz que tinha deixado a sua marca em séries de televisão, aproximou-se a passos largos para beijar o ar a um centímetro da face de Phoebe. Fez um sor-

riso neutro a Adrienne e deu-lhe uma palmadinha irritante na cabeça. — Bonita como sempre, não é verdade? Um smoking, que ideia tão gira. — Indagou-se o quão rapidamente poderia mandar fazer um.

Phoebe pestanejou com o simpático cumprimento. A última vez que tinha estado com a atriz, Althea ignorara-a por completo. — Está linda, Althea.

— Muito obrigada, querida. — Ela esperou que um dos operadores de câmara que tinha tido autorização para entrar a focasse e deu uma leve palmadinha íntima na face de Phoebe. — Estou tão contente por ver umas caras amigáveis neste circo. — Acendeu um isqueiro na extremidade de um longo cigarro e a esmeralda do seu anel cintilou sob os holofotes. — Eu não queria vir esta noite, mas o meu publicitário teve um ataque. O que tens feito, querida? Há eras que não te vejo.

— Acabei agora mesmo um filme. — Grata pelo interesse, Phoebe sorriu e ignorou o fumo que lhe fazia arder os olhos. — Um triler — disse ela, elevando o filme de categoria B. — Deve estreiar este inverno.

— Maravilhoso. Eu estou prestes a fazer um filme, agora que estou livre do lamaçal da televisão. É um argumento adaptado do Dan Bitterman. És capaz de já ter ouvido falar. *Tormento*? — Olhou para Phoebe com indolência. — Acabei de assinar para fazer de Melanie. — Calando-se apenas o tempo suficiente para garantir que tinha sido atingido o alvo, Althea sorriu novamente. — Tenho de voltar para junto do meu par antes que ele fique inquieto. Foi maravilhoso rever-te, querida. Vamos almoçar um dia destes.

— Mamã, o que se passa? — perguntou Adrienne.

— Nada. — Phoebe fixou um sorriso no rosto quando alguém gritou o seu nome. *Melanie*. Larry tinha garantido que o papel seria seu. Dissera que faltava apenas resolver umas pontas soltas nas negociações e prometera que o filme iria finalmente levá-la de volta aonde tinha estado.

— Queres ir para casa?

— Casa? — Phoebe alargou o sorriso ao máximo. — Claro que não, mas adorava beber qualquer coisa antes de entrarmos. Oh, ali está o Michael.

Acenou com a mão e captou a atenção do ator que tinha sido o seu primeiro par no papel de protagonista, Michael Adams. Ele tinha alguns cabelos grisalhos nas têmporas, que não se dava ao trabalho de disfarçar, e algumas rugas na cara, que se recusava a repuxar ou a preencher. Muitas vezes refletira que o seu sucesso se devia tanto ao facto de manter a sua identidade como ao seu talento para representar. Continuava a de-

sempear papéis principais, mesmo à beira dos cinquenta anos e com uma barriga proeminente.

— Phoebe. — Com afeição, e um pouco de piedade, curvou-se para a beijar. — E quem é esta linda senhorita? — Sorriu para Adrienne, aparentemente sem a reconhecer.

— Olá, Michael. — Adrienne pôs-se em bicos de pés para lhe beijar a face, um gesto que habitualmente executava com relutância. Com Michael, era feito com prazer. Ele era o único homem que ela conhecia com quem se sentia verdadeiramente confortável.

— Esta não pode ser a nossa pequena Addy. Metes todas as novas pequenas atrizes num chinelo. — Riu-se e beliscou-lhe o queixo, fazendo-a sorrir de novo. — O melhor trabalho da tua vida está aqui, Phoebe.

— Eu sei. — Mordeu o lábio antes que começasse a tremer e conseguiu fazer mais um sorriso.

Problemas, pensou ele, suficientemente perspicaz para interpretar os olhos demasiado brilhantes de Phoebe. Mas, pensando bem, Phoebe estava sempre com problemas. — Não me digas que estão as duas sem companhia.

— O Larry está fora da cidade.

— Hum. — Não era hora de pregar novamente um sermão a Phoebe por causa de Larry Curtis. — Provavelmente não conseguirei convencê-las a fazerem companhia a um homem solitário.

— Tu nunca estás sozinho — disse Adrienne. — Ainda na semana passada, li que estavas de caso com a Ginger Frye em Aspen.

— Criança precoce. Na verdade, foi um fim de semana de esqui na neve e eu tive sorte por conseguir safar-me sem partir nenhum osso. A Ginger acompanhou-me, na eventualidade de eu precisar de cuidados médicos.

Adrienne sorriu ironicamente. — E precisaste?

— Toma. — Michael puxou uma nota do seu clipe de dinheiro. — Vai comprar um refresco para ti como uma boa menina.

Aos risinhos, ela afastou-se.

Michael ficou a observá-la, a admirar o modo como ela avançava pelo meio da multidão. Daí a um ou dois anos teria os homens daquela cidade, de qualquer cidade, caídos aos seus pés. — Ela é um tesouro, Phoebe. A minha Marjorie está com dezassete anos. Há três anos que não a vejo senão de calças de ganga rasgadas e ela faz tudo o que pode para tornar a minha vida num inferno. Invejo-te.

— A Addy nunca me deu qualquer problema. Não sei sinceramente o que faria sem ela.

— Ela é totalmente dedicada a ti. — Baixou a voz. — Voltaste a pensar na hipótese de ires ao médico que eu te sugeri?

— Não tive tempo — disse ela vagamente, desejando que ele a deixasse em paz o tempo suficiente para conseguir esgueirar-se até à casa de banho das senhoras e tomar mais um comprimido. — E, para te dizer a verdade, tenho andado a sentir-me muito melhor. A psicanálise está sobrevalorizada, Michael. Às vezes penso que a indústria do cinema foi formada para sustentar os psiquiatras e os cirurgiões plásticos.

Ele reprimiu um suspiro. Ela estava sob o efeito de alguma droga e esse efeito estava a dissipar-se rapidamente. — Não faz mal falar com alguém.

— Vou pensar nisso.

Adrienne não se apressou, pois sabia que, se tivesse oportunidade, Michael falaria com a mãe sobre a terapia. Ele já tinha conversado com Adrienne quando a encontrara quase histérica, sem conseguir obter qualquer reação de Phoebe, certa tarde depois da escola. Phoebe tinha ficado simplesmente sentada, muda, a olhar fixamente pela janela do seu quarto.

Houvera desculpas quando finalmente ela despertara da apatia. Fadiga, demasiado trabalho, calmantes. Michael havia conversado com as duas sobre a hipótese de ela procurar ajuda, mas Phoebe andava a protelar. Era por esse motivo que Adrienne queria desesperadamente levar a mãe para Nova Iorque, para longe de Larry Curtis e das drogas que ele lhe fornecia.

Ela não precisava de ser adulta para saber que estava a «nevar» no Sul da Califórnia. A cocaína tinha-se tornado a droga de eleição na indústria cinematográfica. Era frequentemente servida com a mesma descontração de um almoço de bufê nos locais de filmagem. Até àquele momento, Phoebe tinha recusado, preferindo o inferno dos seus comprimidos ao inferno do pó, mas Adrienne sabia que mais cedo ou mais tarde esse dia chegaria. Tinha de levar Phoebe dali antes que essa última fronteira fosse ultrapassada.

Adrienne bebericou a sua *Pepsi* e deu calmamente uma volta pelo espaço. Não podia dizer que não gostava de toda a gente que a mãe havia escolhido. Muitas pessoas eram como Michael Adams, genuinamente talentosas, leais para com os amigos, dedicados a um negócio que muitas vezes exigia horários cansativos e tinha muito pouco de *glamour*.

E ela gostava do *glamour*, das refeições em restaurantes elegantes, as roupas maravilhosas. Ela conhecia-se muito bem para saber que lhe seria muito difícil contentar-se com o vulgar. Mas não queria o extraordinário a custo da sanidade da mãe.

— Credo, viste aquele vestido? — Althea Gray deu uma passa num

cigarro e acenou com a cabeça em direção a Phoebe. Adrienne parou atrás dela. — Até parece que ela precisa que todos saibam que ainda tem aqueles seios.

— Depois dos últimos filmes dela, — comentou o acompanhante, — ninguém devia ter dúvidas. Deviam ter cobrado a dobrar.

Althea riu-se. — Parece uma amazona que já viu dias melhores. Sabes, ela acreditava mesmo que ia conseguir o papel de Melanie. Toda a gente sabe que nunca mais terá um papel decente. Se não fosse tão patético, seria até engraçado.

— Ela já teve algo de especial — disse brandamente o homem ao lado de Althea. — Nunca mais houve ninguém igual a ela.

— Realmente, querido. — Althea apagou o cigarro. — As viagens pelo passado são tão entediantes.

— Não tão entediantes como ouvir uma atriz de segunda categoria. — Adrienne falou com clareza e nem sequer pestanejou quando as cabeças se viraram para si.

— Oh, céus. — Althea deu-lhe umas pancadinhas no lábio inferior com a ponta de um dedo. — As crianças têm orelhas grandes.

Adrienne encarou-a de mulher para mulher. — Os pequenos talentos têm egos gigantes.

Quando o acompanhante riu à socapa, Althea lançou-lhe um olhar fulminante e depois sacudiu os cabelos para trás. — Vai-te embora, querida. Esta é uma conversa para adultos.

— A sério? — Adrienne controlou o impulso de atirar o refrigerante à cara de Althea e deu antes um pequeno gole. — A mim pareceu-me extraordinariamente imatura. Querida.

— Fedelha malcriada. — Althea libertou-se do braço do acompanhante e deu um passo em frente. — Alguém devia ensinar-te bons modos.

— Não preciso de lições de boas maneiras de uma mulher como tu. — Passou rapidamente os olhos por Althea e depois perscrutou o grupo que a rodeava. Foi um longo olhar firme, suficientemente frio e adulto para os fazer sentir desconfortáveis. — Não vejo aqui ninguém que possa ensinar-me alguma coisa excetuando hipocrisia.

— Insolente — murmurou Althea quando Adrienne se afastou.

— Cala-te, Althea — aconselhou-a o acompanhante. — Levaste uma lição de classe.

— QUERIDA, GOSTAVA que me dissesses o que se passa.

Adrienne abriu a porta lateral que dava acesso ao pequeno jardim.

Havia muito pouca coisa que a cativasse na Califórnia, mas tinha aprendido a apreciar o sol. — Não se passa nada. Tive muitos trabalhos de casa. — Era a melhor maneira de guardar para si e de refletir sobre as coisas que tinha sabido desde a noite da estreia. Já lidara com o rumor de que Phoebe havia posado nua para um poster de uma revista masculina. Duzentos mil dólares fora o preço da dignidade da mãe.

Era difícil, tão difícil justificar a vergonha através do amor. Adrianne havia passado anos a esforçar-se para aprender um novo modo de vida. Tinha abraçado sem reservas a igualdade feminina, a sua liberdade de escolha, o seu direito a ser ela própria e não um mero símbolo de fragilidade ou desejo. Ela queria acreditar, precisava de acreditar. Mas a mãe tinha-se despedido e vendido o corpo de forma a que qualquer homem pudesse abrir as páginas de uma revista e possuí-la.

A escola era demasiado cara. Adrianne contemplou as rosas muito abertas que perdiam as suas pétalas e pensou na propina que a mãe pagava para a manter no colégio particular. Phoebe estava a vender o seu orgulho pela educação da filha.

Depois havia a roupa que a mãe insistia em afirmar que Adrianne precisava, o motorista — também guarda-costas — que Phoebe achava ser necessário para manter a filha protegida de terrorismo... e Abdu. O Médio Oriente era agora permanentemente assombrado pela violência extrema e, quer Abdu a reconhecesse ou não, Adrianne continuava a ser a filha do Rei de Jaquir.

— Mamã, estava a pensar ir para uma escola pública no próximo ano.

— Escola pública? — Phoebe abriu a mala para ver se tinha guardado o cartão de crédito. Até ao regresso de Larry, estava um pouco curta de dinheiro. — Não sejas ridícula, Addy. Quero que tenhas a melhor educação. — Fez uma pausa, perdida por instantes. Do que é que tinha estado à procura na mala? Olhou fixamente para o cartão de crédito, abanou a cabeça e depois enfiou-o de novo na carteira. — Não gostas de estar onde estás? Os teus professores estão sempre a dizer-me que és muito inteligente, mas se as outras meninas são um problema, podemos procurar outra escola.

— Não, as outras meninas não são problema. — Adrianne considerava a maior parte delas presunçosas e egocêntricas, mas inofensivas. — Parece-me um desperdício de dinheiro, quando eu podia aprender as mesmas coisas noutra sítio.

— Só isso? — A rir-se, Phoebe atravessou o quarto para dar um beijo na filha. — O dinheiro é a última coisa com que tens de te preocupar. É importante para mim, tão importante, dar-te o melhor, Addy. Sem

isso... bem, não importa. — Beijou-a novamente. — Tu vais ter o melhor e no próximo ano vais estar a ver o oceano da janela.

— Já tenho o melhor — disse-lhe Adrienne. — Tenho-te a ti.

— És boa para mim. Bem, tens a certeza que não queres vir comigo à manicure?

— Não, tenho teste de Espanhol na segunda-feira. Preciso de estudar.

— Trabalhas demasiado.

Desta vez, Adrienne sorriu. — A minha mãe também.

— Então merecemos ambas um mimo. — Phoebe voltou a abrir a mala. Teria o cartão de crédito? — Vamos àquele restaurante italiano que tanto gostas e comer esparguete até serem obrigados a rebolar-nos porta fora.

— Com bastante alho?

— O suficiente para ninguém se aproximar de nós. Depois vamos ao cinema ver a *Guerra das Estrelas* de que todos falam. Estou cá por volta das cinco.

— Estarei pronta.

La correr tudo bem, decidiu Adrienne quando já estava a sós. Phoebe estava bem; estavam ambas bem enquanto tivessem uma à outra. Ligou o rádio e foi mudando a frequência até encontrar uma estação de rock. Música americana. Adrienne sorriu e cantou algumas estrofes ao som de Linda Ronstadt.

Gostava de música americana, de carros americanos, de roupa americana. Phoebe tinha tratado de tudo para que Adrienne tivesse cidadania americana, mas Adrienne não conseguia ver-se como uma típica adolescente americana.

Era desconfiada com os rapazes, enquanto que as raparigas da sua idade os perseguiam incansavelmente. Davam risadinhas, falavam sobre beijos de boca aberta e de carícias. Ela duvidava que alguma dessas raparigas tivesse visto a mãe ser violada. Até as suas amigas mais próximas pareciam fazer da rebelião a sua maior prioridade. Como podia Adrienne rebelar-se contra a mulher que tinha arriscado a vida para a manter em segurança?

Algumas entravam furtivamente com erva para a escola e fumavam-na na casa de banho. Aceitavam as drogas com descontração, enquanto ela tinha pavor delas.

Havia o título que a separava das amigas. Mais do que uma palavra, estava no seu sangue, era um laço com o mundo em que vivera os primeiros oito anos da sua vida. Um mundo que nenhuma das privilegiadas meninas americanas seria capaz de compreender.

Ela partilhava da cultura delas e estava grata por muitas coisas que elas tomavam como garantidas. Mas ainda havia momentos privados em que ela sentia saudades do harém e do conforto da família.

Pensou em Duja, que tinha casado com um rico negociante de petróleo americano, mas que estava tão afastada da sua vida como Jiddah, ou Fahid, ou o irmão e a irmã que haviam nascido depois que ela deixara Jaquir.

Adrienne pôs o passado para trás das costas e abriu os livros sobre uma mesa perto da janela do jardim.

Passou a tarde de um modo bastante agradável, com a música mais alta do que Phoebe gostava e o pacote de batatas fritas com sabor a barbecue como almoço. A escola era para si uma alegria, mais uma coisa que deixava as amigas perplexas. Mas elas viam a educação como um direito, uma necessidade chata até, e não como um privilégio. Nove anos da vida de Adrienne haviam passado até que tivesse aprendido a ler, mas ela tinha compensado o tempo perdido, satisfazendo e espantando Phoebe ao tornar-se uma aluna exemplar. Aprender era para Adrienne um fascínio tão grande como o enérgico *rock and roll* que ouvia pelo rádio.

Tinha sonhos. Aos catorze anos, focavam-se em tornar-se uma engenheira. A matemática era como uma língua para si e ela era já fluente em álgebra. Com a ajuda de uma professora interessada, começava a dominar o cálculo. Também se sentia intrigada pelos computadores e pela eletrónica.

Adrienne estava a tentar resolver uma difícil equação quando ouviu a porta abrir-se.

— Voltaste cedo. — O seu sorriso de cumprimento desapareceu quando levantou os olhos e viu Larry Curtis.

— Sentiste a minha falta, boneca? — Largou o saco de viagem e sorriu para ela. Tinha inalado uma linha de coca no lavatório do avião mesmo antes da aterragem. Estava a sentir-se muito bem. — E que tal um beijo ao tio Larry?

— A minha mãe não está. — Adrienne parou de balançar as pernas e endireitou-se na cadeira. Ele fê-la ter consciência dos calções curtos e dos seios pequenos debaixo da t-shirt. Ao pé dele, ela desejava a proteção da *abaya* e do véu.

— Deixou-te sozinha? — Era raro encontrar Adrienne sem vigiância. Pondo-se à vontade, ele foi até ao armário da cozinha e tirou uma garrafa de bourbon. Adrienne observou-o num silêncio reprovador.

— Ela não estava à tua espera.

— Resolvi as coisas mais cedo. — Bebeu e depois virou-se para examinar as pernas magras morenas debaixo da mesa. Há meses que queria

enfiar as mãos no meio daquelas lindas coxas. — Felicita-me, querida. Acabei de fechar um negócio que vai manter-me no topo durante os próximos cinco anos.

— Parabéns — disse ela educadamente, começando a empilhar os livros. Iria refugiar-se no quarto e trancaria a porta.

— É isto que fazes numa ótima tarde de sábado? — Larry pôs uma mão sobre a dela, que estava em cima do livro de Espanhol. Adrienne paralisou à espera que as marteladas na base do seu crânio abrandassem. Ela sabia quando um homem sentia desejo. Tinha crescido a ouvir falar no assunto. O estômago azedou-lhe quando ela o fitou.

Ele tinha mudado pouco desde a primeira vez que o vira. O cabelo estava um pouco mais curto e as camisas em tom pastel e as correntes tinham dado lugar a roupa desportiva *Izod* e a ténis. Mas, debaixo disso, ele era exatamente o que sempre fora. Celeste chamara-lhe uma vez escorregadio. Ao olhar para ele, a palavra fez Adrienne pensar em lodo.

— Quero ir guardar os meus livros. — Ela manteve o olhar firme, mas os nervos eram perceptíveis na voz. Ao ouvi-los, Larry sorriu.

— Ficas bonita com as pilhas de livros em volta. És muito estudiosa. — Terminou a bebida, mas manteve a mão sobre a dela. Ela estava excitada, pensou ele ao sentir a pulsação acelerada de Adrienne debaixo dos dedos. Com medo e excitada. Tal e qual gostava delas. — Cresceste muito, boneca. — Sem dúvida, pensou ele. Os cabelos chegavam-lhe à cintura, pretos e lisos como uma seta. A pele era fresca, húmida, dourada, e os olhos, tão escuros como o cabelo, estavam arregalados com medo. Ela sabia exatamente o que ele estava a pensar. Isso excitava-o, tal como o corpo firme e ainda imaturo o excitava.

— Tenho-te observado ao longo dos anos, querida. Tu e eu podíamos fazer uma equipa e tanto. — Molhou os lábios e depois coçou deliberadamente com a mão livre as entrepernas. — Podia ensinar-te mais do que está nesses livros.

— Tu fazes sexo com a minha mãe.

Os dentes dele cintilaram. Ele gostava da maneira de ser direta dela. — Exatamente. Vamos manter isto na família.

— És nojentto. — Soltou a mão com um puxão e levantou os livros como um escudo. — Quando eu disser à minha mãe...

— Não vais dizer nada à tua mãe. — Ele continuava a sorrir. A droga fazia-o sentir-se alto, forte e sexy; o álcool fazia-o sentir-se confiante, inflexível e determinado. — Sou eu quem põe comida na mesa, lembras-te?

— Tu trabalhas para a minha mãe; não é ela que trabalha para ti.

— Vê se acordas. Sem mim, a Phoebe Spring não conseguia tra-

balho nem a vender sacos de lixo num anúncio publicitário de trinta segundos. Ela está acabada e tu e eu sabemos isso. Sou eu que pago esta casa, boneca. Arranjo-lhe um trabalho de vez em quando e mantenho longe da imprensa o facto de ela ser uma viciada em comprimidos e uma bêbeda. Devias mostrar um pouco de gratidão.

Ele lançou-se tão rapidamente que o grito de Adrienne ficou preso na garganta. Os livros voaram quando ele a arrastou para cima da mesa. Ela resistiu-lhe, dando pontapés e atacando-o com as mãos, mas conseguiu apenas arranhar-lhe ligeiramente o rosto antes de ele lhe prender os braços.

— Vais agradecer-me por isto — disse-lhe ele antes de a beijar na boca.

Ela sentiu a náusea crescer, quente e amarga na garganta, sufocando-a. Teve de arquejar para conseguir recuperar o fôlego. Ele dobrou-se sobre ela em cima da mesa. Como ela não abria os lábios, ele continuou, chupando-lhe o seio através da t-shirt. Havia dor, uma dor muito forte, mas mais profunda era a vergonha.

Ela começou a gritar incessantemente e a contorcer-se, desesperada por se libertar. O copo que ele tinha pousado na mesa caiu ao chão e partiu-se. O som fê-la regressar a Jaquir, ao quarto da mãe.

Através de olhos aterrorizados, ela viu o pai debruçado sobre si, sentiu as suas mãos violarem-na, rasgarem-lhe a camisola. Os gritos transformaram-se em choro quando a mão dele deslizou pela perna dela acima e se enfiou dentro dos calções para tocar e penetrar.

A resistência dela estava a enlouquecê-lo de desejo. Para ele, ela era como um fruto acabado de colher, firme, liso e suculento. O corpo era tão magro como o de um rapaz, mas suave como manteiga. Ele sentia-se duro e pesado como pedra. Não havia nada comparável a uma virgem, pensou ele enquanto a puxava para o chão. Nada comparável a uma virgem. A arfar, apertou-lhe os seios pequenos com as mãos e viu as lágrimas escorrerem pelo rosto dela. A luta estava a extenuá-la. Ele puxou-a com facilidade para debaixo de si enquanto ela tentava rastejar para longe.

Ela já quase não conseguia senti-lo. O corpo e a mente tinham-se separado. Ela ouvia um choro, mas parecia-lhe vindo de outra pessoa. Havia dor, mas era uma dor apática, atenuada pelo choque.

A mulher era mais fraca do que o homem, estava sujeita ao homem, era feita para ser guiada pelo homem.

Então, de repente, ele desapareceu. Ela ouviu gritos e um estrondo. Não lhe dizia respeito. Virou-se de lado e encolheu-se numa bola.

— Filho da mãe! — Phoebe estava agarrada ao pescoço dele. De

olhos arregalados e dentes cerrados, estava a sufocá-lo. Apanhado de surpresa, Larry recuou em desequilíbrio. Conseguiu libertar-se das mãos dela e recuperar o fôlego imediatamente antes de as unhas acabadas de arranjar lhe cortarem o rosto.

— Puta tresloucada! — Com um uivo de dor, empurrou-a para trás. — Foi ela quem pediu. Ela queria.

Phoebe lançou-se para cima dele como um tigre, socando-o e cravando-lhe dentes e unhas. Rasgando-lhe roupa e carne. Estavam praticamente empatados no que dizia respeito a altura e peso, mas ela estava dominada por uma fúria tão avassaladora, tão intensa, que só o assassinato poderia aplacar.

— Vou matar-te. Vou matar-te por teres posto as tuas mãos imundas em cima da minha menina. — Mordeu-lhe profundamente o ombro e sentiu o sabor do sangue.

Amaldiçoando-a, ele desferiu um soco e, mais por sorte do que por habilidade, acertou-lhe no queixo com força suficiente para a deixar atordoadada. — Cabra inútil! — Ele estava também a chorar convulsivamente, estupefacto com o facto de uma mulher ter conseguido magoá-lo. O seu rosto estava ensanguentado e tinha o peito e os braços doridos. Uma dor dilacerante subiu-lhe pela perna quando ele se levantou. — Ficaste com ciúmes porque eu quis provar a miúda. — Passou com uma mão por baixo do nariz e procurou atrapalhadamente um lenço para estancar o sangue. — Partiste-me o nariz!

A arfar, Phoebe levantou-se. Viu a garrafa de bourbon aberta em cima da mesa. Pegou na garrafa, partiu-a e apontou-lhe a extremidade aguçada. O seu rosto deslumbrante estava contorcido de raiva e havia uma mancha de sangue, do sangue dele, no seu lábio. — Sai daqui. Sai daqui antes que eu te corte em pedacinhos.

— Eu vou. — Ele manquejou até à porta, com o lenço ensopado em sangue encostado à cara. — Está tudo acabado, querida. E se pensas que algum outro agente vai querer representar-te, estás muito enganada. Estás acabada, minha querida. Nesta cidade, não passas de uma triste piada. — Abriu a porta quando Phoebe avançou. — Não me chames quando ficares sem comprimidos e sem dinheiro.

Quando a porta bateu, ela atirou a garrafa contra esta. Queria gritar, levantar a cabeça no meio da sala e gritar. Mas havia Adrianne. Phoebe agachou-se ao seu lado e abraçou-a delicadamente.

— Pronto, bebé, não tenhas medo. A mamã está aqui. — A tremer, Adrianne aconchegou-se contra ela. — Estou aqui, Addy, estou aqui. Ele foi-se embora. Ele foi-se embora e nunca mais vai voltar. Nunca mais ninguém te vai fazer mal.

A t-shirt da menina estava em farrapos. Phoebe abraçou a filha com força e embalou-a. Não havia sangue. Ela tentou confortar-se com isso. Ele não a tinha violado. Só Deus sabia o que ele tinha feito a Adrianne antes de os ter encontrado, mas ele não tinha violado a sua menina.

Quando Adrianne começou a chorar, Phoebe fechou os olhos e continuou a embalá-la. As lágrimas iam ajudá-la. Ninguém sabia isso melhor que ela própria. — Vai tudo ficar bem, Addy. Prometo. Vou fazer o que é melhor para ti.